

TRAVESSIAS

EMEI GABRIEL PRESTES



Grupo de Estudos Mapografias Urbanas – GeMAP

Travessias – EMEI Gabriel Prestes (2024) [livro eletrônico] / GeMAP. EMEI Gabriel Prestes. -- São Paulo: Coletivo Transverso, 2026. PDF

Vários colaboradores

Bibliografia

ISBN 978-65-996468-9-8

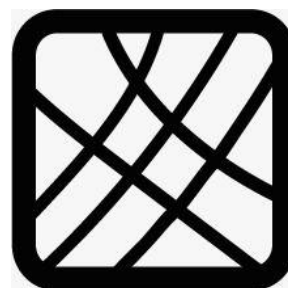
1. Educação 2. Espaço público 3. Criança e cidade 4. Cartografias 5. Urbanismo I. Grupo de Estudos Mapografias Urbanas. II. Título

TRAVESSIAS

EMEI GABRIEL PRESTES

PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ENTRE

EMEI
GABRIEL PRESTES



GeMAP

GRUPO DE ESTUDOS
MAPOGRAFIAS URBANAS



Saída para o SESC 24 de Maio.
Foto de Adriana Lima, 2024.

EQUIPE – EMEI GABRIEL PRESTES

DIREÇÃO

João Kleber de Santana Souza

COORDENAÇÃO

Edna Conceição Monteiro

Marilene Sales de Melo

PROFESSORAS

Amanda Gomes Pinto

Amanda R. Panciera

Alessandra Gomes Teixeira

Cerilde Ferronato

Edna Monteiro Conceição

Luiza Bertoncello Vecchi

Michele Rodrigues de Souza

Rosemayre O. A.

Thais Rodrigues Galvão Leitão

Vanessa de Oliveira Santos

Deixamos aqui também um agradecimento especial a todos os profissionais de suporte da escola, educadores de apoio e aos responsáveis disponíveis.

EQUIPE – GeMAP

COORDENADOR

Jorge Bassani

ACOMPANHAMENTO

Adriana Lima

PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADES

Carlos Hidalgo Zunino

Carol Clasen

Cauê Augusto Maia Baptista

RELATÓRIOS E MAPAS

Adriana Lima

Beatriz Camera Menezes

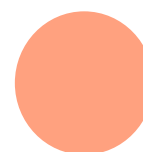
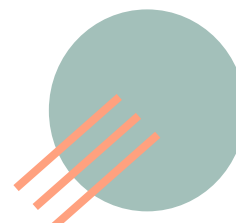
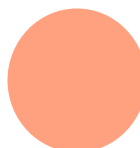
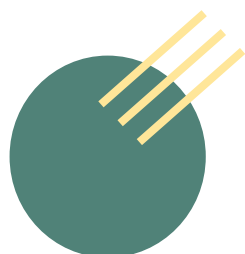
Celso Amaral Pereira.

Nicole Garcia

Pedro Henrique de Sá Gilli

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Adriana Lima





Saída para a FUNARTE.
Foto de Adriana Lima, 2024.

APRESENTAÇÃO

O presente documento tem como objetivo compilar o registro das travessias realizadas pelas crianças da EMEI Gabriel Prestes, no ano de 2024. Essas experiências, marcadas pelos atravessamentos na cidade de São Paulo, não apenas revelam o potencial educativo da cidade, mas também documentam momentos de descobertas e aprendizagens compartilhadas entre crianças, educadores, famílias e pesquisadores no espaço urbano.

Inspirados pelo Currículo da Cidade (Prefeitura de São Paulo, 2019) e alinhados aos projetos do Plano Político-Pedagógico (PPP) da unidade escolar, entendem a cidade como um espaço de formação integral. Essas diretrizes incentivam a vivência de experiências artísticas, culturais e de lazer nos espaços públicos e/ou privados, contribuindo para a construção de uma educação que conecta escola-território.

A realização deste documento só é possível pela parceria entre a direção, coordenação e educadoras da EMEI com o projeto de extensão universitária da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo (FAU-USP), por meio do Grupo de Estudos de Mapografias Urbanas (GeMAP). O acompanhamento buscou compreender os processos de ensino, estudo e apropriação do entorno, por meio das educadoras e dos projetos.

Com esse registro, esperamos contribuir para as reflexões que valorizem o diálogo entre educação e cidade, reforçando a importância de construir espaços urbanos mais equitativos.



Saída para a EMEI Armando de Arruda Pereira.
Foto de Celso Amaral Pereira, 2024.

PREFÁCIO

HÁ LIVROS QUE SE LEEM COM OS OLHOS. ESTE, LI COM OS PÉS.

Cada página me fez caminhar — não pela cidade que descreve, mas pelo tempo que ela sustenta. O que encontrei não foi uma revista, mas uma aposta: a de que o encontro entre crianças e cidade pode ser, antes de tudo, experiência.

Aprendi que experiência é aquilo que nos acontece, que nos passa, que nos toca. E este caderno me tocou porque recusa a pressa de transformar a rua em conteúdo didático. A cidade não aparece aqui como extensão da sala de aula, mas como aquilo que resiste ao plano: a subida que cansa, o semáforo que demora, o olhar do passante que não vê. E, no meio disso, um gesto simples — marcar o chão com uma cor, um nome, uma presença. Dizer: aqui passaram crianças.

Esse gesto me pareceu a própria definição de experiência: algo que se inscreve no mundo sem pedir permissão. Algo que transforma quem o faz e quem o vê. Porque ao marcar o chão, elas não apenas ocupam a cidade — elas a convocam a vê-las. E a cidade, por um instante, deixa de ser fluxo para ser encontro.

O caderno inteiro respira esse tempo: o tempo da caminhada, da escuta, do que não se apressa em ser útil. Não é um manual de boas práticas. É um documento do que acontece quando se decide que educar pode ser, antes de qualquer programa, a coragem de deixar o mundo tocar as crianças — e de se deixar tocar por elas.

Ao terminar, fiquei com a sensação de que este texto não descreve uma metodologia, antes ele viveu. E que sua força maior está em nos lembrar que a cidade, quando habitada com esse cuidado, pode educar sem nunca ter dito que estava ensinando.

João Kleber
Diretor da EMEI Gabriel Prestes



Saída para a Instituto Moreira Salles (IMS-SP).
Foto de Uli, 2024.

SUMÁRIO

1.0 EMBASAMENTO	17
1.1 Cidade Educadora	18
1.2 Plano Político Pedagógico	20
2.0 TERRITÓRIO	23
2.1 Território Educativo das Travessias	24
2.2 A EMEI Gabriel Prestes	25
2.3 Perfil	28
3.0 PROJETOS	33
3.1 Exploradores da Cidade	34
3.2 Conhecendo e Sendo & Criança na Área	36
3.3 Ruas Indígenas	38
4.0 METODOLOGIA	43
4.1 Processos	44
4.2 Ferramentas	46
5.0 TRAVESSIAS	55
5.1 Tipos e Distâncias	56
5.2 Percursos	58
5.2.1 Quadra	58
5.2.2 Casa Amarela	60
5.2.3 Parque Augusta	62
5.2.4 SESC 14 Bis	64
5.2.5 Instituto Moreira Sales	66
5.2.6 Caixa Cultural	68
5.2.7 Biblioteca Monteiro Lobato	70
5.2.8 FUNARTE	72

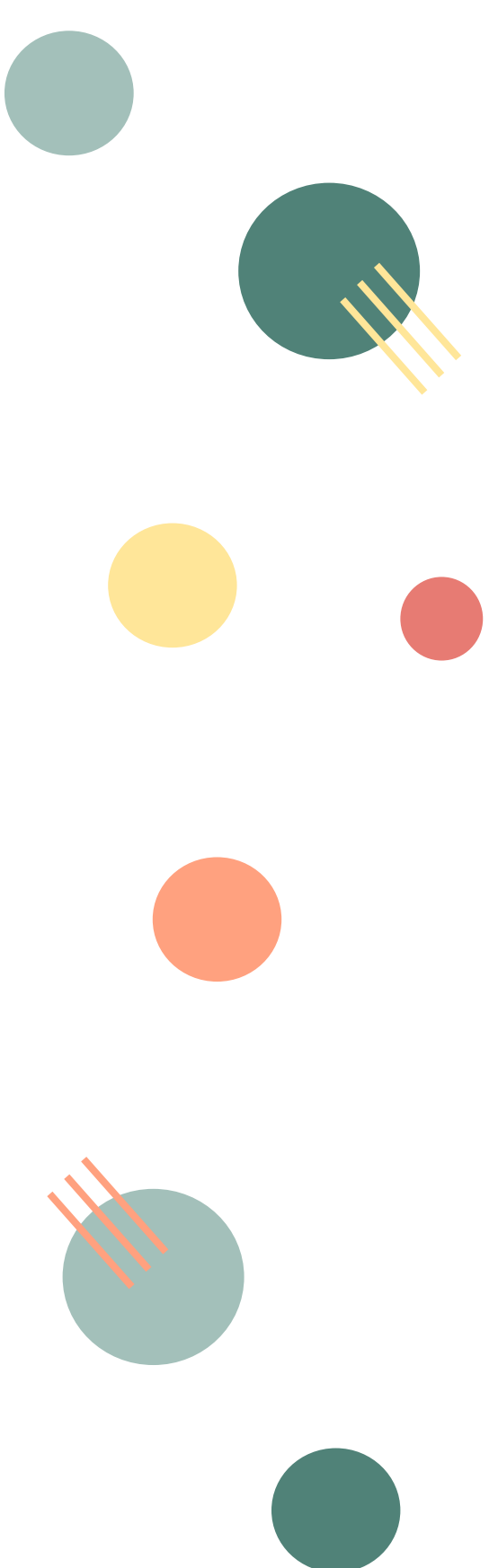
5.2.9 SESC 24 de Maio	74
5.2.10 SESC Consolação	76
5.2.11 SESC Pompeia	78
5.2.12 Matilha Cultural	80
5.2.13 Correios	82
5.2.14 Conjunto Nacional	84
5.2.15 Museu do Inseto	86
5.2.16 Museu Judaico	88
5.2.17 Solar da Marquesa	90
5.2.18 Praça Roosevelt	92
5.2.19 Cortejo da Virada da Educação	94
5.2.20 Cortejo do Boi Pretinho	96
5.2.21 EMEI Monteiro Lobato	98
5.2.22 Praça Buenos Aires	100
5.2.23 FAU-USP	102
5.2.24 Museu da Diversidade	104
5.2.25 Museu de Arte Brasileira da FAAP	106
5.2.26 Pinacoteca	108
5.2.27 Teatro FIESP	110
5.2.28 Praça da República	112
5.2.29 EMEI Patrícia Galvão	114
5.2.30 EMEI Armando de Arruda Pereira	116
5.2.31 Museu da Imigração	118
5.2.32 Arquivo Municipal da Luz	120
5.2.33 Paço das Artes	122
5.2.34 Igreja Nossa Senhora da Consolação	124
5.2.35 Rua Avanhandava	126
 6.0 CONSIDERAÇÕES	 131
6.1 Atravessamentos e Desafios	132
 7.0 REFERÊNCIAS	 137



Saída para o Museu da Cidade
Solar da Marquesa e Beco do Pinto
Foto de Adriana Lima, 2024.

01

EMBASAMENTO



1.1 - CIDADE EDUCADORA

A pauta do território, no campo da educação, entrou em destaque e teve relevância mundial partindo do 1º Congresso Internacional de Cidades Educadoras, em 1990. O encontro buscava discutir as influências e impactos do ambiente urbano na formação dos sujeitos, estimulando a revisão e o fortalecimento de abordagens pedagógicas de caráter interdisciplinar. Entre seus princípios básicos¹, destacou-se a produção do pensamento sobre um contexto que colocasse em primeiro plano os perfis mais vulneráveis, com centralidade em crianças e jovens, instigando a reflexão e a construção de uma cidade com mais acessibilidade, sustentabilidade, ergonomia, informação, lazer, cultura, esporte, espaços verdes e diversidade de modais. (*Asociación Internacional de Ciudades Educadoras, 1990*).

Um dos reflexos dessa discussão no Brasil são os Territórios Educativos, que frisam o direito à cidade como política pública. A proposta está embasada em duas grandes legislações, sendo o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2014), em ressonância a pautas também tratadas no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), em que se coloca o Estado como responsável por promover uma educação integrativa, estabelecendo esses territórios, a fim de oportunizar o acesso a espaços de esporte, cultura e lazer.

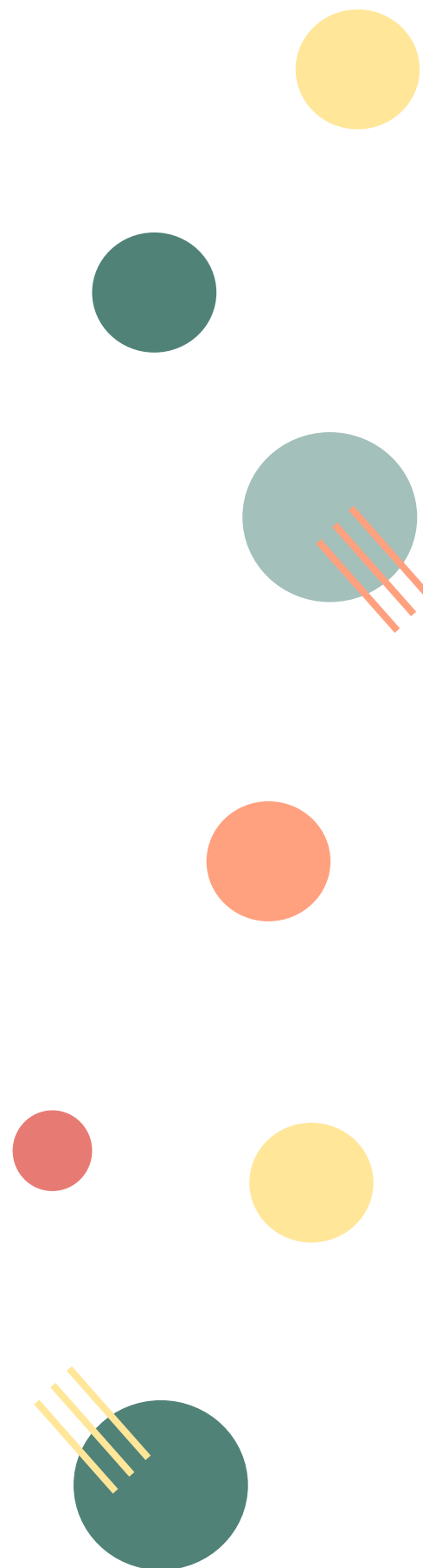
O projeto dá voz aos lugares, analisando e revisando as estruturas existentes, como também o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, social e sustentável, onde se instaura a

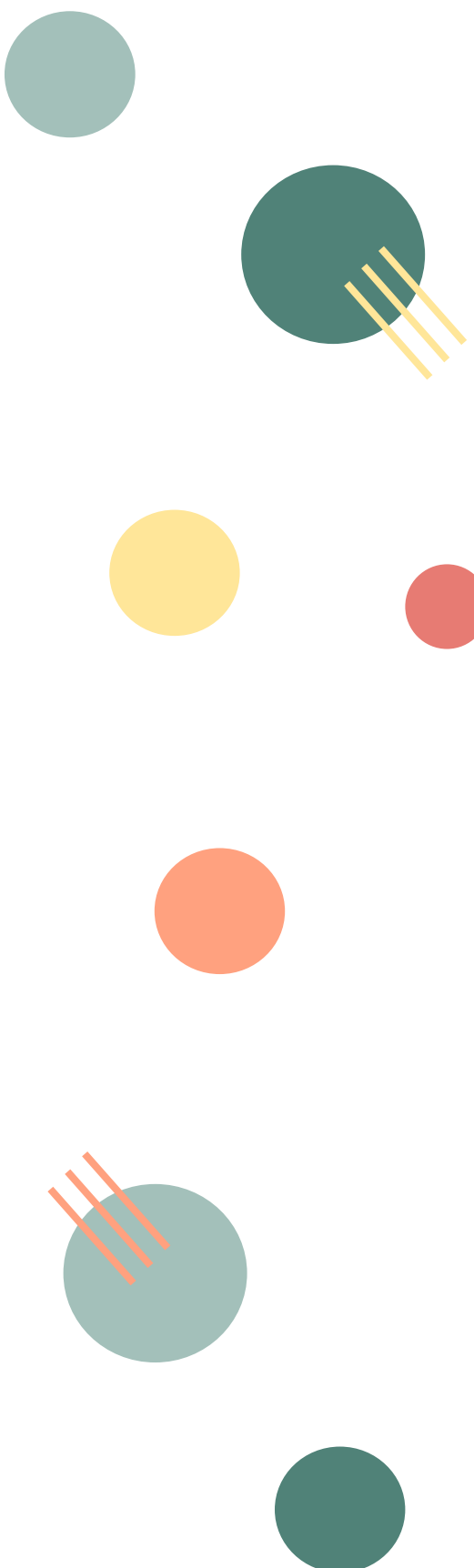
¹ A Carta das Cidades Educadoras foi o produto dessa reunião, baseando-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), na Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial (1965), Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966), Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) e Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990).

justiça social. Para tanto, é fundamental a articulação entre agentes e setores governamentais, não apenas para o desenvolvimento equilibrado, bem como o desenvolvimento humano, na promoção de qualidade de vida e bem-estar social. (Pedro e Stecanela, 2019). A partir disso, o programa propõe quatro premissas, às quais se atém:

- Participação e Controle Social: objetivo de aprofundar as discussões e reflexões coletivas por meio de audiências, fóruns, congressos e similares;
- Escolas como agentes de transformação e liderança local: entende-se o território como campo de estudo e pesquisa, buscando o reconhecimento, pertencimento e a transformação, promovendo a ampliação das conexões, recursos, espaços, diálogos e agentes, contribuindo para um aprendizado por meio de saberes formais e informais;
- Intersetorialidade e novas dimensões do poder público: consiste na descentralização, conexão e articulação de estratégias para além dos limites políticos administrativos estabelecidos pelo governo, buscando um desenvolvimento local e soluções integradas, frutos do compartilhamento dos desafios, processos, métodos e recursos;
- Acesso a bens culturais na cidade: a construção do vínculo e reconhecimento, por meio da descoberta, encantamento e convivência com o ambiente, partindo do aproveitamento dos equipamentos, infraestruturas e narrativas, que precisam ser desenhadas como propostas de projeto político-pedagógico das instituições

Neste contexto, as saídas pela cidade deixam de ser compreendidas como passeios ocasionais e passam a integrar as intencionalidades pedagógicas do professor. Elas emergem da escuta atenta das crianças, de suas curiosidades e experiências compartilhadas em rodas de conversa, transformando-se em investigações que ganham forma no território. A cidade torna-se, assim, espaço de aprendizagem sensível,





onde se manifestam as “cem linguagens” da criança (Malaguzzi, 1999). Ao mesmo tempo, reconhece que cada criança aprende de forma singular, mobilizando diferentes modos de compreender o mundo, conforme a perspectiva de inteligências múltiplas (Gardner, 1995). Planejar percursos com as crianças fortalece o engajamento, amplia repertórios culturais e legitima sua autonomia na aprendizagem.

As diretrizes discutidas precisaram de espaço para absorção e aderência nos núcleos escolares, suas comunidades e entornos construídos; criando assim desdobramentos de projetos a partir das realidades locais. Dentre os inúmeros exemplos práticos e significativos, encontra-se o projeto Território Educativo das Travessias, desenvolvido na região central da cidade de São Paulo, que fortalece o vínculo entre as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) em prol da descoberta da cidade com as crianças.

1.2 – PLANO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

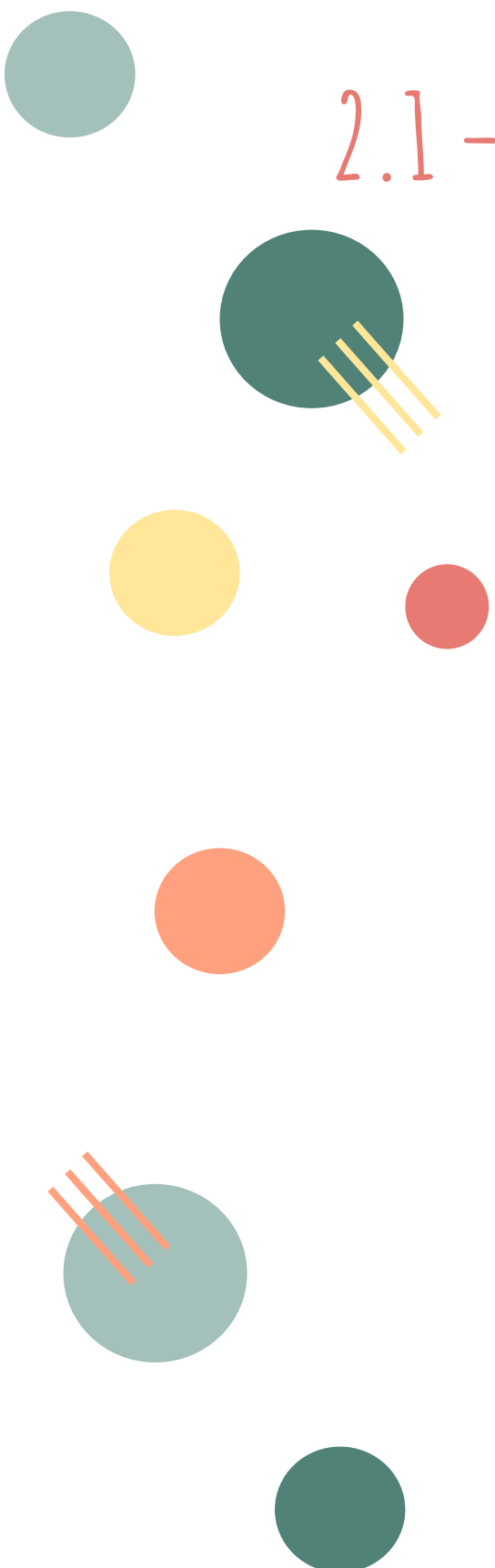
Segundo o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da EMEI (2024), as crianças são protagonistas do processo educativo, orientadas pelos princípios de autonomia, responsabilidade e solidariedade. A proposta coletiva do projeto “Território Educativo das Travessias” enfatiza a relação ativa com o meio urbano, apostando na ocupação da cidade, no fortalecimento dos vínculos entre a escola e a comunidade, trabalhando pela ampliação da visibilidade das crianças. A partir das diretrizes do PPP e dos desdobramentos de projetos, destacam-se projetos – iniciados em momentos distintos – pelas educadoras Edna Conceição Monteiro, Vanessa de Oliveira e Michele Rodrigues de Souza, que norteiam a metodologia de trabalho dos atravessamentos. Cumpre ressaltar que a potência dessa construção coletiva, bem como a persistência e o avanço das pautas em debate, também se alicerçam na experiência, disposição e empenho das demais educadoras na continuidade dos trabalhos e envolvimento das turmas.



Saída para o SESC Pompeia
Foto de Amanda Paciero, 2024.

02

TERRITÓRIO



2.1 – TERRITÓRIO EDUCATIVO DAS TRAVESSIAS

A iniciativa, denominada como Território Educativo das Travessias (anteriormente denominada como Território Consolação), é um projeto político-pedagógico integrado, que existe há uma década, atualmente relacionando as Escolas Municipais de Ensino Infantil da Patrícia Galvão, Gabriel Prestes, Monteiro Lobato, Armando de Arruda Pinheiro e Prof. Alceu Maynard de Araújo. A proposta, encabeçada pelo coletivo Movimento Entusiasmo, em conjunto com profissionais da educação, consiste em fortalecer o vínculo entre as escolas, parceiros e famílias, enfatizando o pertencimento ao território, por meio da escuta e programação de atividades internas e coletivas relacionadas à gestão e às crianças. (Educação e Território, s.d.)

Há um enfoque na promoção de experiências fora da sala de aula, permitindo que os alunos explorem o espaço e aprendam por meio do contato com o mundo real. Os educadores reconhecem a importância de aprender dentro da cidade, com cidade e sobre a cidade, pois cada passo dado por uma criança altera a dinâmica temporal do ambiente urbano. Dentro dessas iniciativas colaborativas, destaca-se a Virada da Educação, um evento do calendário unificado das escolas, que reúne em atividades conjuntas, como visitas e celebrações, culminando em um cortejo simbólico no território. (Educação e Território, s.d.)

“A cada travessia estreitamos a relação com o bairro, as pessoas e a cidade. Claro que visitar os espaços culturais é importante, mas também os urbanos, as lojas, os shoppings, as praças, enfim, todos os lugares onde as pessoas transitam, trabalham, se encontram, se desencontram e propiciam oportunidades de aprendizagem e ampliação do repertório cultural das pessoas. Nossas travessias são potentes. Elas transformam a cidade e humanizam as relações”.

Claudia Rosa de Oliveira, diretora EMEI Patrícia Galvão

Além de envolver atividades práticas relacionadas ao direito de transitar e explorar a cidade, as crianças são estimuladas a refletir sobre os diversos atores envolvidos, as forças do mercado, as mudanças temporais e as infraestruturas urbanas. O protagonismo dos alunos vai além da liberdade de caminhar; elas são incentivadas a considerar as influências dessas instâncias, o planejamento urbano, que as negligenciam e os agentes que promovem o apagamento de suas vozes.

O Território Educativo das Travessias ilustra como a educação pode redefinir a relação das crianças com a cidade. Iniciativas como a Virada da Educação, estimulam o envolvimento e a interação com o ambiente urbano, fomentando um senso de pertencimento e responsabilidade cívica em toda a comunidade. Os projetos coletivos e internos das escolas fortalecem a presença das crianças como uma forma de resistência, gerando memórias e vínculos afetivos duradouros.

2.2 – A EMEI GABRIEL PRESTES

A escola carrega em seu nome a memória de um grande defensor da educação infantil e das causas do ensino público. Gabriel Prestes destacou-se como professor, jornalista e político comprometido com a ampliação e regulamentação do ensino em São Paulo. Em sua trajetória, deixou contribuições como a criação de novas escolas normais, a construção de espaços voltados à educação infantil e a publicação de materiais que orientavam os professores. Seu legado como educador visionário se baseava na crença de que a criança é protagonista do aprendizado, que ressoa até os dias de hoje nas práticas pedagógicas da EMEI. (PPP, 2024).

O legado histórico da escola remonta à criação dos Parques Infantis, idealizados por Mário de Andrade, na década de 1930. Esses espaços representam uma inovação na educação infantil ao unirem

atividades recreativas, culturais e assistenciais às crianças de 3 a 12 anos. O prédio da escola carrega marcas dessa concepção pioneira, onde a construção valoriza áreas externas e árvores frutíferas. Inspirados pelo regionalismo e pela valorização da cultura nacional, os Parques Infantis promovem uma educação integral, que inclui música, dança, folclore, jogo e assistência.

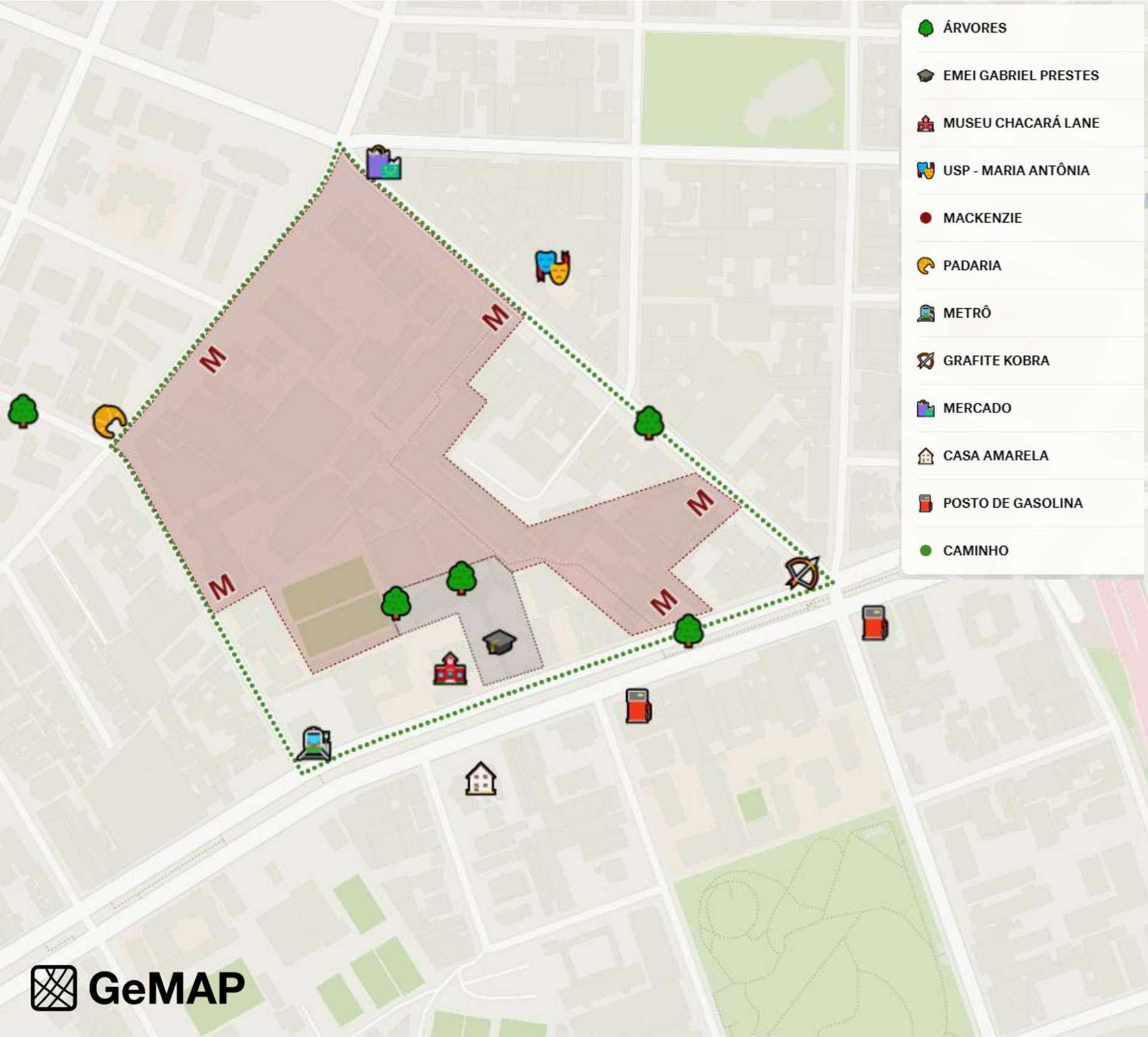
No entanto, a escola é marcada por desafios que testam sua existência. Mesmo com mais de 70 anos de ocupação na região central da metrópole, a escola passou por momentos de apagamento histórico e iminência de desapropriação. Em 2000, a unidade foi fechada e teve seu prédio cedido à Universidade Presbiteriana Mackenzie, resultando na perda do seu patrimônio histórico e imaterial. Mesmo reaberta em 2001, enfrentou outra ameaça de desaparecimento. Em 2019, a prefeitura anunciou a venda do terreno.

A resposta vem do coletivo. Crianças, familiares, educadores e parceiros do território mobilizaram-se em um ato de resistência. Empunhando cartazes e megafones, ocuparam espaços políticos-administrativos e reivindicaram o direito à escola pública e garantiram a sua continuidade.

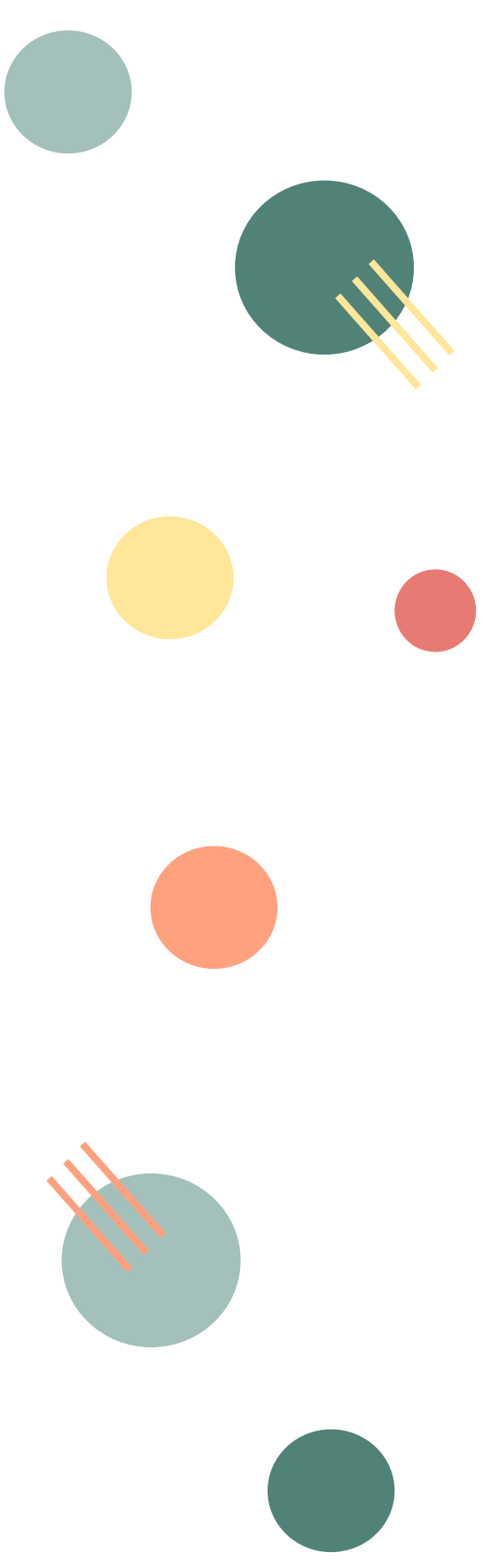
Hoje, a EMEI Gabriel Prestes se reafirma como espaço de preservação, acolhimento, aprendizado e luta cotidiana. Valorizando a autoria das crianças, promove vivências que extrapolam os muros da escola, dialogando com a cidade e suas transformações.



Cartaz produzido pelas crianças da EMEI Monteiro Lobato pela reivindicação da não desapropriação da EMEI Gabriel Prestes, 2021. Imagens presentes em Monteiro, 2021.



Esquema para ilustrar a localização da EMEI Gabriel Prestes e demais referências locais do entorno
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



2.3 - PERFIL

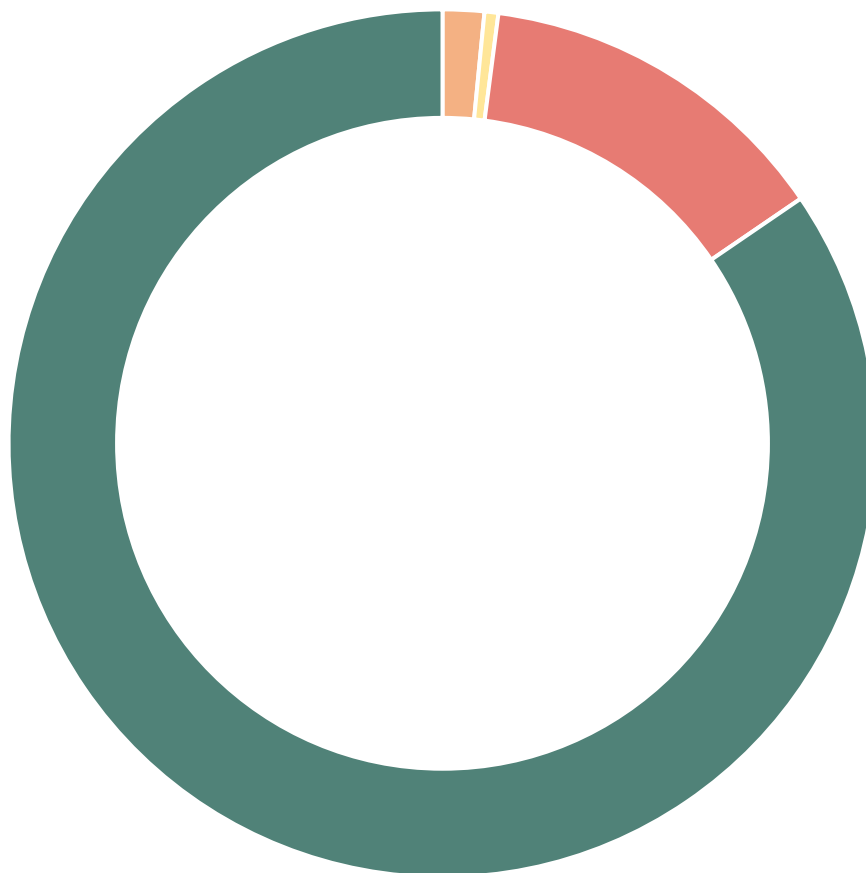
As crianças matriculadas na EMEI têm entre 4 e 6 anos. Segundo o Projeto Político-Pedagógico (PPP, 2024), embora a maioria delas tenha nascido em São Paulo e resida na região central da cidade, suas origens familiares são marcadas por uma rica diversidade. Muitas dessas crianças descendem de famílias oriundas de diferentes regiões do Brasil, especialmente das regiões Norte e Nordeste, o que amplia o mosaico cultural presente no cotidiano escolar.

Além disso, o centro da cidade, por ser um ponto de referência da metrópole, é também uma porta de entrada para o país e acaba por concentrar um fluxo constante de migrações internacionais. Esse contexto se reflete diretamente no perfil do público atendido pela escola, que tem recebido um número crescente de crianças com origem estrangeira, vindas de países africanos, latino-americanos, europeus e asiáticos.

Essa multiplicidade de origens contribui para a formação de um ambiente escolar profundamente intercultural, repleto de diferentes tradições, histórias e experiências. Tal diversidade oferece à comunidade escolar um campo fértil para o diálogo, a escuta ativa e a valorização das diferenças, tornando a EMEI um espaço ainda mais potente de construção coletiva do conhecimento e da cidadania.

Segundo o PPP da instituição (2024), há cerca de 195 crianças sendo atendidas, sendo 16% de crianças em contexto de migrações externas e mais 16% de crianças em contexto de migrações internas.

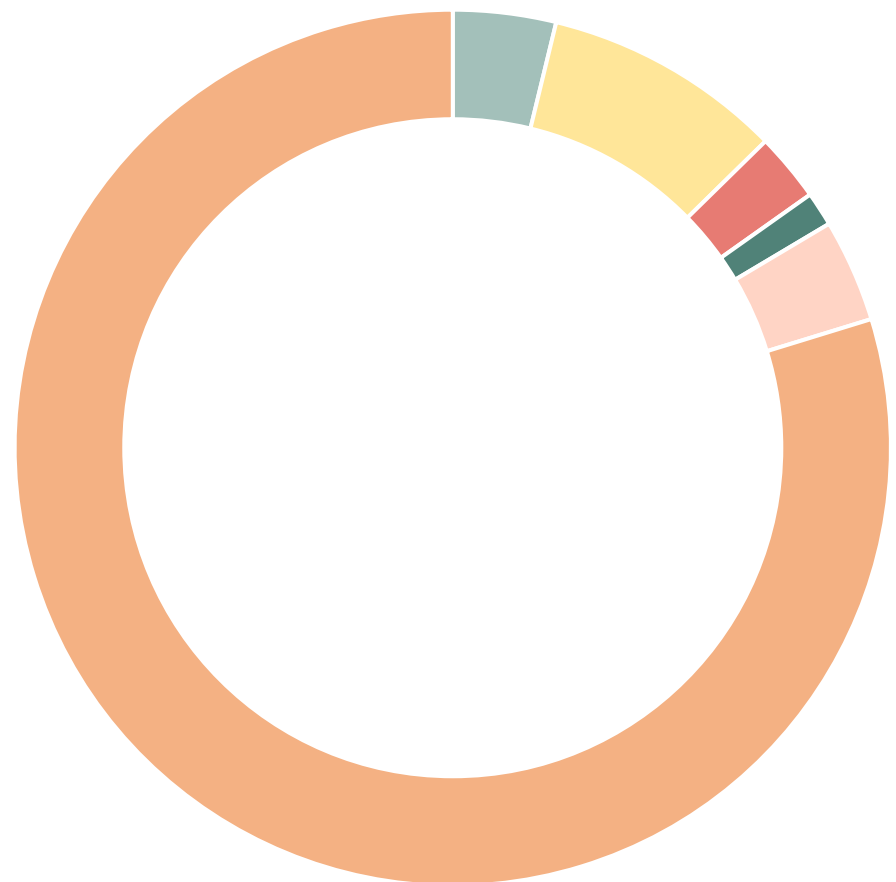
MIGRAÇÕES EXTERNAS



América Latina
 Europa

África
 Brasil

MIGRAÇÕES INTERNAS



Norte
 Nordeste

Centro-oeste
 Sul

Sudeste
 São Paulo



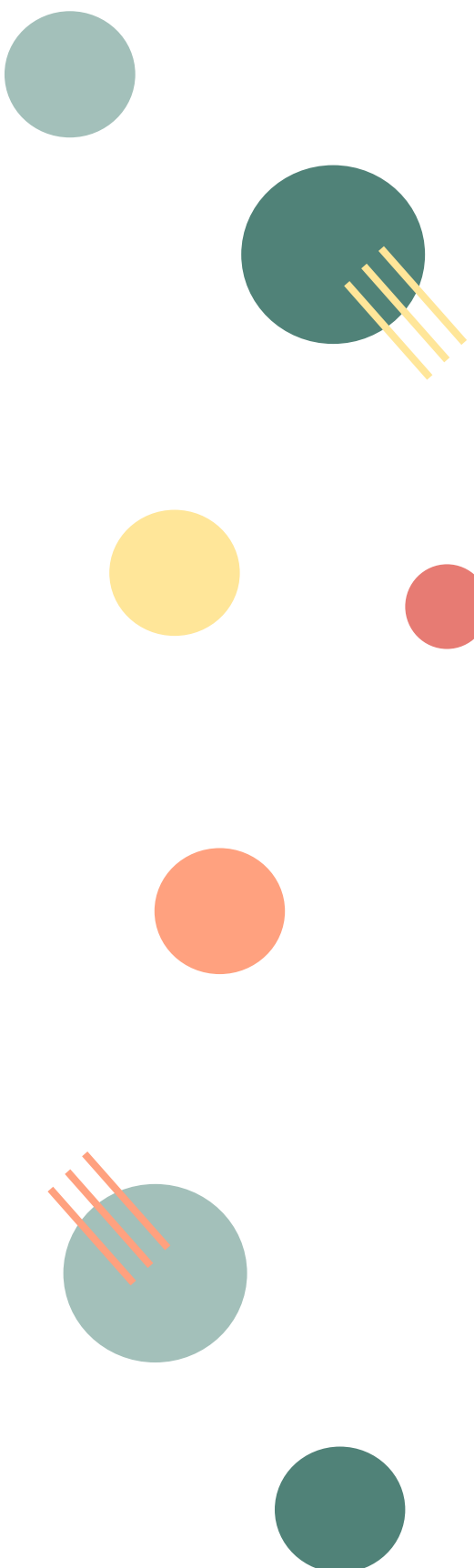
Cartazes para reivindicação da não desapropriação da EMEI Gabriel Prestes, 2019. João Kleber, 2019.



Momentos antes da Virada Educação 2024. Imagens de Edna Monteiro, 2024.

03

PROJETOS



Os projetos apresentados foram selecionados mediante a apresentação deles no PPP da instituição. Eles são tomados como referências estruturantes nas travessias. No entanto, não esgotam os modos e coexistem com outros arranjos construídos pelas demais educadoras.

3.1 – EXPLORADORES DA CIDADE

O primeiro projeto é denominado como “Exploradores da Cidade”, elaborado pela professora Edna Monteiro, uma ação premiada na edição de 2021 do “Meu pátio, meu mundo”². A educadora entende a cidade como uma extensão do território educacional da escola, indo além dos limites físicos do parque infantil, mas compreendendo também espaços públicos e privados. Entende-se que as saídas a pé podem enriquecer o repertório visual e sensorial, proporcionando uma nova dimensão territorial às crianças. Essas experiências ampliam a relação limitada de casa-escola, estabelecendo uma nova rede, reconhecendo novos pontos de visitação, interação e convivência. Ao explorar a cidade, partem de pontos em comum dos colegas, comércios, espaços de lazer e cultura.

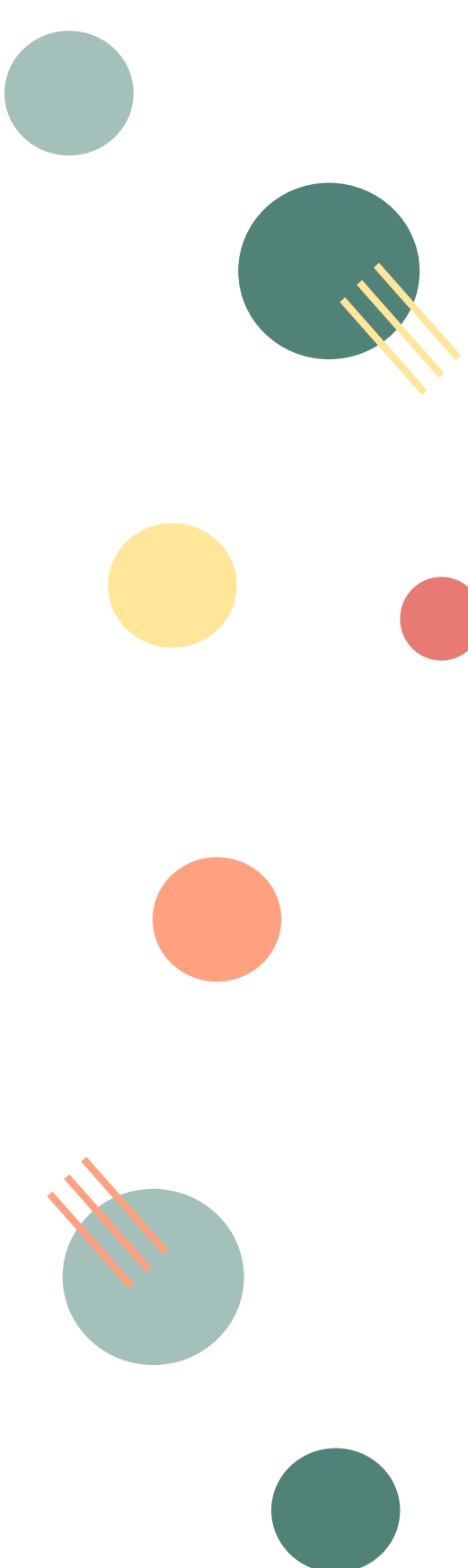
“Existe um provérbio africano que usamos muito onde se diz: “  preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. Então, o desafio   fazer com que as crianças enxerguem a cidade e a cidade enxergue as crianças, saindo da invisibilidade e que elas possam viver pacificamente.”

Edna Monteiro, professora infantil da EMEI Gabriel Prestes

² A premia o “Meu pátio, meu mundo”   uma iniciativa da Organiza o Mundial da Educa o Pré-Escolar (OMEP) na América Latina, em conjunto os Comit s Nacionais de países Sul-americanos, somado a Associa o Integral para a Infância (Rede AINI), cedido pela jun o do Instituto, Funda o e Grupo Ancor, patrocinado pela Organiza o dos Estados Ibero-Americanos (OEA) e o Instituto Interamericano da Criança e do Adolescente, pelo reconhecimento de boas práticas em Educa o para o Desenvolvimento Sustentável (EDS).



Saída dos “Exploradores da Cidade” com a educadora Edna Monteiro, conhecendo os comércios locais no calçadão da Rua São Bento, em março de 2023. Foto de Edna Monteiro, 2023.



3.2 – CONHECENDO E SENDO & MARCA DO CRIANÇA NA ÁREA

O projeto “Conhecendo e Sendo” se soma à primeira a ação das caminhadas, em direção à residência das crianças, ampliando o território. Durante as travessias, a marca nasce como parte do processo de uma atividade efêmera de demarcação simbólica. A educadora Vanessa de Oliveira é a responsável pela criação da marca “Criança na Área”³, que consiste em demarcar o território, por meio de intervenção artística nas calçadas dos lugares que as crianças visitam. A importância de fixar a marca no piso está em frisar os pontos de referência na cidade, construir uma memória afetiva de pertencimento e reforçar a educação artística sobre arte urbana. Para além da comunidade, o posicionamento da intervenção é também ergonômico na escala dos pedestres e das próprias crianças; a simbologia constrói um ambiente seguro para as crianças que, ao transitarem, reconhecem a marca e o território como um espaço que também lhes pertence. Atualmente a marca foi adotada pelas EMEIs do Território, expandindo-se para ações fora de São Paulo.

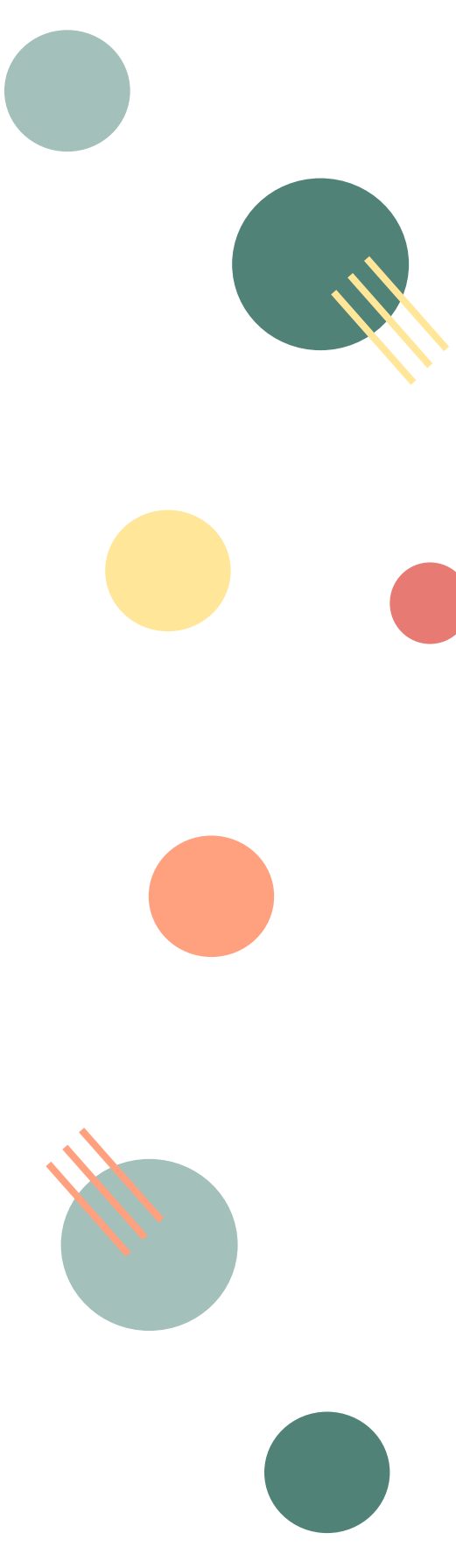
“Apenas com uma placa de MDF e uma lata de spray, a saída deixa de ser uma passagem entre pontos, mostrando para comunidade e para outras crianças que existem crianças no território.”

Vanessa de Oliveira, professora infantil da EMEI Gabriel Prestes

³ É válido lembrar que a marca “Criança na Área” possui registro em nome da educadora Vanessa de Oliveira e seu uso é permitido apenas para fins pedagógicos e acadêmicos, sob autorização prévia.



Execução da marca do “Criança na Área”, em frente a Pinacoteca, pela educadora Vanessa de Oliveira. Saída em outubro de 2023. Fotos de Adriana Lima, 2023.

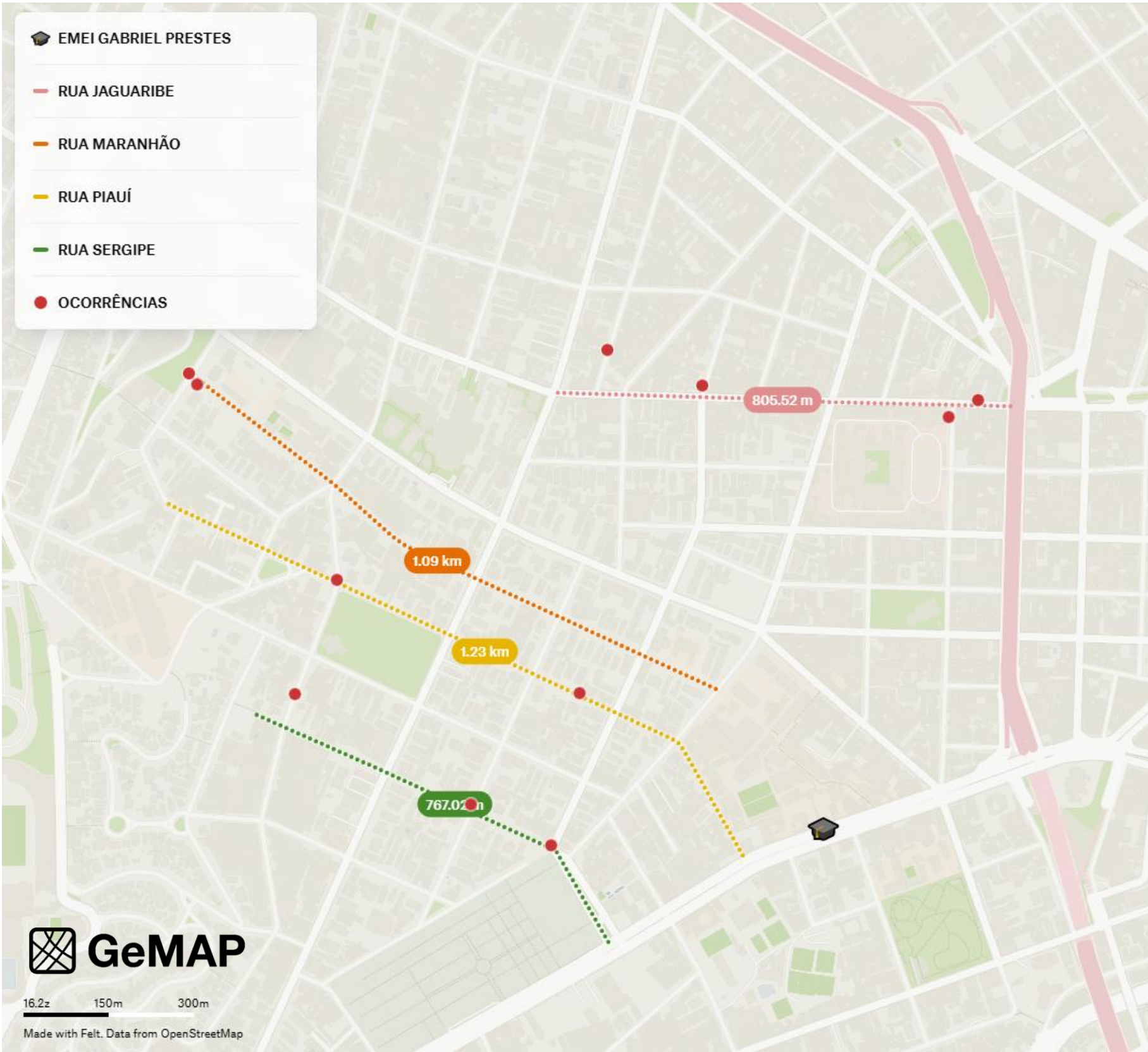
A decorative graphic on the left side of the page consists of several colored circles (teal, orange, yellow, red) and three parallel yellow lines extending from a dark teal circle.

3.3 – RUAS INDÍGENAS

Com base na legislação do Currículo Oficial da Rede de Ensino e na Educação Básica no Sistema Municipal de Ensino de São Paulo, para a Educação Infantil, segundo a Lei nº 16.271/2015 e a Lei nº 15.764/2013, estabelecem-se diretrizes pedagógicas e administrativas para a promoção, formação, difusão e alfabetização das crianças, incorporando conteúdos sobre história e culturas afro-brasileiras, africanas e indígenas, em consonância com a legislação federal da Lei nº 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008.

Diante disso, a educadora Michele Rodrigues de Souza passa a trabalhar o território, de maneira digital, questionando o significado e a reflexão sobre as ruas com nomes indígenas, em especial as que estão próximas ao território da escola. Desta maneira, foram trabalhadas em sala as ruas:

- Rua Jaguaribe, que seria "*Jaguarype*", que significa o Rio das Onças;
- Rua Maranhão, que seria "*Mbará nhã*", que significa Mar Agitado;
- Rua Piauí, que seria "*Piau'i*", um tipo de peixe com escamas brilhantes e prateadas, logo a palavra significa Rio cheio de Piaus;
- Rua Sergipe, que seria "*Serî î pe*", que significa o Rio dos Siris.



Mapa da ruas indígenas trabalhadas no ano letivo.
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



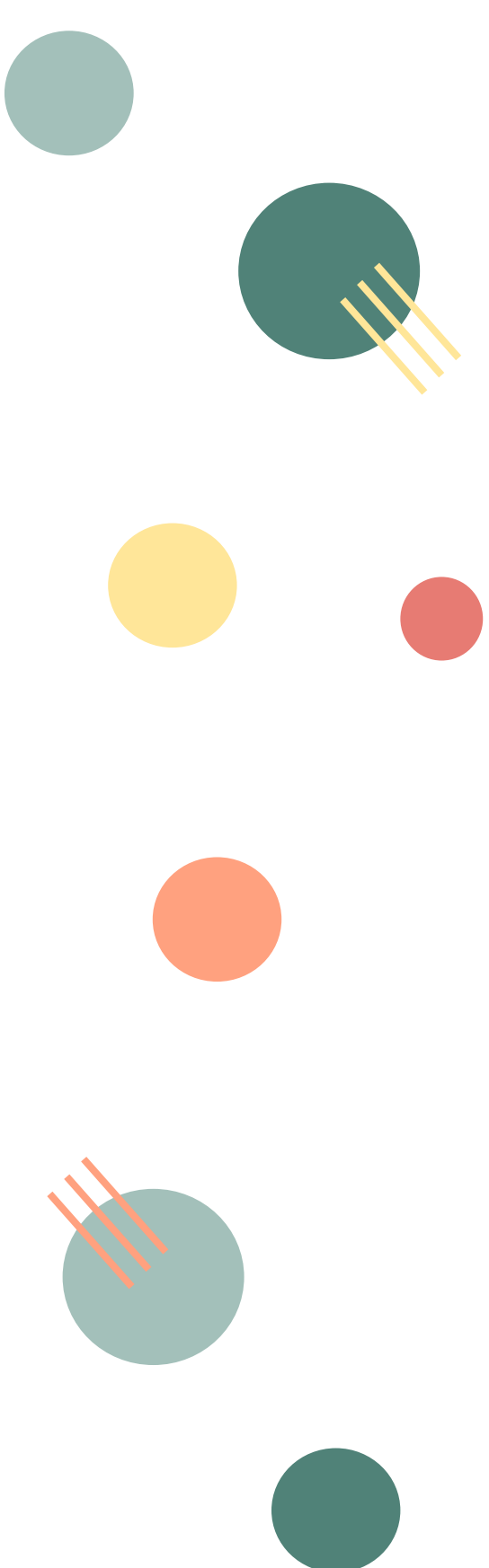
Saída para a FIESP.
Foto de Edna Monteiro, 2024.



Sáda para o Conjunto Nacional.
Foto de Adriana Lima, 2024.

04

METODOLOGIA



4.1 - PROCESSOS

A ocupação do território e a reflexão sobre o lugar constituem dimensões centrais do processo de aprendizagem no espaço urbano. Para que as atividades práticas, tanto em campo como em sala de aula, alcancem maior eficácia, torna-se necessário um trabalho prévio de apresentação de mapas, seguido de conversas e orientações, de modo a favorecer o desenvolvimento e a ampliação dos limites físicos e educativos. A efetivação dessas ações varia conforme o entendimento das diretrizes pelas crianças e seus comportamentos nas saídas; além das condicionantes impostas pela topografia, morfologia e precariedade das infraestruturas e equipamentos urbanos.

A abordagem inicial vem da oferta livre de mapas às crianças – em diferentes cores, formatos e escalas – buscando aproximá-las das múltiplas formas de ler e reconhecer os espaços, considerando que os mapas e os modos de mapear serão trabalhados ao longo de todo o ano letivo. Conforme os trabalhos individuais das turmas e as escutas coletivas, os mapas passam a ser explorados relacionando o cotidiano das crianças às saídas no território, das seguintes formas identificadas:

- a) leitura geográfica geral, com representações de mundo, continente, estado, cidade, escala, norte, legenda, ruas e edificações;
- b) registros individuais do trajeto e do local visitado, utilizando mapas produzidos no Google Maps e complementados pelo letramento e outros desenhos daquilo que despertou atenção;
- c) elaboração de mapas coletivos, que permitem à turma visualizar as travessias, ampliando o território percorrido e discutido.

Esse conjunto de práticas – em conjunto ou separadamente – visa aproximar as crianças das formas de identificar e representar espaços,

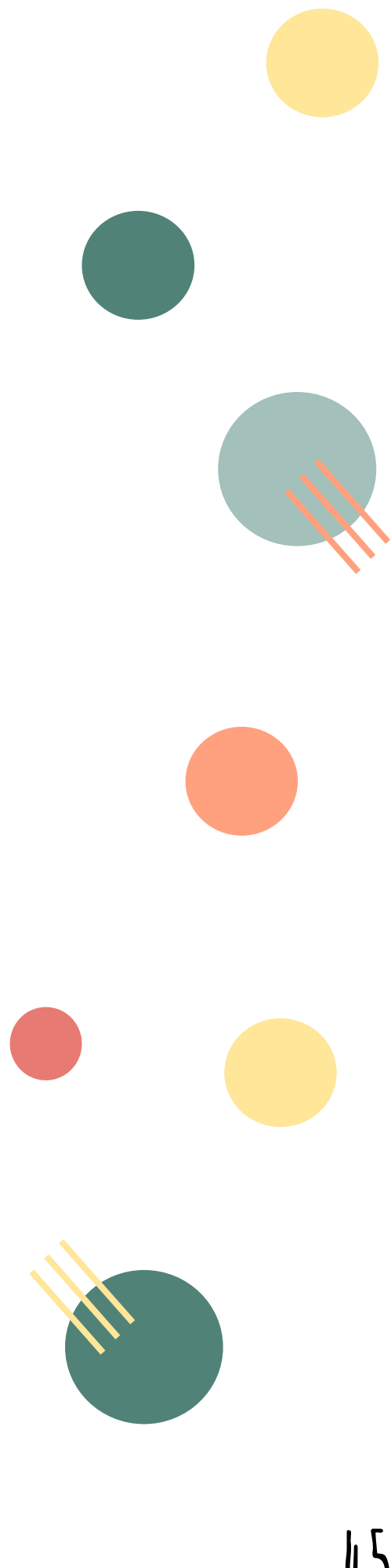
integrando-as ao percurso formativo do ano letivo, ampliando leituras de mundo (Freire, 2019).

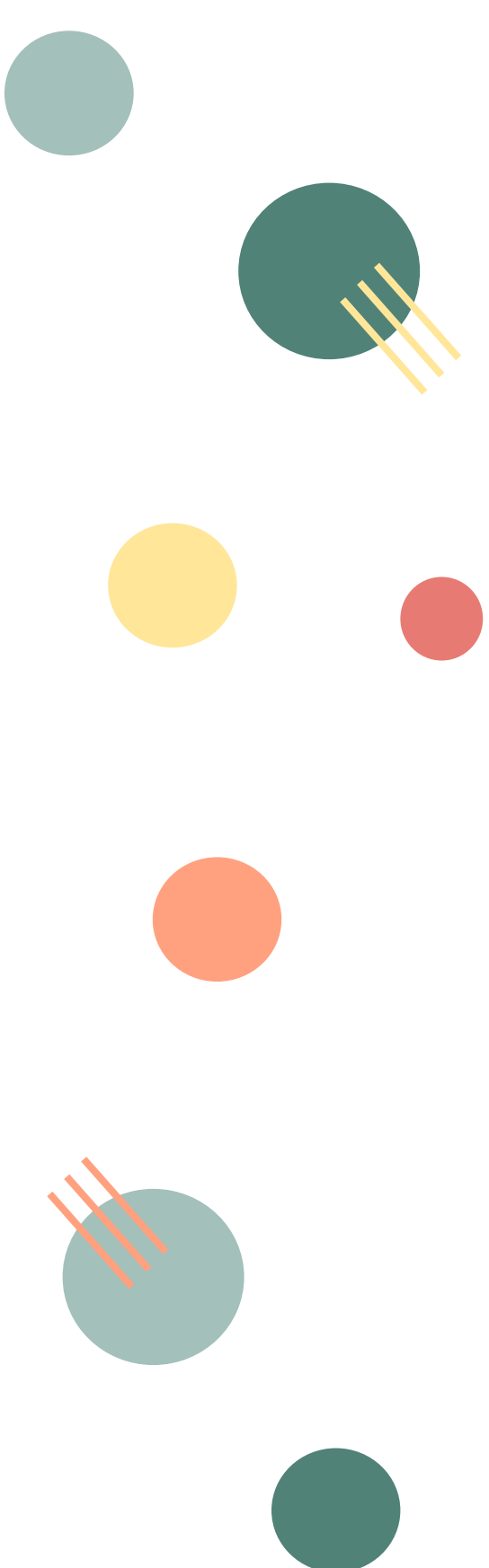
O processo de educação para as caminhadas tem início na desconstrução do primeiro limite imposto aos alunos: a sala de aula. Explorar a escola e demais ambientes de aprendizado é o passo inicial para a compreensão do espaço externo. Para além das paredes, grades e janelas, tomadas como proteção, introduz-se o debate sobre a ausência dos limites físicos: o vazio da rua. Somente depois de reconhecer a escola, é introduzida a conversa para saídas no território.

As travessias passam a proporcionar desafios, experiências e confiança de forma gradual. Nada ocorre sem um acordo prévio e uma boa conversa. As diretrizes são essenciais, para garantir a ordem e segurança de todos.

- Para as crianças, nas caminhadas, é orientado a se manter em fila, em pares e em turmas; manter o cuidado e a atenção, tanto com os elementos presentes no caminho, nas orientações e no próprio parceiro; seguir os comandos verbais das professoras à frente dos grupos;
- As crianças não devem interagir com os animais; com estranhos; com itens do chão; devem respeitar o espaço e os pertences dos moradores em condição de rua;
- Ao longo dos trajetos há momentos de pausa para (re)conhecimento de elementos locais (natureza, equipamentos, artes e locais).
- Em transportes públicos, a instrução é observar sinais, placas e cores, segurar nas barras, sentar-se em grupos e agradecer os profissionais.
- Aos adultos (auxiliares da escola ou pais) a instrução é a se manter nas laterais e finais das filas, a fim de proteger o grupo de crianças, sem obstruir a visibilidade do coletivo.

Para todos os envolvidos, a diretriz central é o cuidado mútuo e a responsabilidade compartilhada pelo bem-estar coletivo.





4.2 - FERRAMENTAS

O caminhar e o mapear configuram-se como dispositivos para a compreensão, a ocupação e a problematização do cotidiano urbano. Desde as primeiras reflexões sobre a relação entre corpos e espaços, essas práticas atuam não apenas como meios de deslocamento ou registro, mas como instrumentos de ressignificação e de resistência. As formas correntes e pouco conscientes de atravessar e representar o espaço tendem a privilegiar a dimensão física e objetiva do lugar, revelando limites quando se busca apreender dinâmicas e subjetividades. Em contraponto, processos colaborativos e o diálogo sobre as vivências adensam os atravessamentos com registros coletivos, que incluem imagens, desenhos de memória, relatos orais e novos signos para elementos invisibilizados pelas representações usuais.

O ato de caminhar e mapear é constitutivo da experiência humana, remontando a práticas ligadas à sobrevivência e à descoberta de territórios. Inicialmente automatizadas, tais ações passam por deslocamentos éticos, estéticos e críticos, tornando-se formas de engajamento com o espaço (Careri, 2013). Caminhar supõe uma troca simbólica que atribui sentido ao território, ao mesmo tempo em que o território remodela quem o percorre. Desde a antiguidade, mapas como o de Bedolina já articulavam dimensões físicas e culturais do espaço (Careri, 2013). Esse diálogo contínuo entre caminhar e mapear manifesta pertencimento e transformação, reativando, ao longo da história, as camadas sociais e simbólicas inscritas no espaço.

A caminhada em contextos urbanos adquire centralidade política e social no século XX, com o desenvolvimento da psicogeografia e da deriva situacionista em Debord (1958). Nesse quadro, o caminhar deixa de ser apenas deslocamento funcional e se afirma como prática crítica que expõe a cidade e traz à tona aspectos velados da vida urbana.

Para Careri (2013), percorrer espaços indeterminados ou marginalizados, a chamada “cidade do entre”, é fundamental para captar dinâmicas sociais mais autênticas. As mobilizações das décadas de 1960 e 1970 consolidam a caminhada como gesto de resistência, tensionando o direito à cidade e propondo modos alternativos de vivência e protagonismo comunitário. Nessa chave, a caminhada converte-se em ação estética, ética e política, favorecendo a apropriação do espaço e a reinvenção do cotidiano.

Em paralelo, a cartografia clássica, centrada na exatidão física, passa a ser interpelada por abordagens críticas que evidenciam as dimensões sociais do espaço (Lévy, Poncet e Tricoire, 2004). Harley (2005) e Oliva (2018) defendem que os mapas incorporem aspectos históricos, culturais e políticos, permitindo compreender o espaço como resultado de relações sociais. Exemplos como “The Naked City” (Debord, 1957) e as produções dos Iconoclastas (2013) materializam esse movimento. Rocha e Santos (2023) expandem tal perspectiva ao articular caminhar e mapear, ressaltando que essas práticas, quando associadas, produzem registros abertos do cotidiano, revelam narrativas silenciadas e instigam reflexões sobre a articulação entre corpo e território.

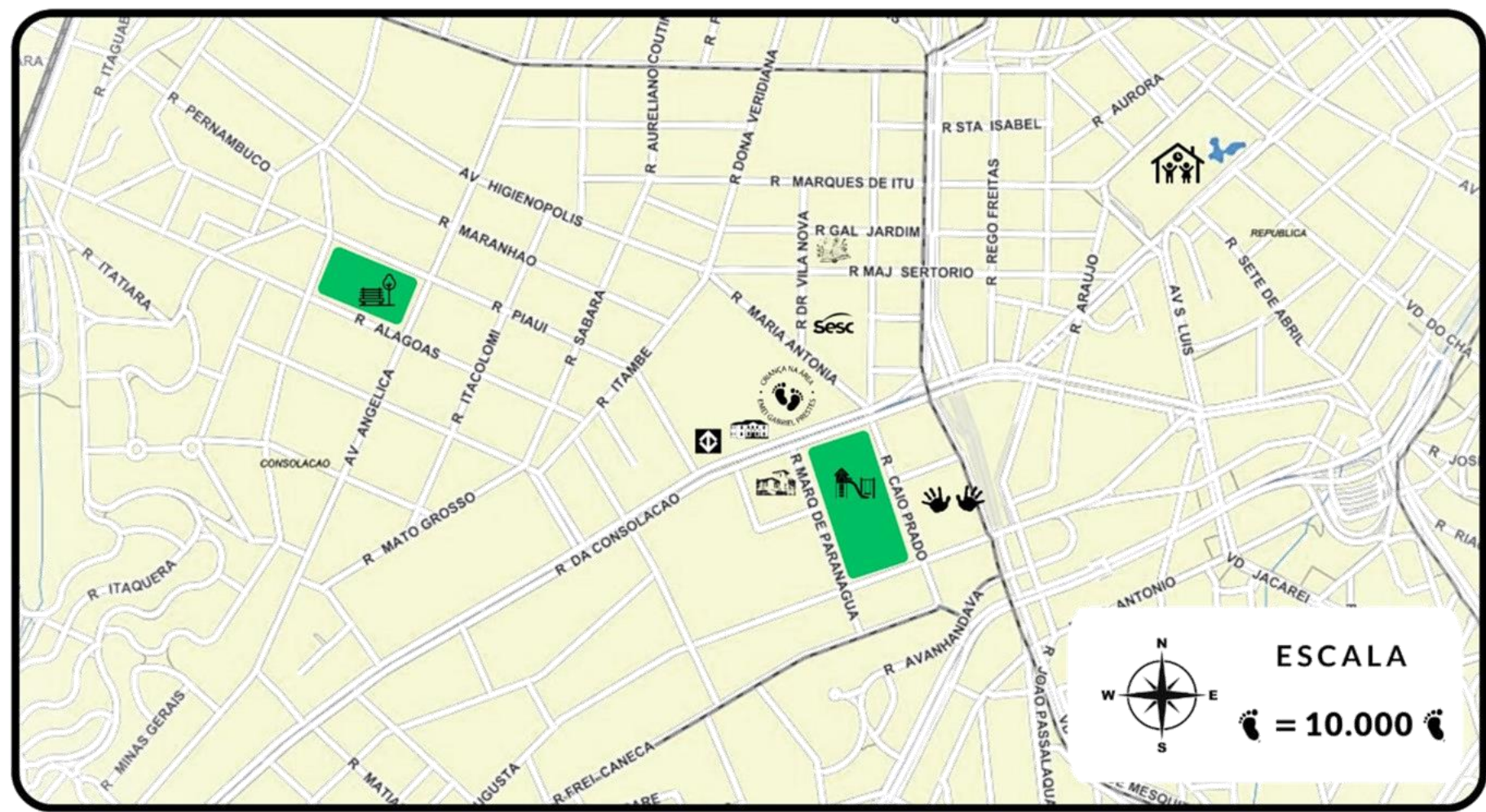
Desse modo, caminhar e mapear extrapolam funções operacionais e se afirmam como ferramentas centrais para compreender, questionar e transformar o espaço urbano. Em sintonia com Deleuze e Guattari (2011) e Rolnik (2016), essas ações possibilitam a criação de novas realidades e a ressignificação de signos urbanos. Para Bassani (2019), tratam-se de abordagens coletivas que reposicionam os sujeitos diante do tempo e do espaço, ampliando horizontes de interação e de aprendizagem. Assim, caminhar e mapear se consolidam como instrumentos decisivos para uma leitura empírica, profunda e inclusiva das cidades.

MAPAS E GEOGRAFIA



Mapa da América Latina, identificando a origem das crianças. Vanessa de Oliveira, 2024.
Esse é apenas um dos exemplos de mapas abordados com as crianças para compreensão de conceitos de cartografia.

MAPA DO TERRITÓRIO EDUCATIVO DE TRAVESSIAS



LEGENDA

	EMEI GABRIEL PRESTES		CHÁCARA LANE		METRO HIGIENÓPOLIS MACKENZIE		EMEI ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA
	PRAÇA BUENOS AIRES		CASA AMARELA		EMEI MONTEIRO LOBATO		PARQUE AUGUSTA
	SESC CONSOLAÇÃO		BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO		EMEI PATRÍCIA GALVÃO		

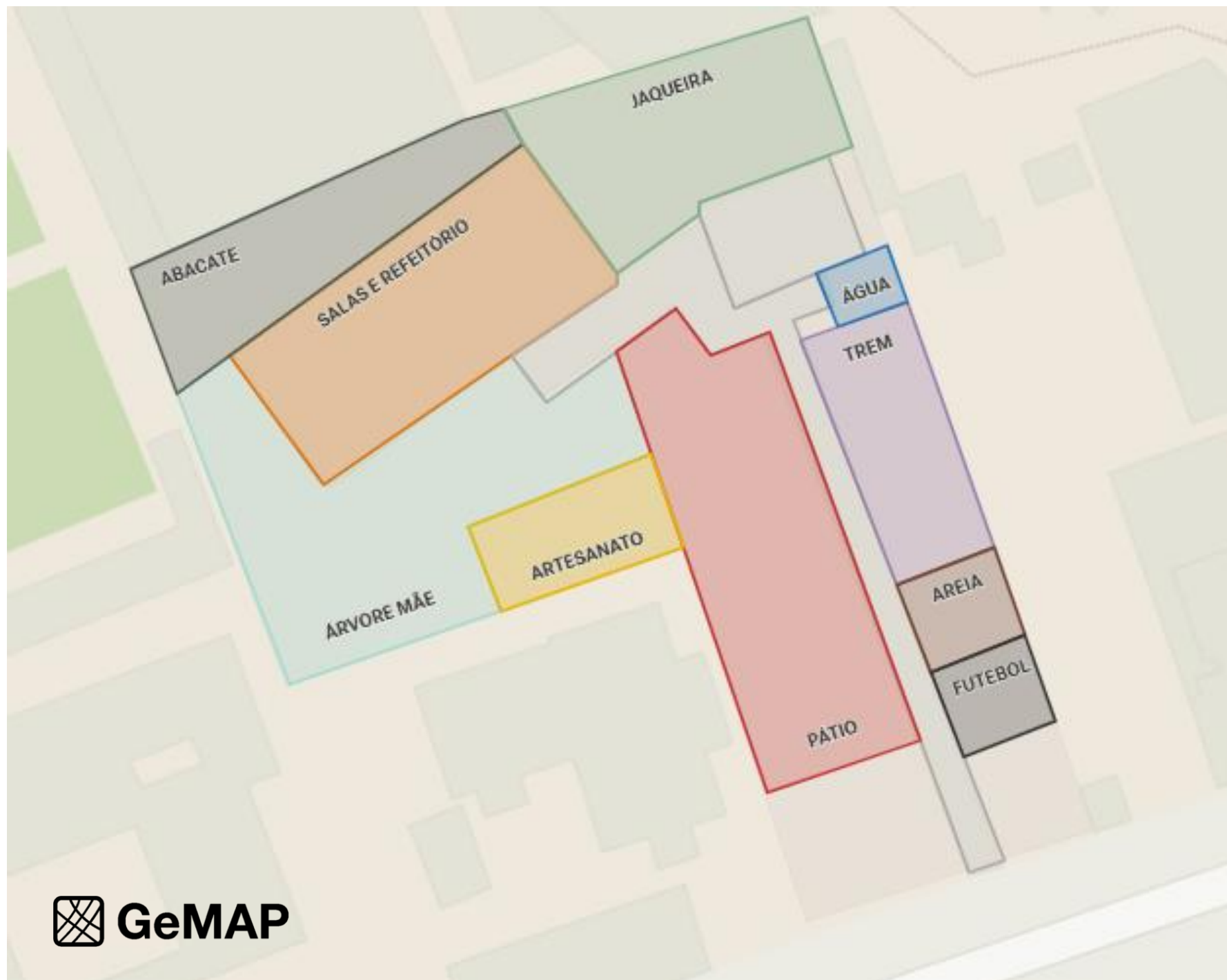
Mapa construído entre as crianças, educadoras e o pai de uma das alunas. Trabalho de identificação dos símbolos das escolas-irmãs, dos parceiros, equipamentos, infraestruturas e lugares no território. Imagem disponibilizada pela Vanessa de Oliveira, 2024.

MAPA DAS SAÍDAS – TRAJETO E MEMÓRIA



Mapa construído pelas educadoras no Google Maps e depois oferecido as crianças para discussão em sala. A importância dos mapas das saídas está nas inúmeras abordagens realizadas com eles. Além do entendimento e conversa sobre o percurso, explora-se o desenvolvimento da aprendizagem das crianças por meio de desenhos de memória e letras para datar o momento e identificar as iniciais dos pontos marcantes no percurso. Foto do caderno do aluno Nkosi, 2024.

MAPA DA ESCOLA – IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS



Mapa das áreas da EMEI Gabriel Prestes para atividade com as turmas do Passarinho, Borboletas e Brinquedo. Identificação de áreas existentes e ocultas a partir da memória e vivência das crianças ao longo do ano letivo de 2024. A atividade envolveu roda de conversa, desenhos das memórias, anotação das áreas faltantes, criação de símbolos e legenda e será utilizado para o começo do ano letivo de 2025 para as turmas ingressantes.

MAPA DAS TRAVESSIAS – MEMÓRIAS



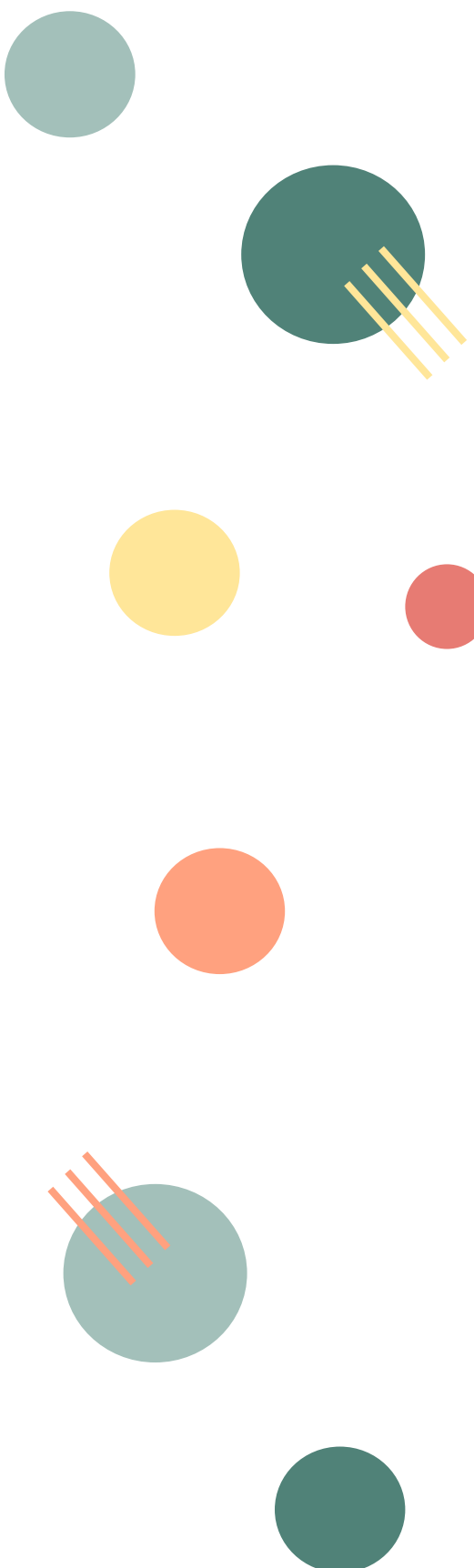
Mapa dos percursos das travessias no centro para atividade com a turma do Brinquedo. A atividade teve roda de conversa de identificação dos símbolos do mapa, conversa sobre momentos das travessias e desenhos de memórias. O trabalho com essas crianças foi importante como reflexão das travessias no ano letivo de 2024, já que elas finalizariam o ciclo na EMEI e partiriam para o ensino fundamental.



Saída para a Biblioteca Monteiro Lobato.
Foto de Adriana Lima, 2024.

05

TRAVESSIAS



5.1 – TIPOS E DISTÂNCIAS

A ocupação do território e a reflexão sobre o lugar são partes essenciais do processo de aprendizagem no espaço urbano. Para que as atividades práticas, tanto em campo quanto em sala de aula, sejam eficazes, é necessário um trabalho de orientação, desenvolvimento e ampliação dos limites físicos e educacionais. Esses esforços variam conforme a compreensão e absorção das diretrizes, comportamento *in-loco*, além dos desafios impostos pela topografia, morfologia e a ausência de equipamentos urbanos.

Desta maneira, a fim de tornar visível o trabalho em campo, seguiremos os apontamentos das experiências por meio de um conjunto de mapas. Os mapas foram elaborados na plataforma on-line do Felt.com, de maneira que podem ser acessados, compartilhados e complementados entre todos que estavam presentes nas caminhadas.

No acompanhamento do ano letivo de 2024 da escola, tivemos o registro de 20 saídas, com uma média, por percurso, de 2 km percorridos a pé, em aproximadamente 1h30m dos trajetos de ida e vinda. Podemos classificar algumas saídas por tipos, sendo:

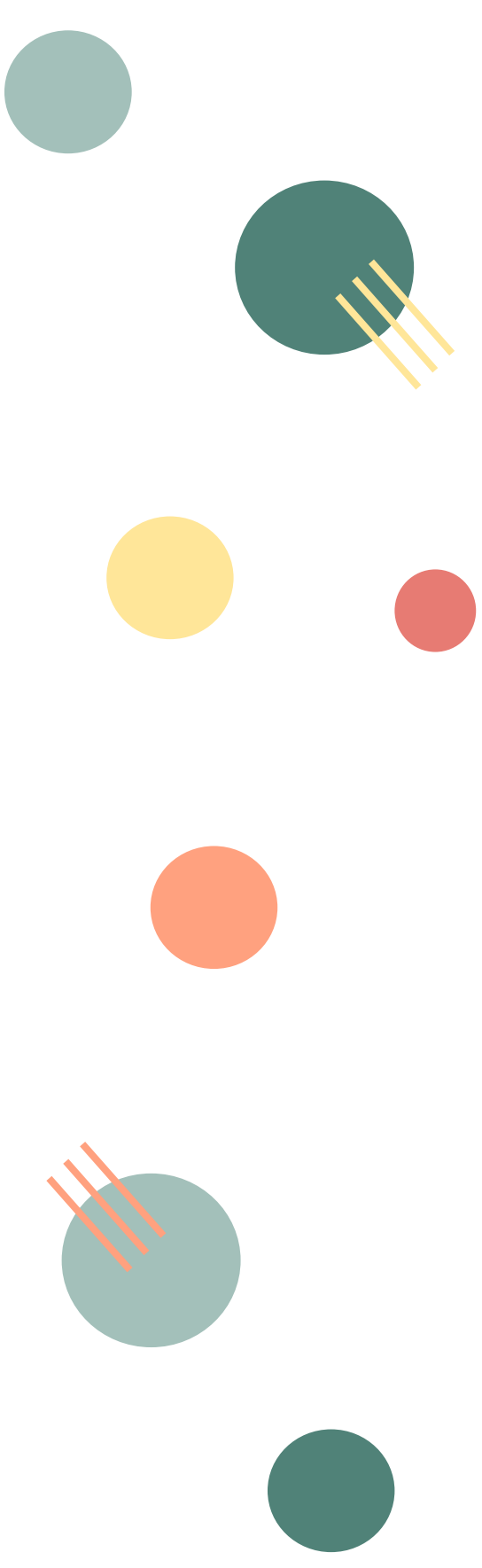
- a) exploração escolar – aquelas que fazem parte do processo de aprendizagem e/ou que provêm dos projetos trabalhados dentro da escola;
- b) visitação – direcionadas a parceiros e escolas do território;
- c) culturais – realizadas para cinemas, teatros e exposições;
- d) sugeridas – desencadeadas de conversas em sala de aula e no território.

As saídas vão se expandindo gradativamente conforme o grau de reconhecimento das crianças pelo espaço, ao grau de dificuldade do percurso, à resposta da turma em campo, além do desejo deles e das parcerias firmadas. As primeiras saídas acontecem sempre próximas à

escola, em um raio de aproximadamente 500m, fazendo primeiro o reconhecimento da quadra, das referências (comércios, grafites e árvores), dos signos do trânsito e dos espaços de brincar. Essas são as saídas mais importantes, tendo em vista que a aplicação e funcionamento dos combinados internos. As saídas seguintes já ampliam os desafios de se locomover na cidade, seja pela distância a pé, a topografia e morfologia, o clima da cidade, atingindo aproximadamente a 1 km. Os desafios e os atravessamentos crescem com o entendimento da qualidade e do funcionamento dos equipamentos de trânsito, do uso de modais de transporte público e da resposta da sociedade à presença deles na interação de campo.



Momento final das instruções entre educadores e alunos.
Foto de Adriana Lima, 2024



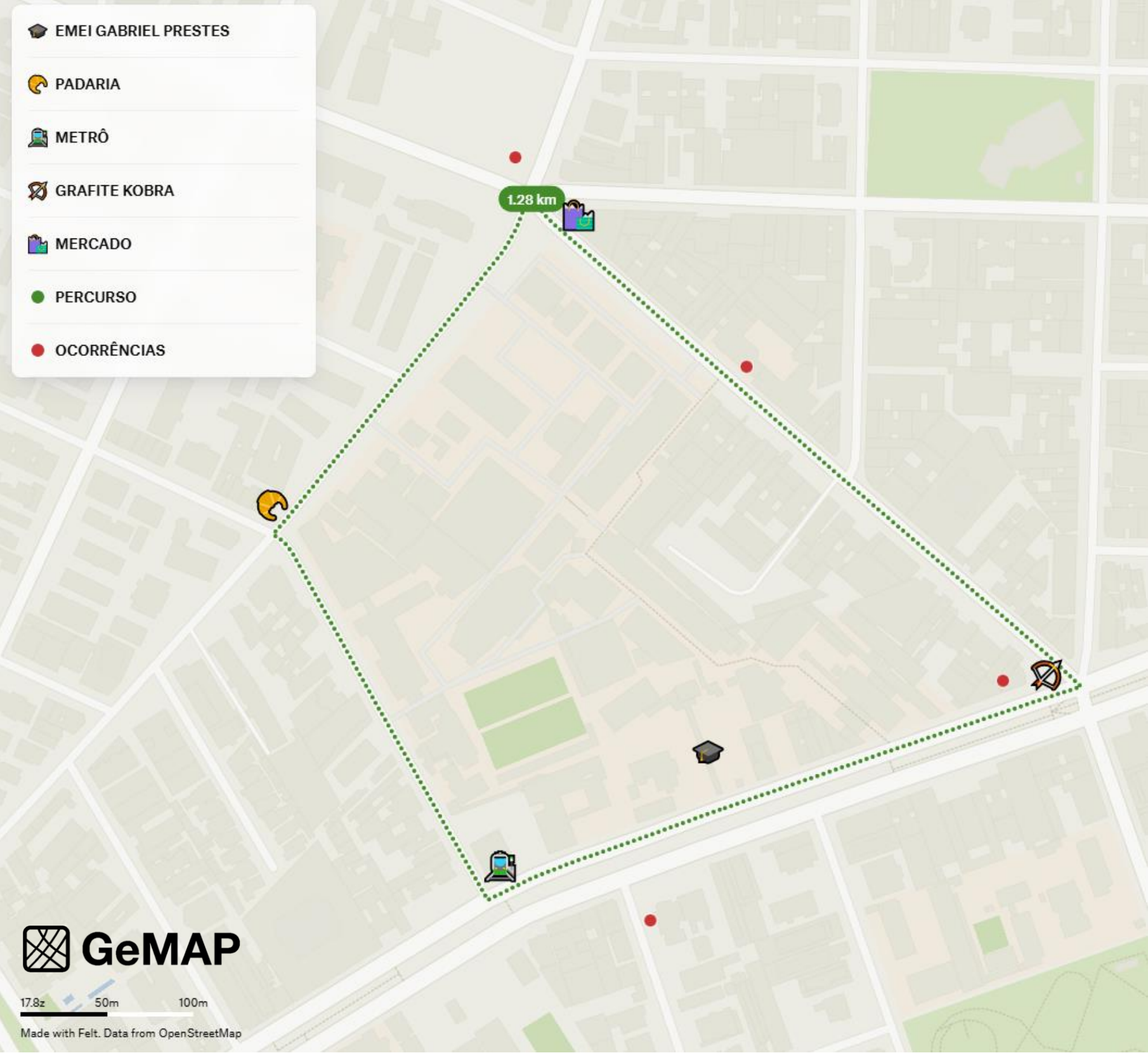
5.2 - PERCURSOS

5.2.1 – QUADRA

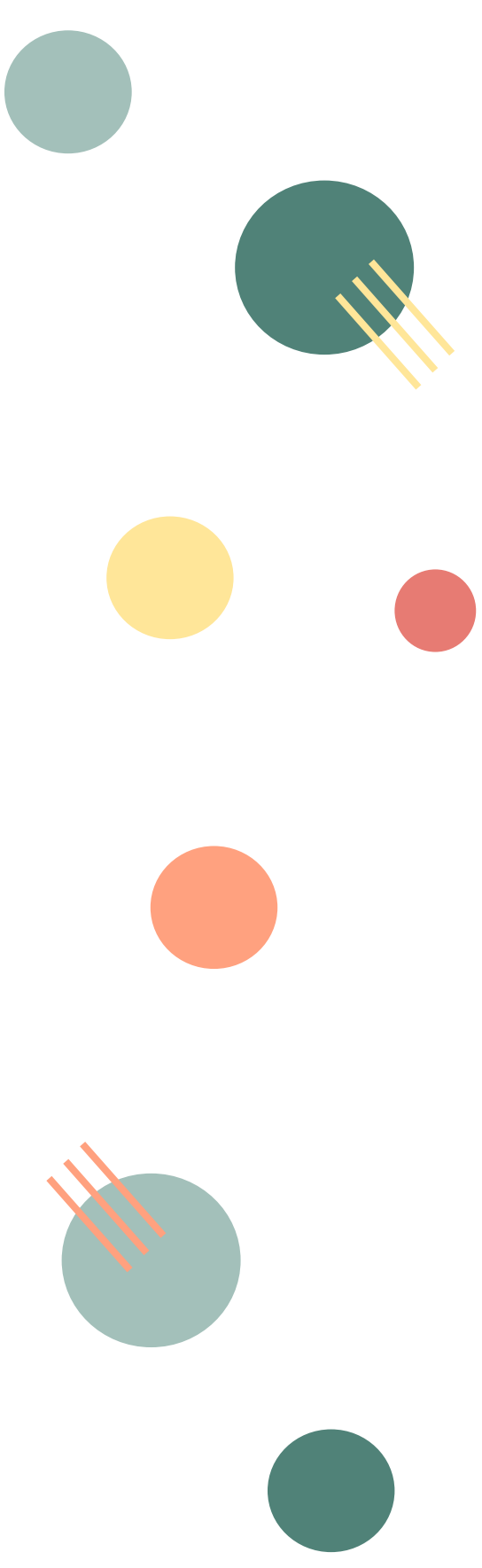
A primeira saída para a rua visava revisitar alguns pontos de referência previamente explorados, bem como outras extensões territoriais: o lado oposto da rua. A simples ação de atravessar a rua pode parecer singela, tendo em vista que mesmo as crianças o fazem cotidianamente, mas nesse momento, elas estão sem um condutor adulto; elas é quem dão o tom do caminho. Além dos obstáculos comuns como calçadas mal conservadas e a ausência de elementos que escancaram a falta de acessibilidade, muitas vezes falta o básico: a faixa de pedestres e semáforos.

Não se trata apenas de atravessar um cruzamento simples, a escola está situada na Rua da Consolação, eixo íngreme que conecta o bairro da República (região centro novo) ao bairro da Cerqueira César (região da Avenida Paulista), recebendo demandas de bairros vizinhos como Pacaembu, Santa Cecília, Higienópolis e Bela Vista. Uma via de fluxo intenso de carros, motos, bicicletas e ônibus. A ausência de sinalização adequada aos pedestres, não apenas coloca vidas em perigo, mas reforçam o perfil em prioridade para a cidade.

Mais do que superar os desafios das condições do espaço urbano, a reflexão é evidenciada pelas próprias crianças nos seus mapas individuais. O desenho de uma simples faixa de pedestre expressa o desejo de ter espaço e de exercitar o direito de ir e vir.



Mapa da saída pela quadra.
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.2 – CASA AMARELA

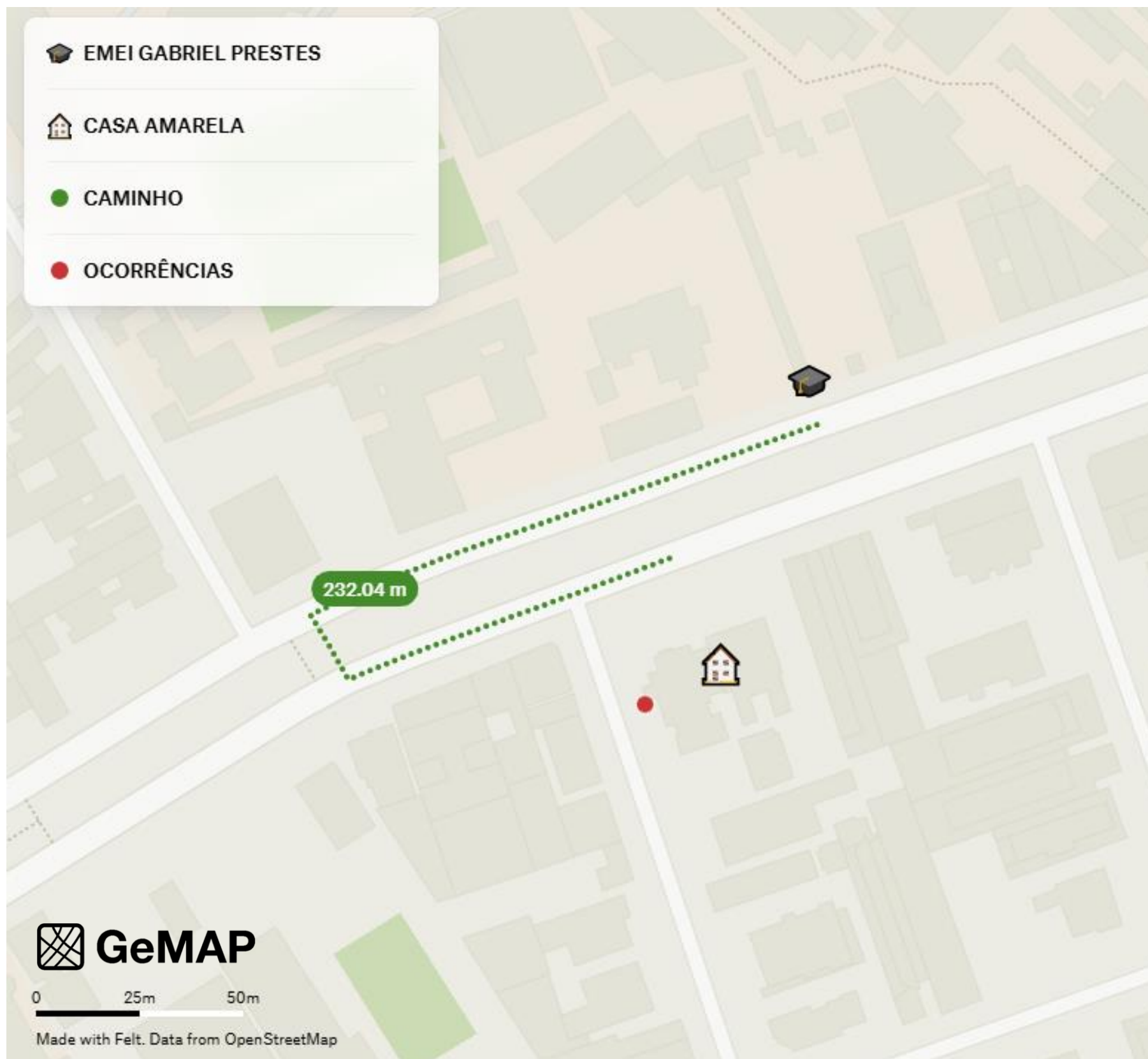
Esta saída para o território marca o início do entendimento prático dos elementos do trânsito, como semáforos e faixas de pedestres, reforçando autonomia, atenção e responsabilidade no ambiente urbano. Os mapas produzidos depois iniciam também o processo de letramento, identificando espaços pelas letras iniciais.

A relação entre a escola e a Casa Amarela Quilombo Afroguarany revela a potência dos espaços públicos na vivência infantil. As visitas frequentes ao local expõem as crianças à realidade do abandono urbano, despertando questionamentos e ampliando o senso de pertencimento e direito à cidade.

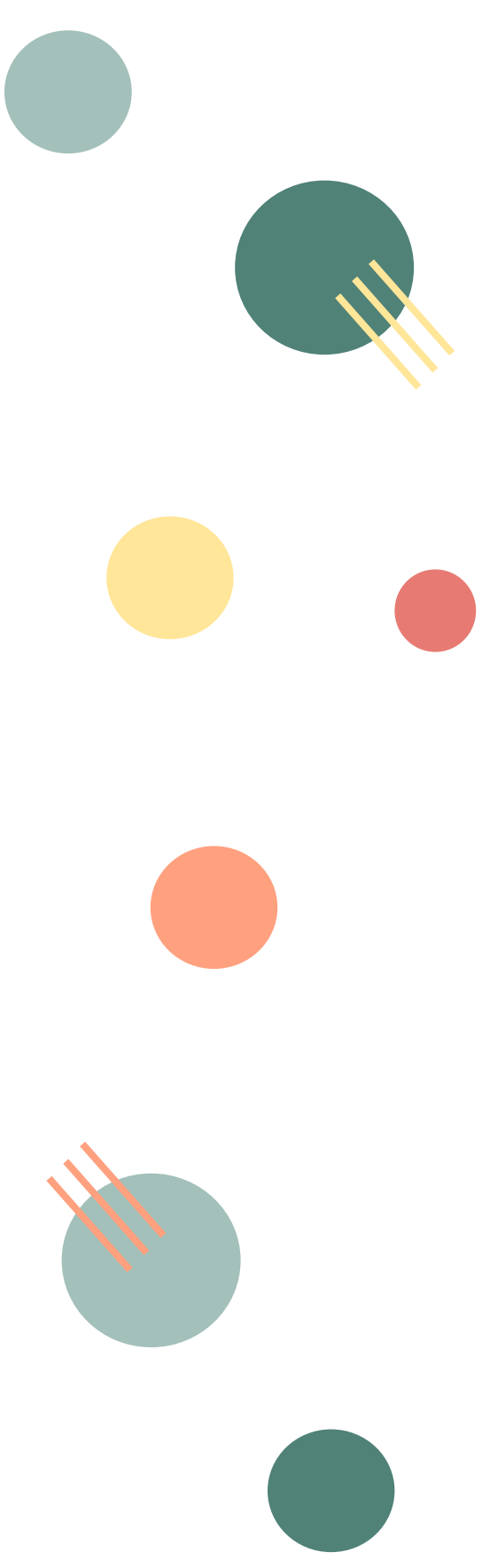
O convívio com o espaço e a parceria entre agentes das instituições foram essenciais na construção de elos afetivos com o local e seus frequentadores. Destaca-se a relação com Pedro Moreno, professor de yoga, que acolheu as crianças e promoveu atividades que resultaram em visitas posteriores à escola, enriquecendo aprendizagens corporais e coletivas.

Além desses encontros, o espaço físico da Casa Amarela acolheu a exposição “Do Coisário ao Relicário” em 2024; projeto previsto no PPP da escola, reunindo objetos e narrativas que resgatam memórias e aprofundam o conhecimento sobre as crianças e suas tradições familiares.

A parceria entre espaços e agentes reafirma a relevância dos espaços públicos como territórios vivos de aprendizagem e troca. A conexão das crianças com esses locais amplia suas referências culturais, mostrando que ocupar é também educar e nutrir cidadania desde a infância.



Mapa da saída para a Casa Amarela – Exposição “do Coisário ao Relicário”
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.

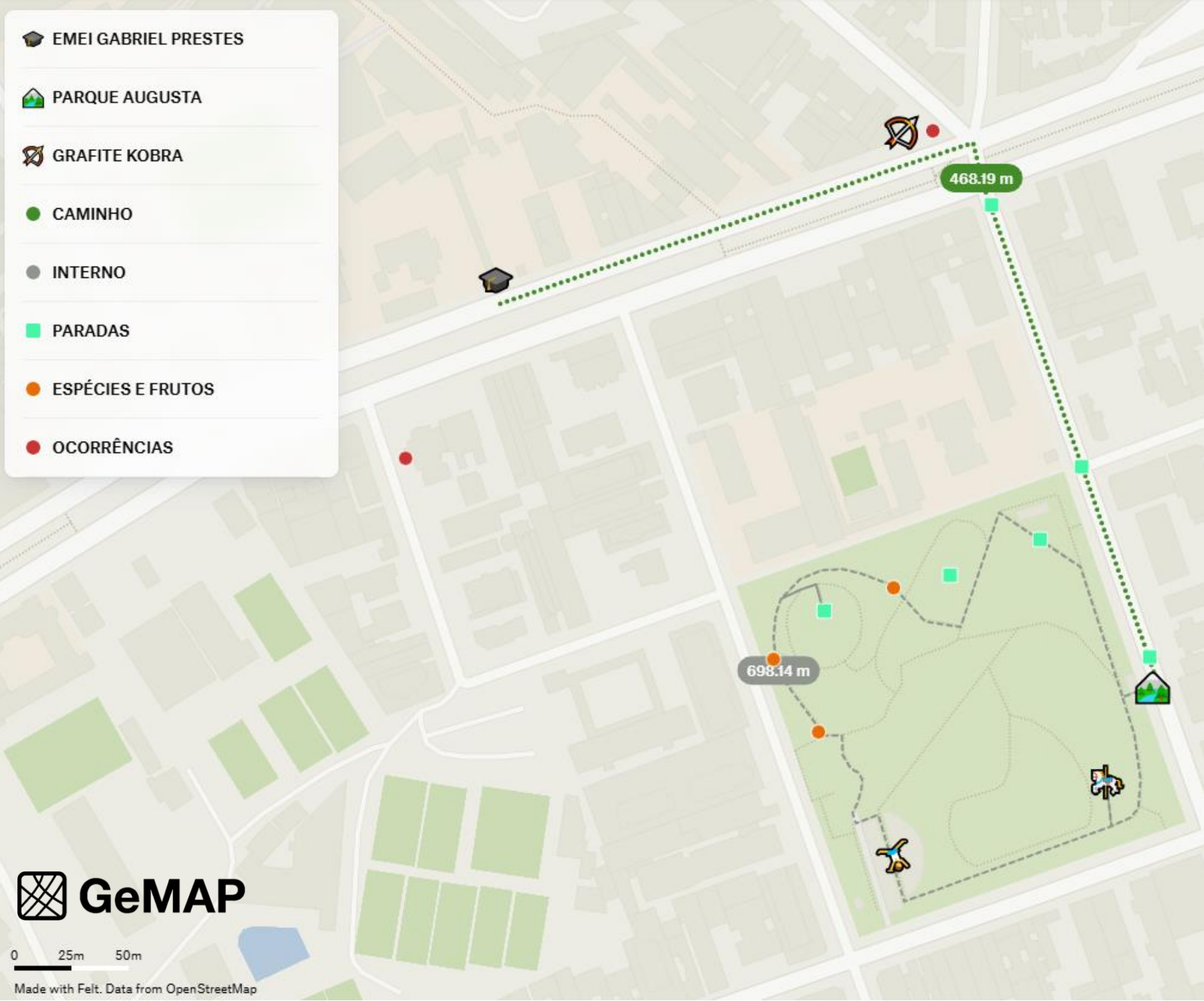


5.2.3 – PARQUE AUGUSTA

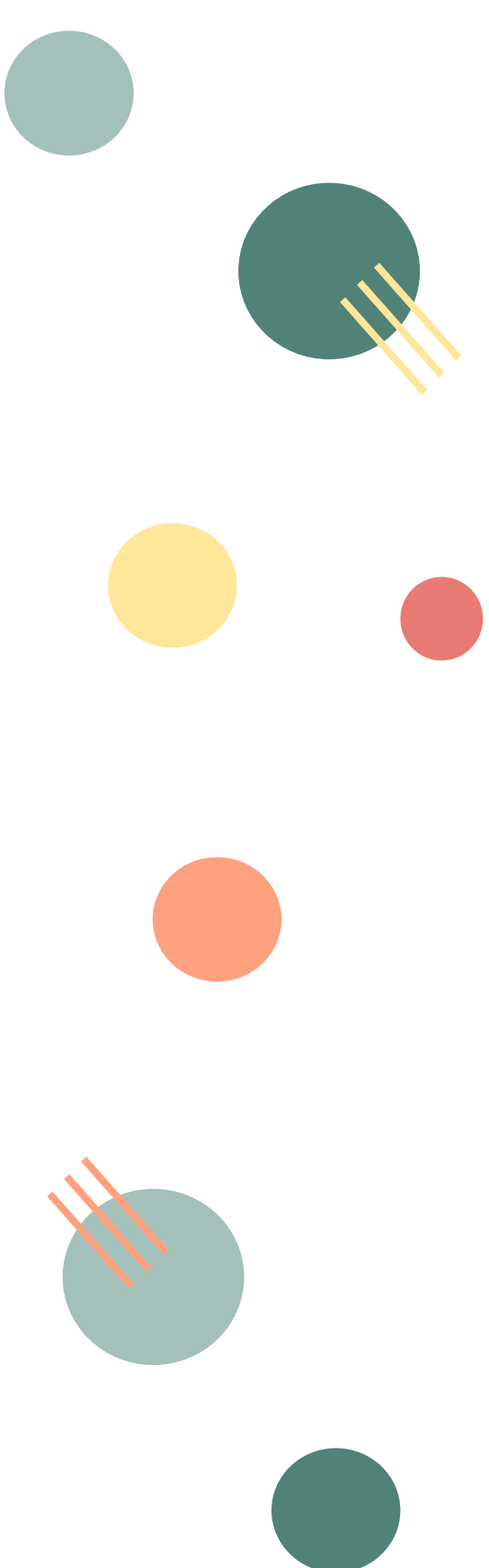
A relação da EMEI Gabriel Prestes com o Parque Augusta se fortalece a partir do envolvimento da escola na luta pela criação e manutenção desse espaço público. A participação ativa no movimento reforça o compromisso com a defesa dos parques e a necessidade de garantir áreas verdes acessíveis para todos. O Parque Augusta, que já é um local conhecido e frequentado por muitas crianças, se torna também um espaço educativo e de pertencimento coletivo.

Na visita ao parque, as crianças vivenciaram um momento de exploração e descoberta. A atividade principal foi a coleta de galhos para o Festival de Outono, estimulando a conexão com a natureza e a valorização dos ciclos das árvores. Além disso, a experiência foi enriquecida pela ida ao mirante, pela identificação de espécies como araucária, bordo e tarumã, e pelo contato com frutos e sementes. Outro ponto marcante foi a observação do ensaio da equipe de capoeira, proporcionando um encontro entre cultura, movimento e espaço público.

A vivência no Parque Augusta reafirma a importância dos parques e espaços verdes públicos para o desenvolvimento infantil. Esses locais possibilitam brincadeiras livres, descobertas sensoriais e aprendizado sobre sustentabilidade. Ao se conectarem com a natureza e compreenderem a relevância da preservação ambiental, as crianças constroem desde cedo um olhar mais atento e responsável para o mundo ao seu redor.



Mapa da saída para a Parque Augusta – Coleta de galhos e folhas para o Festival de Outono
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.4 – SESC 14 BIS

A visita foi proporcionada graças ao Wellington, articulador do programa Curumim*, que viabilizou esse encontro entre instituições educativas. O percurso começou na escola, com as crianças saindo em duplas e seguindo pela Rua da Consolação e Rua Caio Prado. Em seguida, desceram as escadas da Rua Avanhadava até a Rua Paim, atravessando em direção à Praça 14 Bis, onde fica o SESC. Durante todo o trajeto, as crianças realizaram a marcação simbólica “Criança na área”, reforçando a presença da infância no espaço urbano.

Ao chegarmos ao SESC, fomos acolhidos pelos educadores do Curumim, que, ao perceberem o conhecimento da turma em LIBRAS, conduziram as interações em português e na Língua Brasileira de Sinais. As atividades envolveram escuta, expressão corporal e troca de experiências, fortalecendo vínculos e promovendo inclusão.

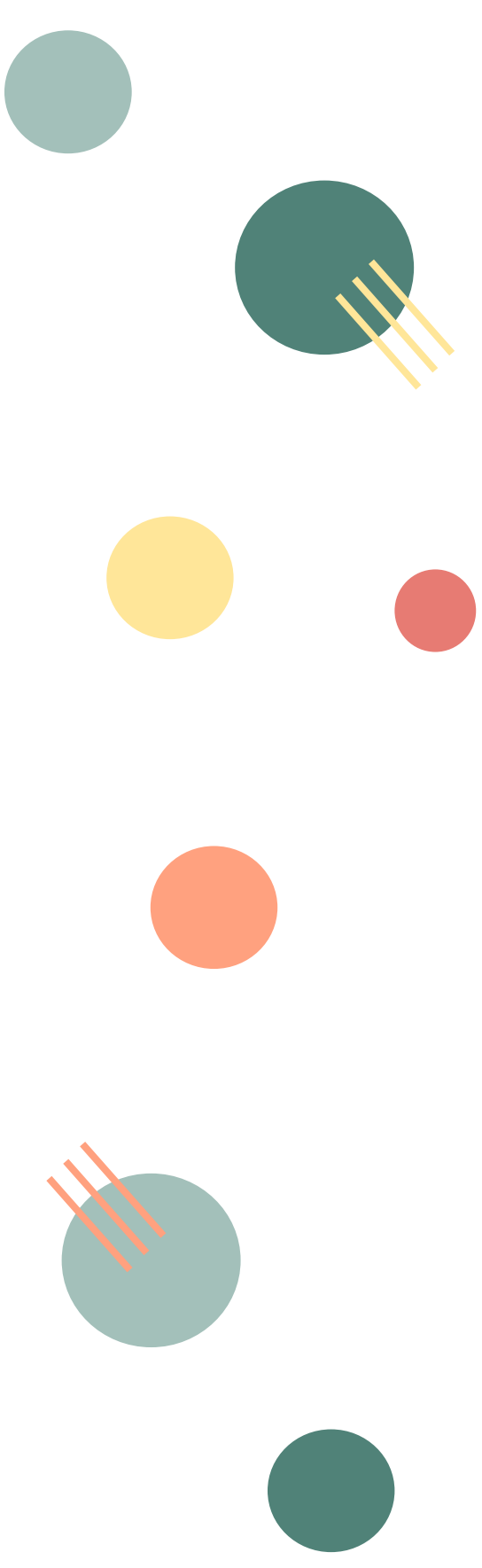
Na sequência, foi combinado o uso do espaço de brincar, com o lançamento do “desafio de brincar” — uma proposta que estimulou a criatividade, a cooperação e a exploração do ambiente de forma lúdica e inventiva.

O retorno à escola também integrou a experiência. A partir da Avenida 9 de Julho, o grupo utilizou um ônibus articulado até a Praça da Bandeira, seguiu a pé pela Ladeira da Memória e embarcou em outro ônibus com destino à Rua da Consolação, encerrando o percurso. O uso do transporte coletivo e o contato com a cidade contribuíram para ampliar a autonomia e a leitura crítica do território pelas crianças.

*O projeto Curumim do Sesc São Paulo é um programa gratuito de educação não formal voltado para crianças de 7 a 12 anos, com o objetivo de estimular seu desenvolvimento integral. A iniciativa promove a convivência, a autonomia e a formação cidadã por meio de oficinas, jogos, vivências, passeios e atividades voltadas à educação ambiental, saúde bucal e alimentação saudável. Realizado no contraturno escolar, o programa ocorre duas vezes por semana, em turmas matutinas e vespertinas, com frequência obrigatória. Para participar, é necessário atender aos critérios estabelecidos pelo Sesc.



Mapa da saída para a SESC 14 Bis – Espaço do Brincar
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.5 – IMS

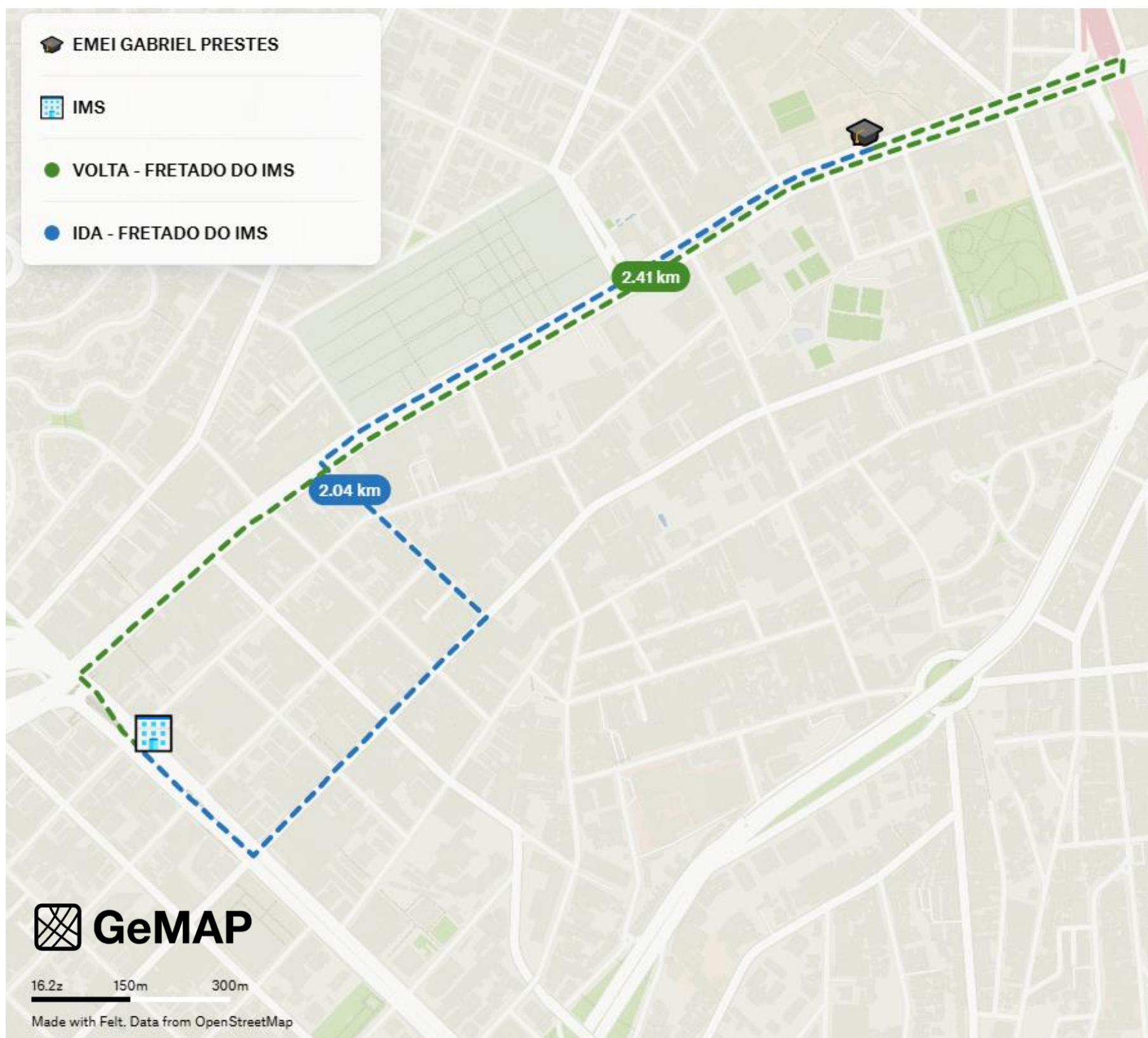
A visita ao Instituto Moreira Salles (IMS-SP) foi organizada com transporte coletivo fretado, fornecido pela parceria com o local. O destino foi a exposição dedicada às Pequenas Áfricas, um tema fundamental para a construção de identidades, representatividade e conhecimento das raízes africanas presentes na história do Brasil e na vida das próprias crianças.

Ao chegar ao IMS, fomos acolhidos pelas educadoras do espaço, que prepararam uma mediação sensível e acessível, valorizando a escuta, o diálogo e as interpretações das crianças.

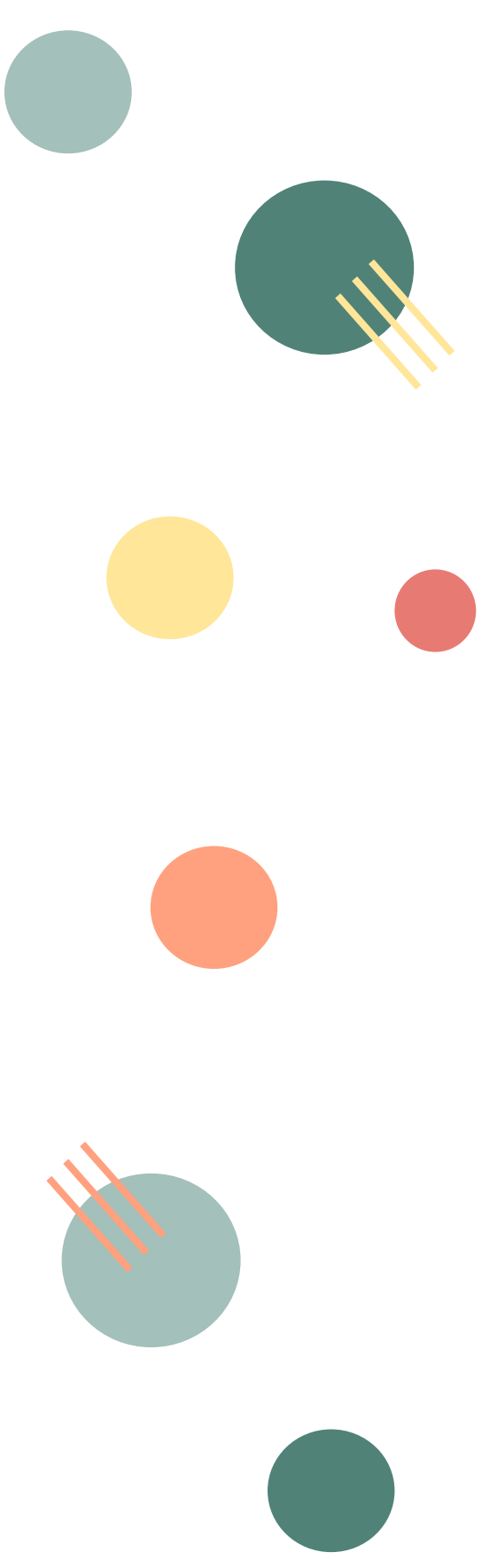
Durante o percurso pela exposição, os pequenos foram recebidos pela Beatriz – antiga estagiária da EMEI, naquele momento, integrando a equipe educativa do IMS. As crianças exploraram fotografias, objetos, registros históricos e manifestações culturais que contam sobre territórios negros, memórias de resistência e contribuições fundamentais para a cidade e para o país. As conversas que surgiram no grupo mostraram como essas narrativas encontram ressonância no cotidiano das crianças, permitindo que reconheçam a si mesmas e suas famílias na história do mundo.

Essa saída ao IMS-SP reafirma o compromisso da escola em proporcionar um currículo vivo, que ultrapassa os muros e convida a cidade a se tornar parceira da educação. Ao conhecer e valorizar as Pequenas Áfricas, as crianças ampliam suas leituras do território e fortalecem o orgulho de suas origens e de sua presença na cidade.

Vale frisar que esse tipo de visita tem respaldo na Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, mais tarde atualizada pela Lei 11.645/2008, que também inclui o ensino de cultura indígena



Mapa da saída para o IMS-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



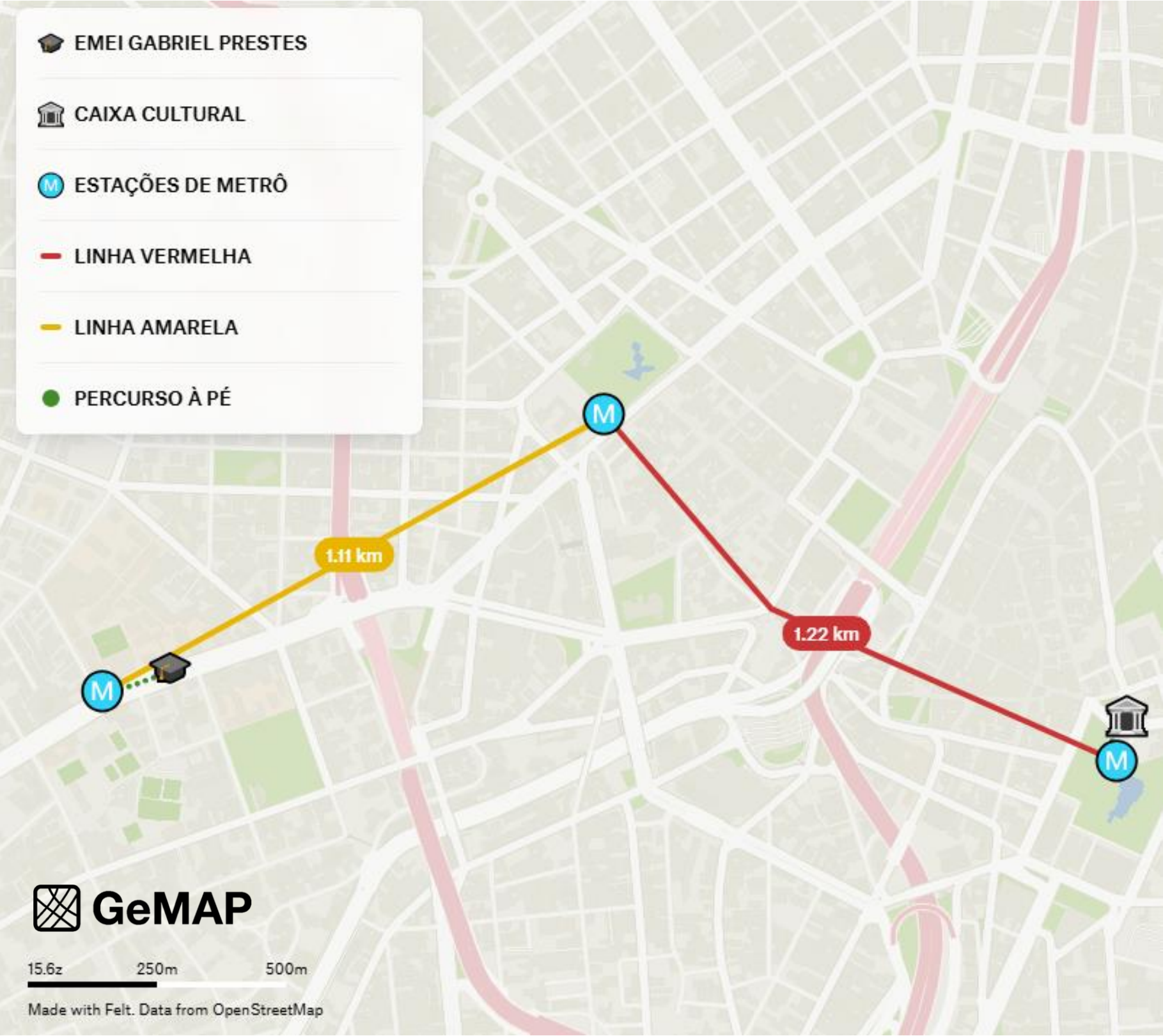
5.2.6– CAIXA CULTURAL

A Caixa Cultural é uma parceira antiga da escola e cada saída para esse equipamento cultural fortalece a relação das crianças com o centro da cidade. O percurso, feito por transporte público sob trilhos, se torna um momento potente de aprendizagem sobre mobilidade urbana. Caminhamos até a estação Higienópolis–Mackenzie, na Linha 4-Amarela e ali começam os desafios e descobertas do metrô. As escadas rolantes, um dos momentos mais tensos, exigem atenção ao próprio corpo, ao parceiro, às orientações das professoras e às demais pessoas que circulam pelo espaço, ativando cuidados e combinados coletivos.

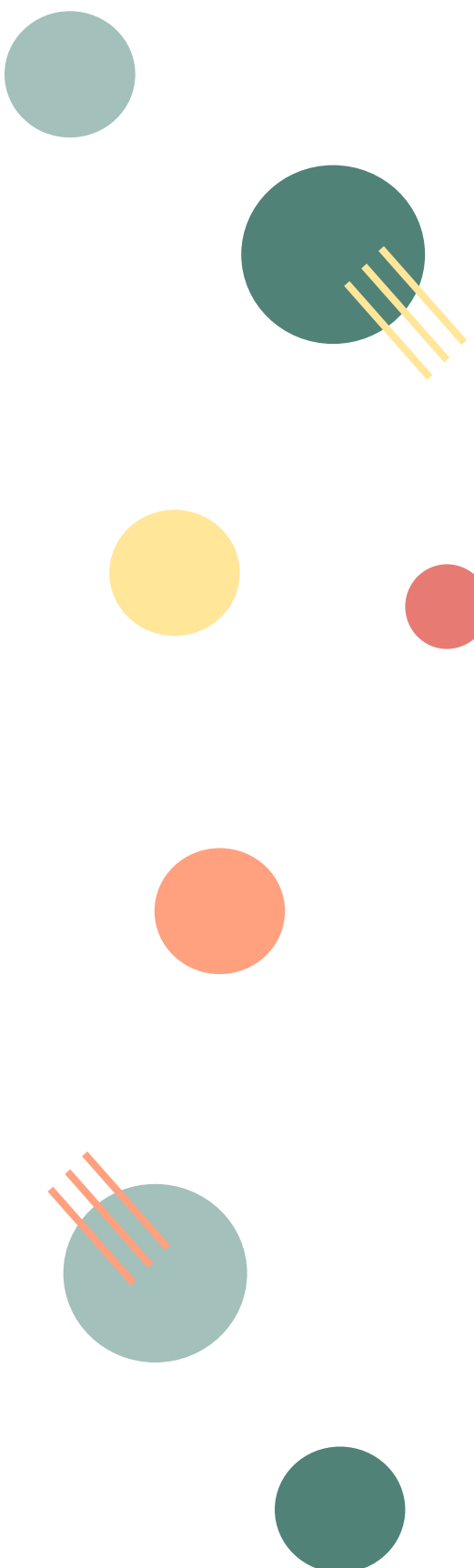
A relação com a Linha 4-Amarela, especialmente no início do ano, costuma ser marcada por barreiras no acesso, o que nos faz reivindicar o direito de circular com autonomia e segurança. Com o tempo, porém, a equipe do metrô passa a conhecer o grupo e o acolhimento melhora: ajudam no embarque, no desembarque e nas transferências, reconhecendo a importância das crianças naquele deslocamento. Já na Linha 3-Vermelha, o percurso se intensifica. A travessia pela estação Sé — grande ponto de encontro entre as linhas 1-Azul e 3-Vermelha — é desafiadora devido ao fluxo intenso de pessoas; muitas vezes o grupo enfrenta o fechamento de acessos, o que nos ensina a lidar com conflitos e direitos do ir e vir.

Ao chegarmos à Caixa Cultural, somos recebidos com cuidado pelos educadores, que desenvolvem visitas ligadas à cidade e às artes urbanas, abordando grafites, territórios e novas formas de ocupar o urbano. Em diferentes momentos, também exploramos os vitrais do edifício, reconhecendo arte e memória presentes na própria arquitetura.

Ir à Caixa Cultural mais de uma vez ao ano permite novos olhares e novas perguntas. Ver uma instituição acolher a infância reafirma o direito delas a participar de seus espaços mais simbólicos.



Mapa da saída para a Caixa Cultural
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



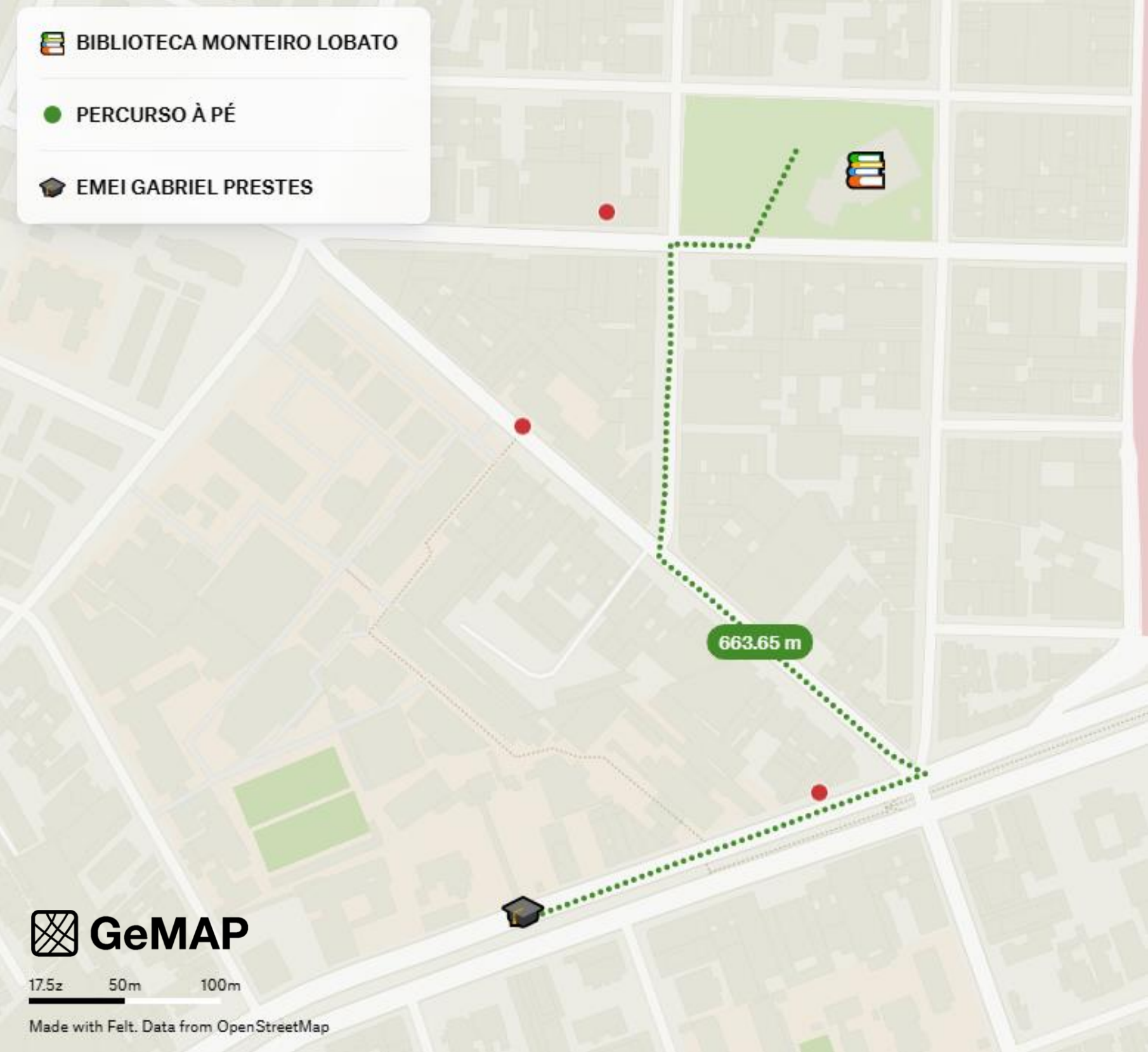
5.2.7– BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO

A Biblioteca Monteiro Lobato é uma parceria significativa para a escola, especialmente por seu compromisso com a literatura infantil e com o acesso à cultura. As saídas até lá são sempre realizadas a pé, o que torna o percurso parte integrante da experiência: caminhando pelas ruas do bairro, as crianças reconhecem caminhos, observam o entorno, criam novas referências e exercitam sua autonomia em deslocamentos coletivos.

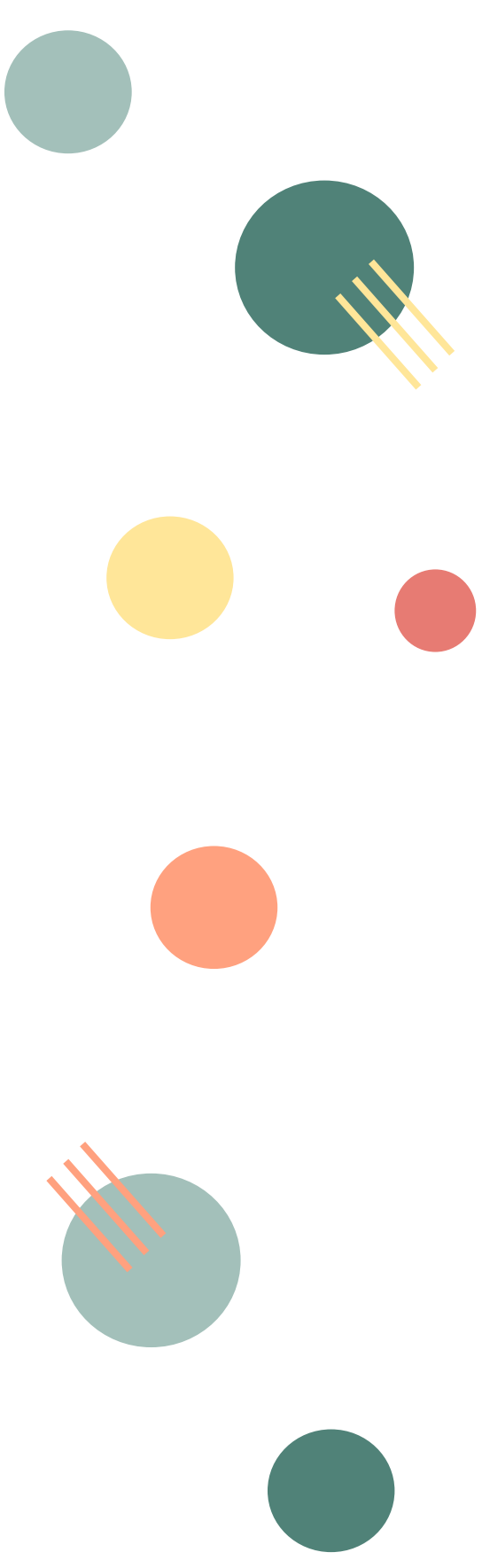
Além das rodas de leitura, a biblioteca também oferece peças de teatro e propostas culturais diversas que favorecem a imaginação, o riso, a escuta e a convivência. O parquinho ao lado do prédio complementa a experiência. Em momentos distintos da exploração das narrativas literárias, as crianças se dedicam ao brincar livre, fortalecendo sua presença no espaço público de maneira espontânea e alegre.

Frequentar a Biblioteca Monteiro Lobato ao longo do ano é também um gesto de cuidado com a cidade. Quanto mais as crianças ocupam e se apropriam desses espaços, mais sentido eles ganham e mais se fortalece a defesa de sua existência.

Em tempos em que lugares dedicados à infância podem desaparecer pelo desmonte e falta de investimento público, estar presente é afirmar o direito das crianças à cultura, ao encontro e ao brincar.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.8 – FUNARTE

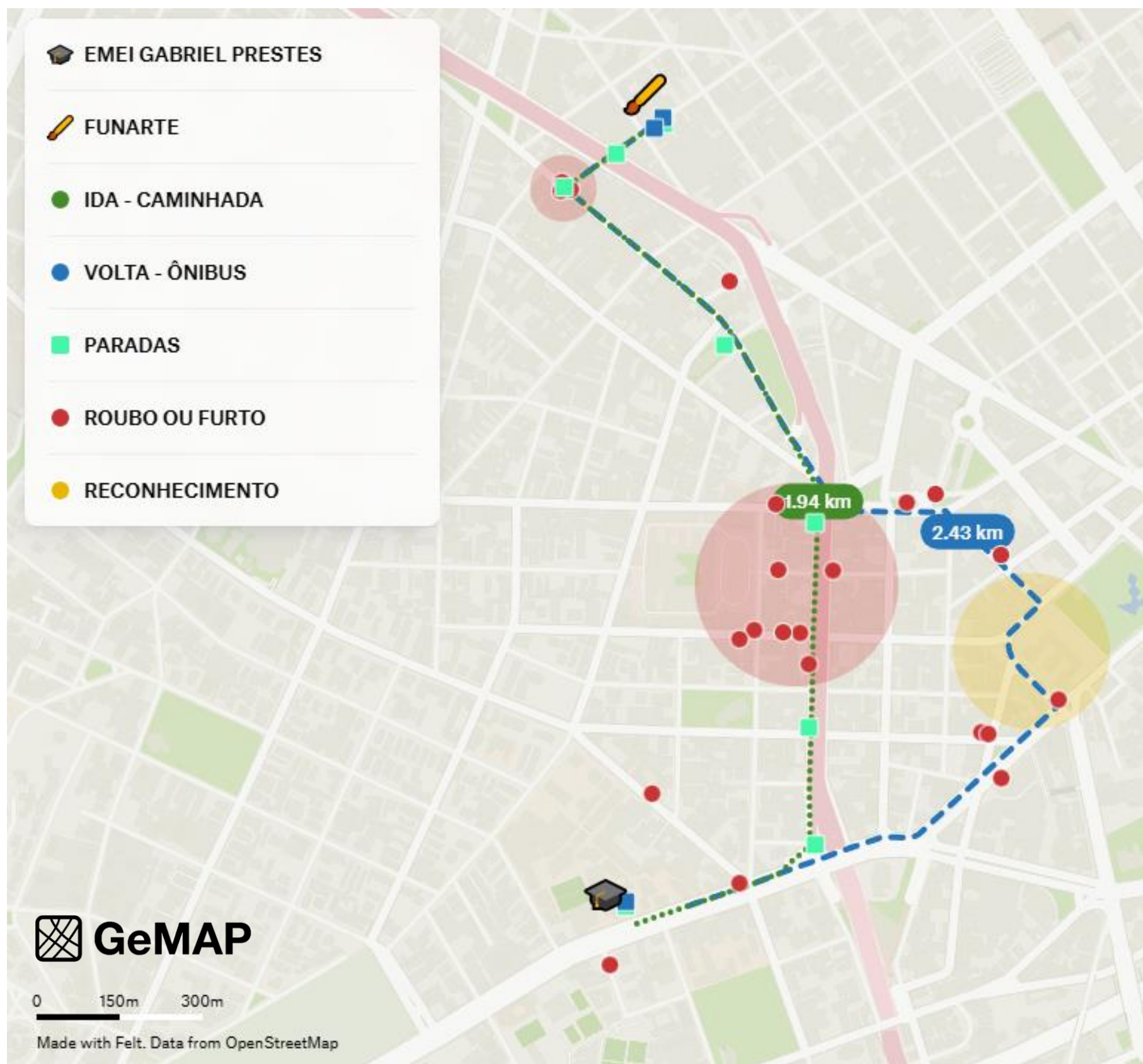
O destino da caminhada foi a FUNARTE, onde o grupo assistiu a peças do Grupo Esparrama, parceiro do Território. O teatro, como linguagem sensível, abre o espaço para novas escutas e formas de expressão, envolvendo e fortalecendo os vínculos entre as crianças e a cidade.

A saída parte de um percurso a pé de cerca de 2km, margeando o Elevado Presidente João Goulart, o Minhocão. Ao longo do trajeto, fizemos várias paradas, dentre elas para marcar a esquina da casa de uma das crianças. O gesto reforça o senso de pertencimento e identidade territorial, permitindo o reconhecimento das realidades dentro do grupo.

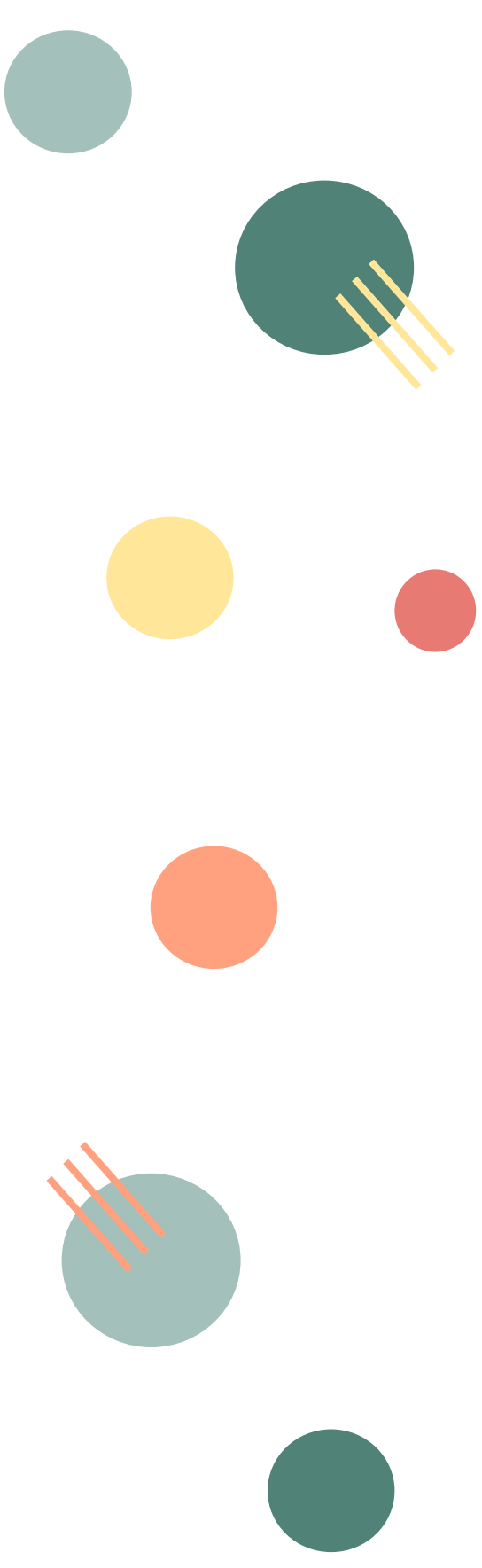
No caminho, encontramos diversas pessoas em situação de rua, a maioria dormindo, atentas a esses corpos, as crianças passavam em silêncio e respeito. Dentre os desafios, as calçadas apresentaram-se como grande dificuldade — estreitas, irregulares, esburacadas, com inúmeros elementos bloqueadores, exigindo cuidado constante. A sensação de insegurança era reforçada pelo intenso tráfego de veículos na via lateral e na parte superior do elevado.

Seguimos pelo Largo da Santa Cecília, onde o comércio local e o movimento das ruas despertaram o interesse do grupo. As vitrines, cheiros e sons foram pontos de diálogo e interação entre objetos e comunidade. A admiração ao elevado provocava pausas, conversas e aprendizado sobre a diferença entre ponte e viaduto.

No retorno, o grupo utilizou o transporte público. O deslocamento de ônibus, além de prático, se tornou uma nova experiência de reconhecimento dos elementos urbanos: durante o trajeto, as crianças identificaram ruas e outras escolas conhecidas e compartilharam entre si onde moram, ligando o cotidiano da casa à escola por meio da cidade que atravessam.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP – Teatro Esparrama
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.9 – SESC 24 DE MAIO

Essa saída foi especialmente significativa, não apenas por percorrer marcos do centro, como o Copan e o Terraço Itália, mas também pela menor quantidade de crianças do grupo, o que facilitou o diálogo ao longo do percurso. A motivação para o trajeto foi a participação nas atividades interativas da Semana do Brincar* no Sesc 24 de Maio. Lá, as crianças se divertiram com práticas circenses envolvendo bolas e cordas, experiências que estimulam equilíbrio e autoconfiança, aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil.

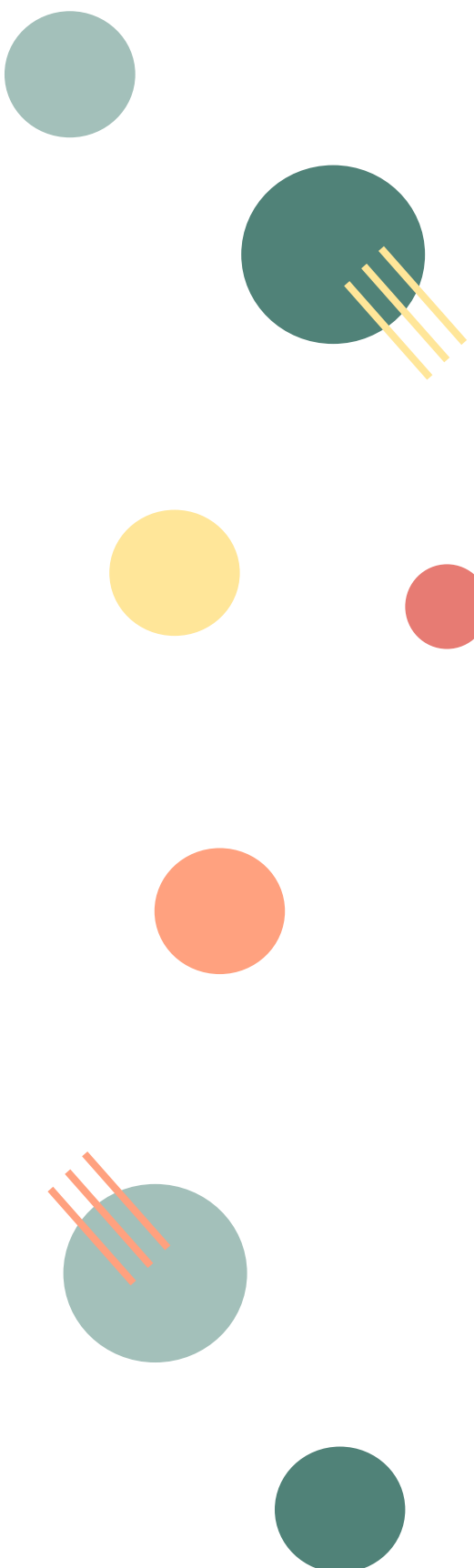
Além das atividades no Sesc, o grupo explorou a Praça da República, onde a vegetação, os peixes e os pássaros despertaram curiosidade e encantamento. Durante o trajeto, as crianças exercitaram o caminhar pela cidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao reconhecerem espaços familiares, como o local de trabalho da mãe ou o prédio onde moram. A arte urbana também chamou atenção, especialmente um grafite em homenagem às pessoas que sofreram AVC, provocando reflexões sobre a cidade e suas expressões culturais.

O passeio gerou interações com a população local, com comerciantes e pedestres demonstrando admiração pelo grupo, reforçando a ideia de que a cidade pertence a todos e deve ser vivenciada por crianças. As educadoras desempenharam um papel essencial na condução e mediação do percurso, promovendo interações ricas e instigando o olhar atento das crianças para o entorno. Essa vivência reafirma a importância de ocupar o espaço público como um ambiente de aprendizado e pertencimento, onde a exploração e a descoberta ampliam as referências culturais e sociais das crianças.

*A Semana Mundial do Brincar é uma campanha anual que promove o brincar livre em espaços acolhedores, sensibilizando a sociedade e o poder público sobre a importância do direito das crianças a brincar.



Mapa da saída para o SESC 24 de Maio
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



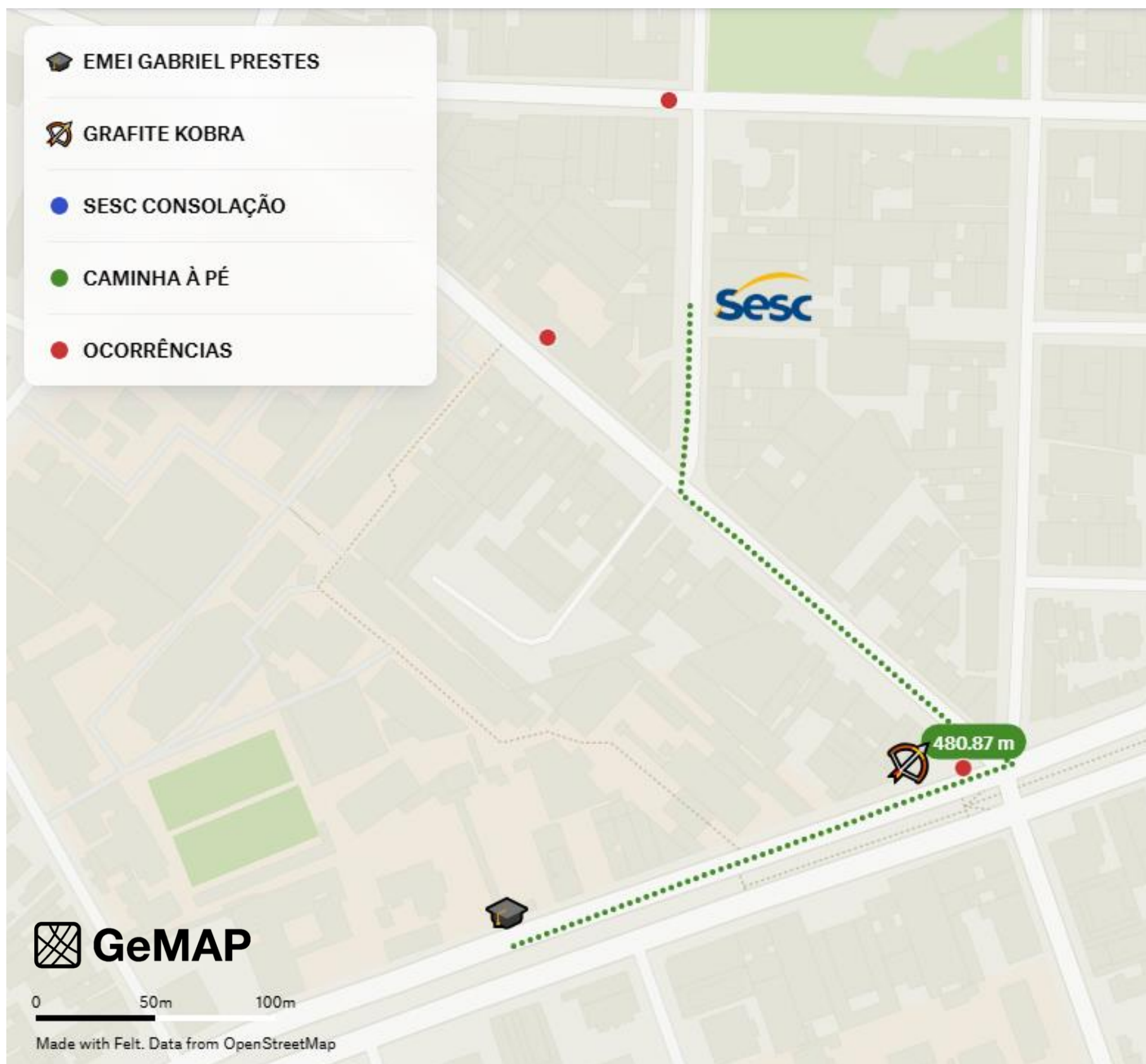
5.2.10 – SESC CONSOLAÇÃO

As visitas ao SESC Consolação fazem parte de uma parceria construída ao longo de muitos anos, fortalecida a cada nova saída. Por estar próximo à escola, o trajeto é sempre feito a pé, permitindo que as crianças vivenciem a cidade de forma ativa, observando ruas, praças e os movimentos do entorno, reforçando suas referências locais.

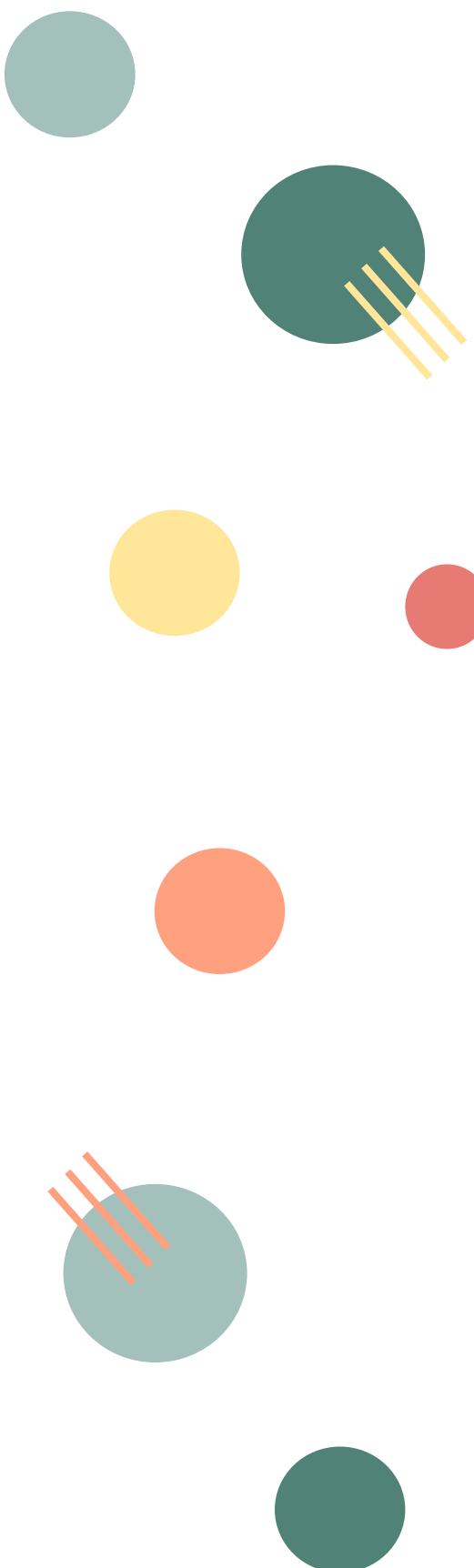
Os educadores acolhem as crianças com propostas que integram cultura, lazer e convivência. O uso do espaço de brincar é sempre aguardado com entusiasmo, pois os pequenos exploram brinquedos, experimentam movimentos, testam limites e constroem brincadeiras de forma espontânea. Esses momentos evidenciam o brincar como direito, fortalecendo vínculos e ampliando repertórios corporais.

Além disso, as visitas também proporcionam acesso a diferentes linguagens artísticas. Assistir a espetáculos ao vivo — com música, luzes, cenários e artistas em atuação — desperta curiosidade, imaginação e amplia a relação das crianças com o mundo da cultura, estimulando novas conversas e expressões na escola.

É especialmente significativo que as crianças se apropriem de um equipamento como o SESC, um espaço que reúne dimensões públicas e privadas, oferecendo serviços e experiências gratuitas ou acessíveis a todos. Estar ali, caminhando por seus corredores, participando das atividades e convivendo com outras infâncias, contribui para reconhecer a cidade como um lugar de diversidade e encontro.



Mapa da saída para a SESC Consolação
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



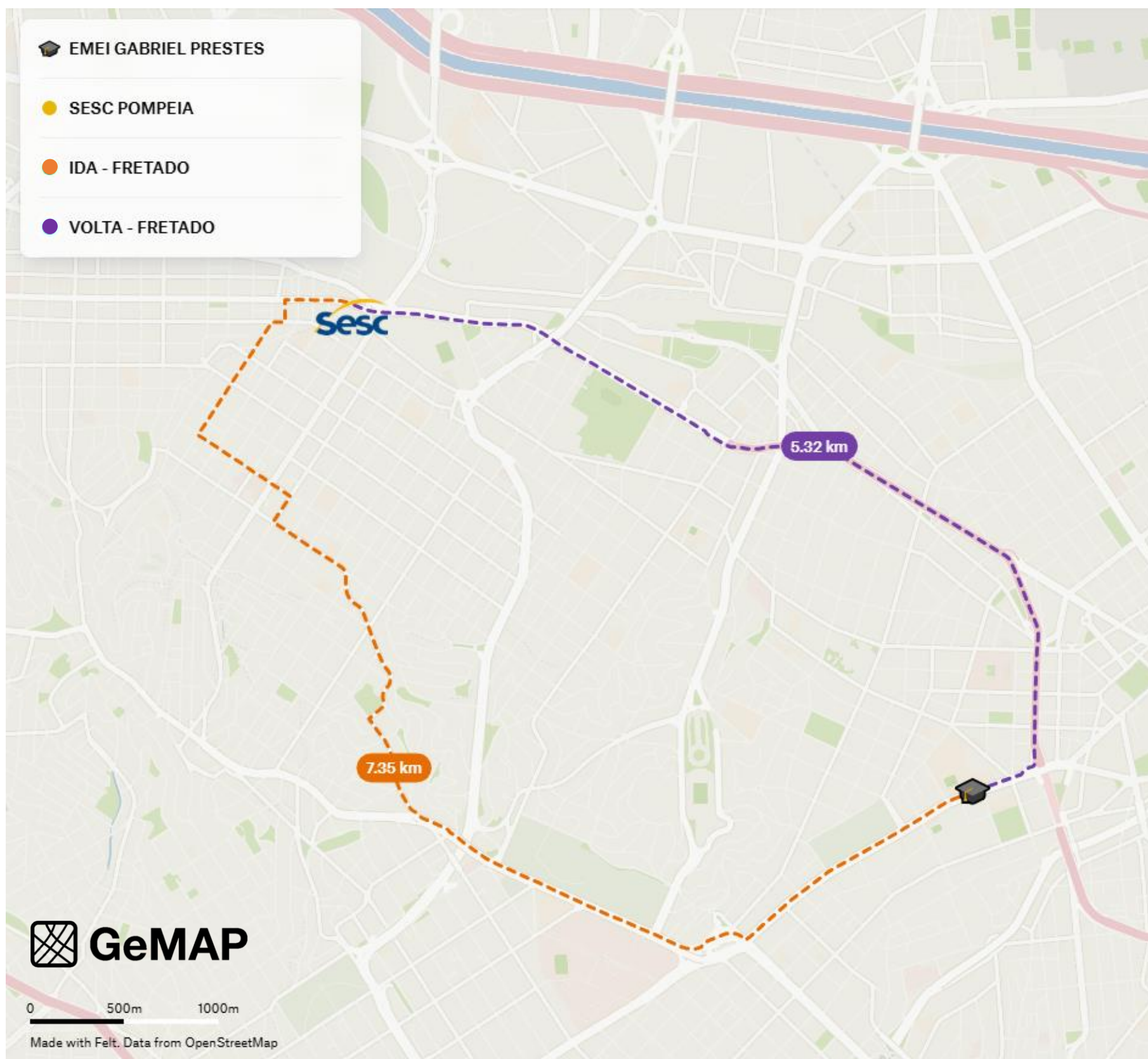
5.2.11 – SESC POMPEIA

A parceria com o SESC Pompeia é mais recente, mas rapidamente se tornou especial para as crianças. As saídas até lá, realizadas com transporte fretado, já começam com expectativa de observar o caminho mais longo, reconhecer novas paisagens da cidade e perceber como São Paulo se transforma ao nos afastarmos do centro.

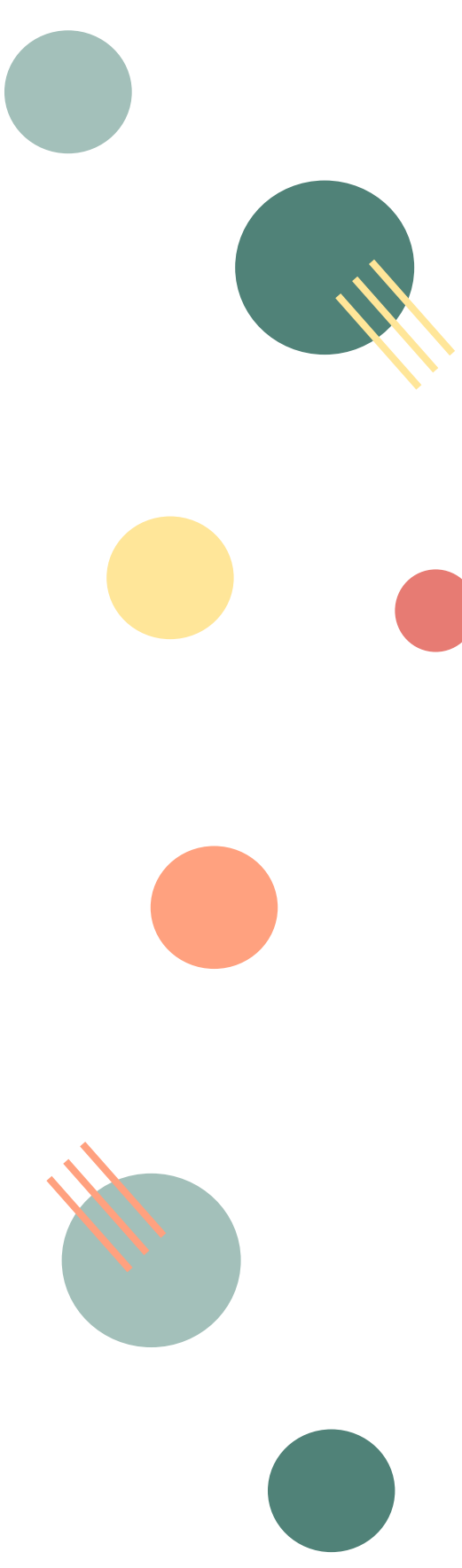
O SESC Pompeia convida a habitar um espaço singular, marcado pela arquitetura da antiga fábrica e pelos amplos vazios que convidam ao movimento. Diferente dos SESC's do centro, onde grande parte das atividades acontece dentro de edifícios, ali as experiências se espalham pelos corredores, passarelas, decks e áreas externas, criando oportunidades diversas para explorar, brincar, ler, e descobrir.

As crianças circulam com curiosidade pelos galpões, observam a água que corre por dentro e se aventuram nos espaços livres que mesclam cultura e lazer. Entre uma exploração e outra, há tempo para brincar, para se apropriar dos ambientes e estabelecer novas relações com o espaço.

Mesmo sendo um dos parceiros mais distantes, o SESC Pompeia já se tornou presença garantida nas travessias da escola. As experiências vividas ali reforçam o direito das crianças ao brincar e a conhecer diferentes territórios, ampliando repertórios culturais e espaciais. A cada visita, o SESC Pompeia se confirma como um lugar de encontros, aprendizagens e encantamento — um cenário que convida a imaginar novos modos de estar na cidade.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.

A decorative graphic on the left side of the page consists of several colored circles (teal, orange, yellow, red) and three parallel lines (yellow and orange) that intersect some of the circles.

5.2.12 – MATILHA CULTURAL

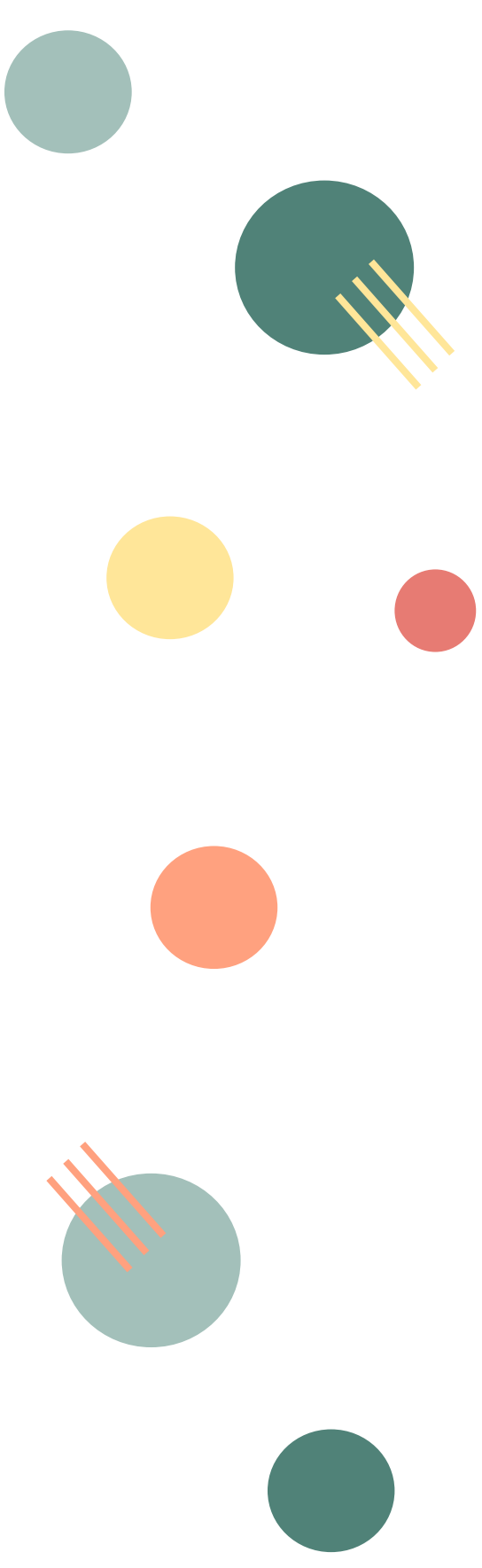
Essa saída foi aguardada com grande expectativa pelas crianças, muitas das quais teriam seu primeiro contato com o cinema. A visita foi articulada por Pedro Moreno, parceiro de Yoga da Casa Amarela, e consolidou a Matilha Cultural como um novo parceiro da escola.

No trajeto até o espaço, mesmo sendo um percurso curto, o entusiasmo das crianças transformou o caminho em uma experiência vibrante. Na chegada, foram recebidas por Marcel, que apresentou a Matilha Cultural, um espaço dedicado à promoção de produções culturais e iniciativas socioambientais. Além da sala de cinema modernizada, o local abriga galerias de arte, áreas para apresentações e debates. Após conhecerem as exposições, as crianças assistiram ao filme *Meu Amigo Totoro*, mergulhando na história com encanto e curiosidade. A sessão foi um sucesso, e ao saírem, ainda cantavam as músicas da trilha sonora.

A parceria com a Matilha resultou em várias outras visitas, incluindo exhibições de *Luca* e outros filmes. Inspiradas pela experiência, as crianças decidiram escrever uma carta de agradecimento ao Pedro, reconhecendo seu papel fundamental na ampliação de seus horizontes culturais.



Mapa da saída para Matilha Cultural – Cinema
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.13 – CORREIOS

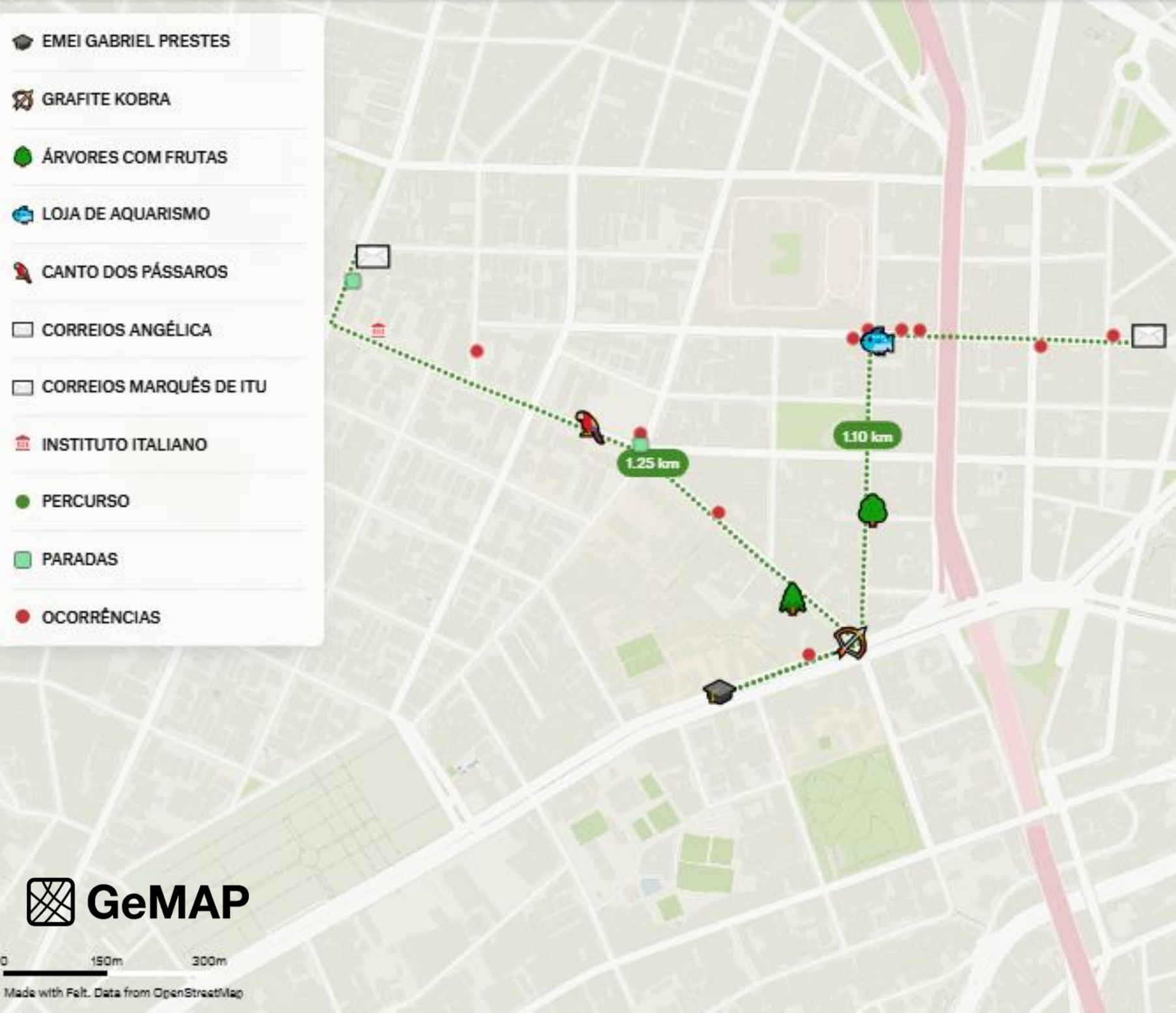
O envio das cartas é parte de vários projetos, atividades e relações com os parceiros do território com as turmas, sendo assim, as agências da Rua Marquês de Itu e da Avenida Angélica passaram a fazer parte do cotidiano das atividades.

Na saída para agência da Rua Marquês de Itu, as crianças, com a supervisão das professoras, exploraram o ambiente urbano e identificaram diversos elementos que chamaram sua atenção, marcados no mapa. Entre os pontos destacados, estavam o grafite do indígena na Consolação, o caquizeiro na Rua Dr. Cesário Mota Júnior e uma loja de aquarismo, cada um trazendo uma representação única da paisagem local.

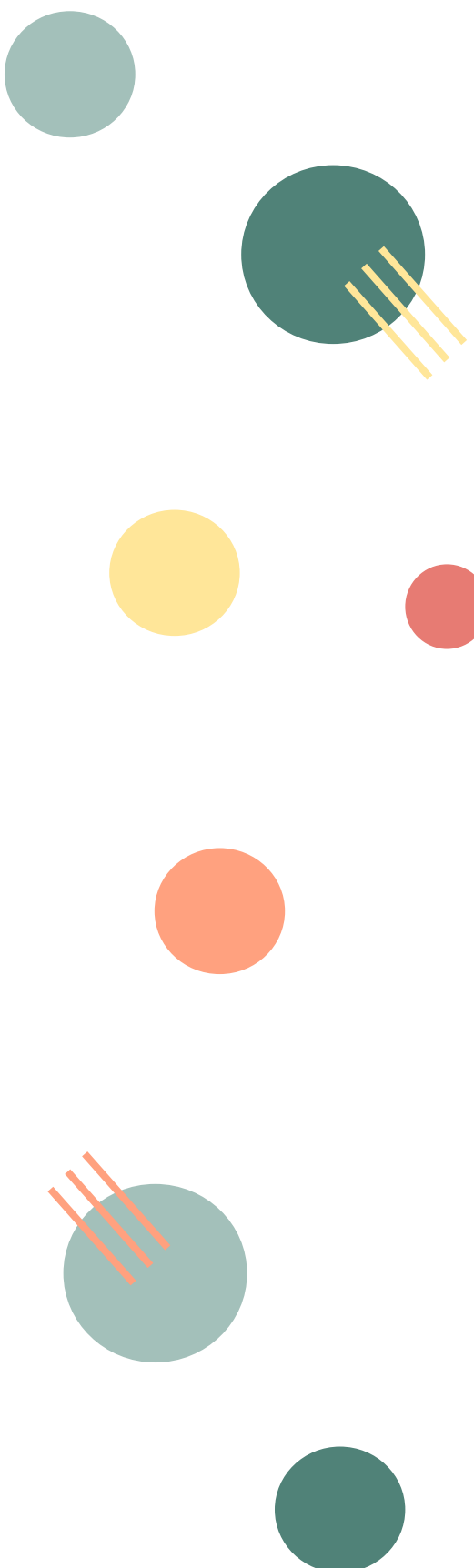
Na saída para agência da Avenida Angélica, as crianças exploram outro espaço e notam outras espécies frutíferas (mesmo em espaço privado), casas em meio aos prédios, sinalização sonora das garagens e até o canto dos pássaros (o que é muito significativo para a turma que escolheu o nome de “passarinhos”)

Além dos aspectos visuais do caminho, a troca de cartas proporcionou uma oportunidade prática para as crianças entenderem a importância do correio como meio de comunicação. Em um mundo cada vez mais digital, onde as formas instantâneas de comunicação são predominantes, nota-se que o envio de cartas se tornou um ato significativo.

Essa experiência, portanto, não só fortaleceu o entendimento das crianças sobre o espaço urbano e seus desafios, mas também as incentivou a valorizar formas de comunicação que resgatam o contato humano e a reflexão mais cuidadosa, algo que, no ritmo acelerado da vida cotidiana, muitas vezes é deixado de lado.



Mapa da saída para as agências dos Correios – Troca de cartas com os parceiros
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima e Pedro Gilli, 2024.



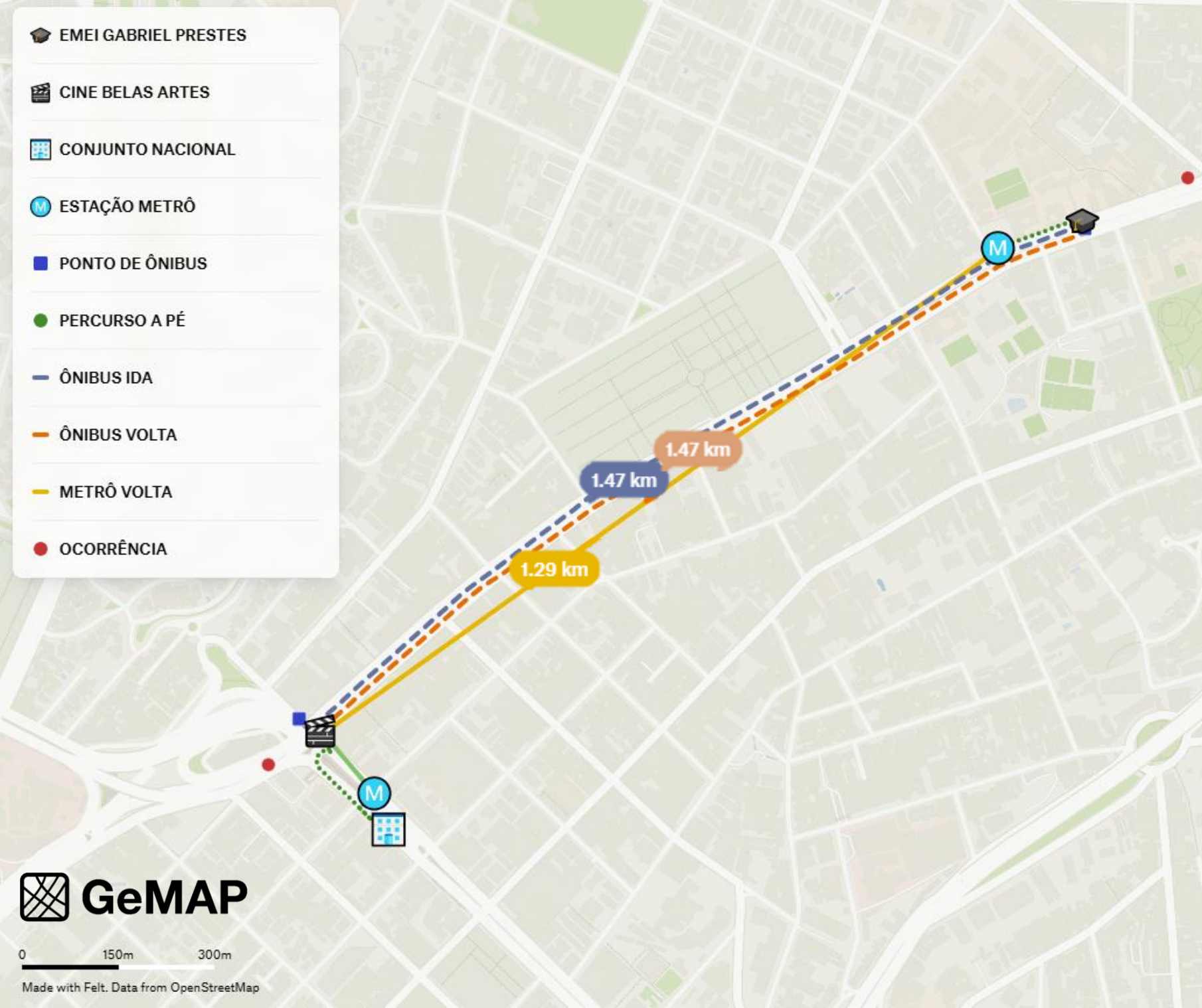
5.2.14 – CONJUNTO NACIONAL

A saída foi cedida por uma das escolas parceiras para assistir ao filme *“Teco e Tuti: Uma Noite na Biblioteca”*, produzido há 20 anos pela Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos e lançado apenas em 2024. Inicialmente, a exibição aconteceria no antigo Cine Belas Artes, mas foi transferida para o Conjunto Nacional.

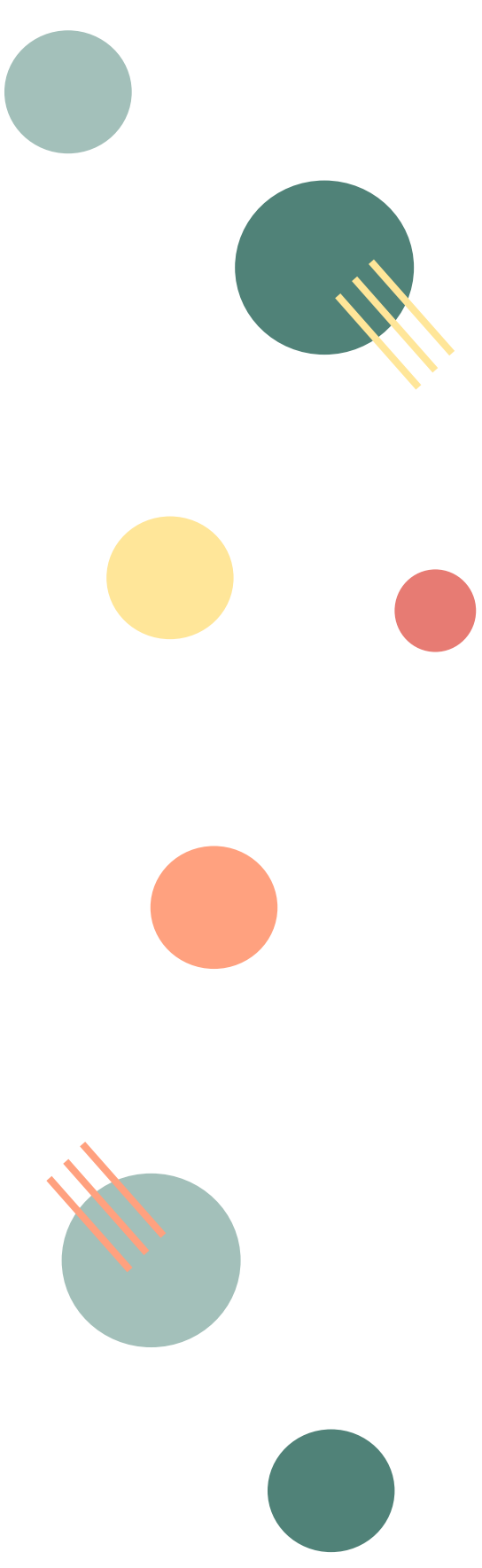
A travessia contou com um grande volume de crianças, o que tornou o deslocamento desafiador. O trajeto começou de ônibus pela Rua da Consolação, onde as calçadas estreitas dificultaram a caminhada até a Avenida Paulista. Além disso, algumas crianças acabaram caindo no percurso, exigindo atenção redobrada. Parte do caminho também estava em obras, tornando o trajeto ainda mais complexo.

O retorno à escola teve alguns imprevistos com o tempo, pelo volume de pessoas no horário de almoço, as turmas acabaram se dividindo e parte retornou de ônibus, e a outra parte, de metrô, resultando em atrasos.

Apesar de o Conjunto Nacional ser um ícone da arquitetura moderna, as crianças não puderam explorá-lo com calma, devido ao tempo apertado e à logística da saída. Ainda assim, a experiência do cinema se destacou como um momento especial, proporcionando contato com uma obra rara e valorizando a cultura audiovisual infantil.



Mapa da saída para Conjunto Nacional – Cinema
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.

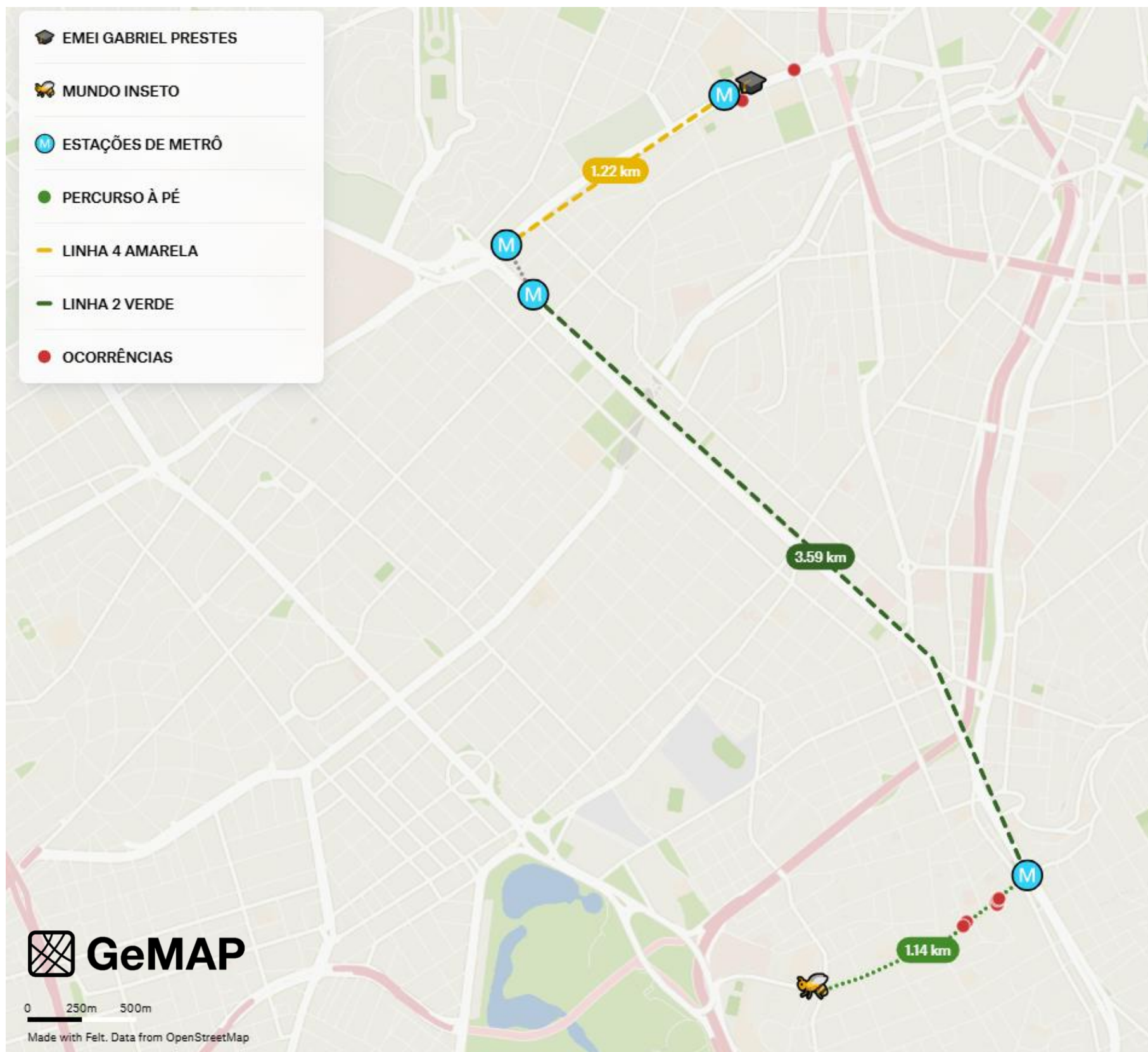


5.2.15 – PLANETA INSETO

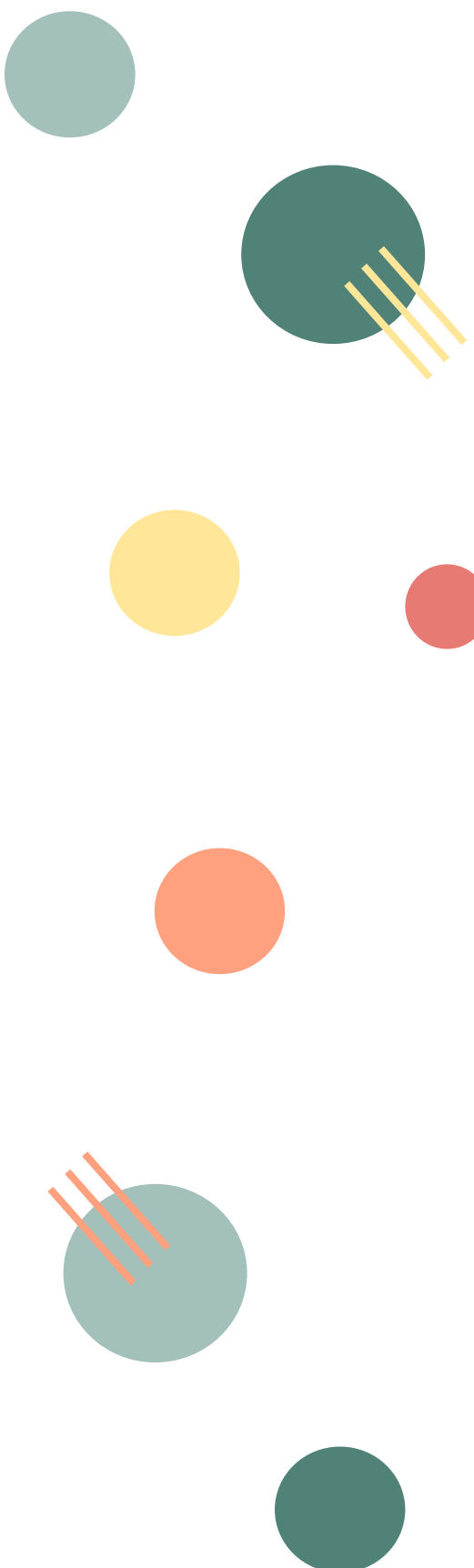
A visita ao Planeta Inseto foi uma oportunidade rica em aprendizado e reflexões sobre a importância dos pequenos seres na preservação do equilíbrio ambiental. Durante a saída de campo, as crianças, guiadas por instrutores, tiveram a chance de observar de perto um bicho-pau e uma espécie de barata. Esses encontros despertaram curiosidade e muitas perguntas, abrindo caminho para debates sobre o papel dos insetos no ecossistema.

A observação do bicho-pau encantou as crianças, que ficaram fascinadas com sua capacidade de se misturar ao ambiente, mostrando como a adaptação é uma estratégia essencial na natureza. Já a barata apresentada foi descrita como um exemplo de inseto importante no ciclo natural, ajudando na decomposição de matéria orgânica em seu habitat específico. Esse momento desmistificou preconceitos comuns sobre os insetos e trouxe uma visão mais ampla de suas funções ecológicas.

Ao longo da visita, as crianças foram estimuladas a refletir sobre como cada ser vivo, por menor que seja, desempenha um papel crucial no equilíbrio ambiental. Essa saída de campo não apenas proporcionou descobertas, mas também incentivou a valorização da biodiversidade e a conscientização sobre a necessidade de preservar o meio ambiente. As crianças voltaram cheias de perguntas, ideias e mais conscientes da necessidade de respeitar e preservar a natureza.



Mapa da saída para a Planeta Inseto – Aprendizagem sobre insetos
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.16 – MUSEU JUDAICO

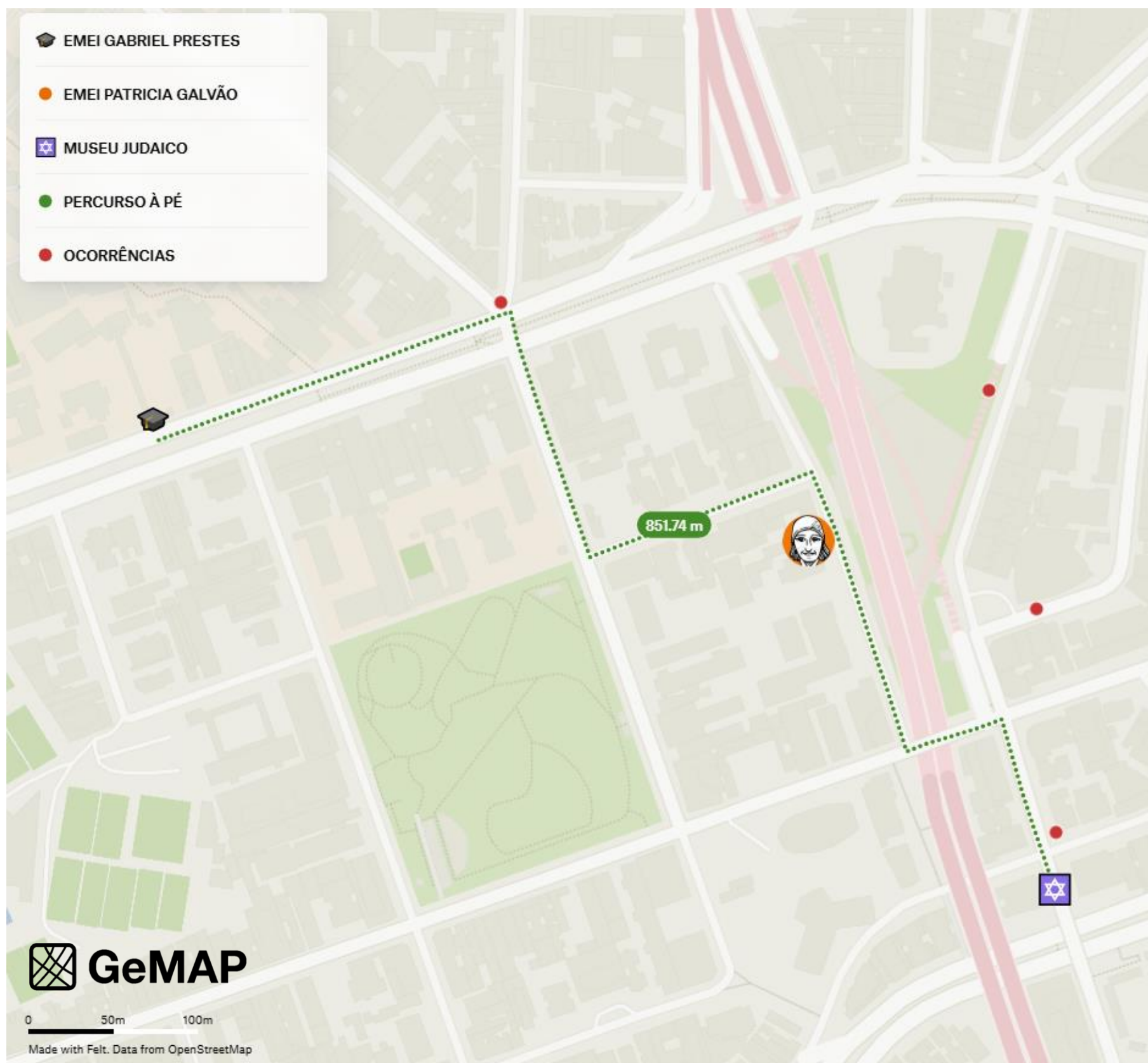
A saída teve início com um agradável percurso a pé até o Museu Judaico de São Paulo, localizado em pleno centro da cidade, no edifício histórico da antiga Sinagoga Beth-El.

No caminho, o grupo passou pela EMEI Patrícia Galvão, onde realizou a marca do “*Criança na Área*”. Esse gesto simbólico fortalece o vínculo entre as escolas (tidas como irmãs) e reconhece mais uma parceira no território, que caminham juntas em projetos educativos.

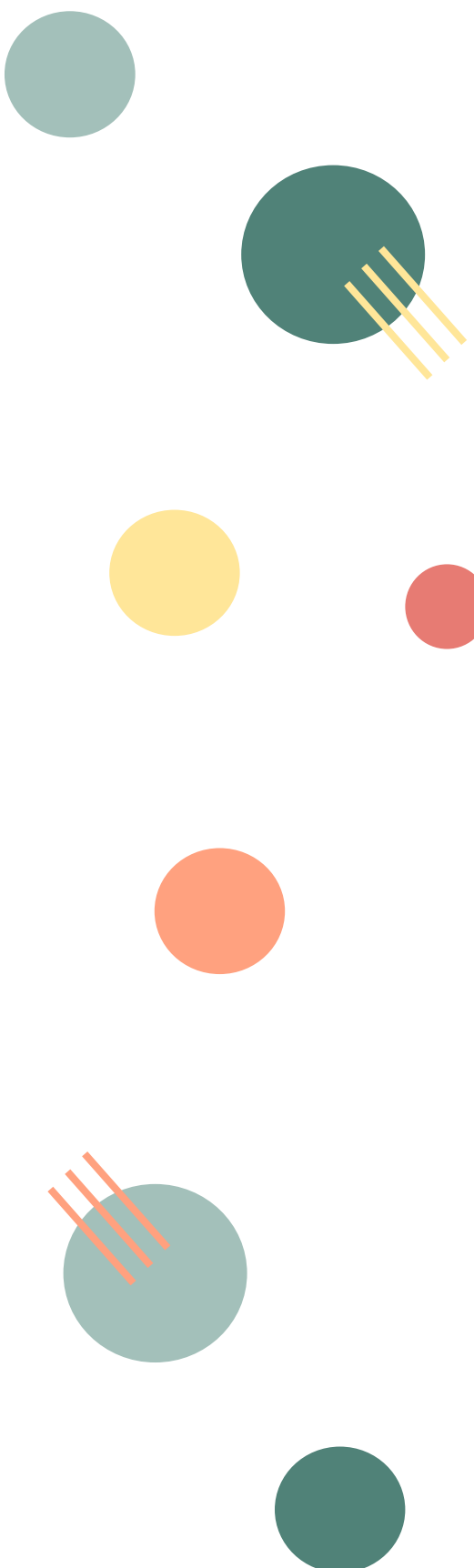
Logo na chegada, o grupo foi recebido calorosamente pelo educador Sauro, que conduziu as crianças por uma imersão no universo da cultura judaica. O educador apresentou algumas das principais tradições do judaísmo, explicando o significado de datas como o *Shabat*, marcado pelo descanso semanal, e o *Yom Kipur*, momento de reflexão e perdão. As crianças puderam conhecer também objetos simbólicos, como o *shofar* (instrumento feito de chifre de carneiro), os castiçais usados no *Shabat* e a *mezuzá*, fixada nas portas das casas judaicas.

Durante toda a conversa, houve um rico intercâmbio: os alunos compartilharam seus conhecimentos em LIBRAS com Sauro, transformando a visita em um espaço de múltiplas linguagens e acessibilidade. O educador valorizou esse diálogo, ressaltando como a diversidade cultural e linguística enriquece o aprendizado coletivo.

Além das tradições religiosas, as crianças exploraram elementos da vida cotidiana e da história do povo judeu no Brasil, compreendendo as memórias, aprendendo mais sobre o respeito às diferenças e a convivência entre culturas. Ao final, a experiência deixou marcas de encantamento e curiosidade, ampliando o repertório das crianças e reforçando o papel da cidade como espaço educativo.



Mapa da saída para o Museu Judaico – Exposição
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.17 – SOLAR DA MARQUESA

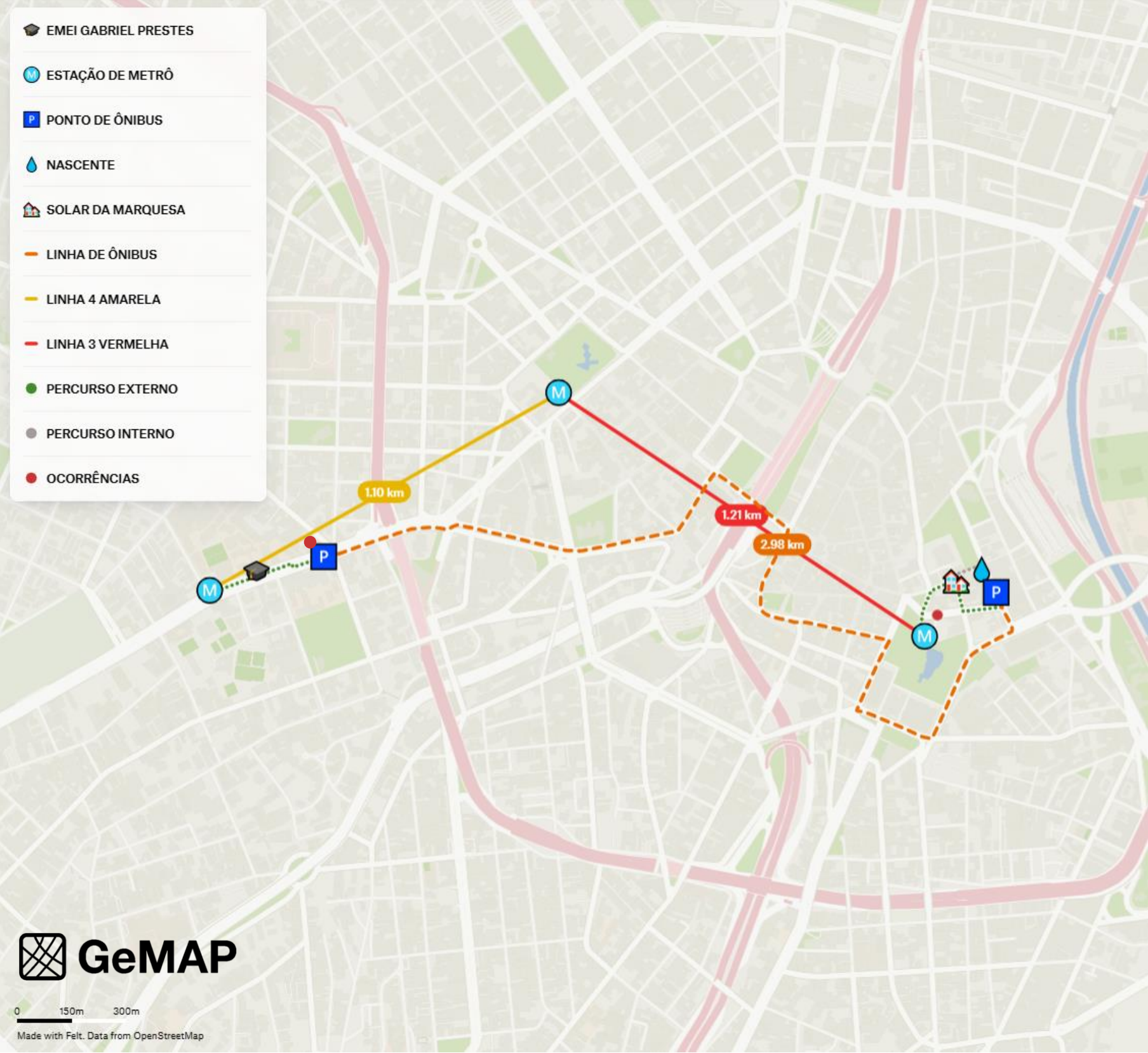
A visita ao Solar da Marquesa foi uma viagem no tempo e uma oportunidade de aprendizado sobre a história de São Paulo para as crianças. A saída, realizada juntamente com a turma do brinquedo, começou com o trajeto de ônibus até o centro histórico da cidade, uma experiência que, por si só, já gerou entusiasmo entre os pequenos.

No Solar, as crianças puderam conhecer a sala de banho, com sua antiga banheira e o encanamento exposto, que mais parecia uma vala. Esse detalhe chamou a atenção dos pequenos e gerou muitas perguntas sobre como as pessoas viviam antigamente. Foi uma experiência que despertou a imaginação e trouxe reflexões sobre o passado e o presente.

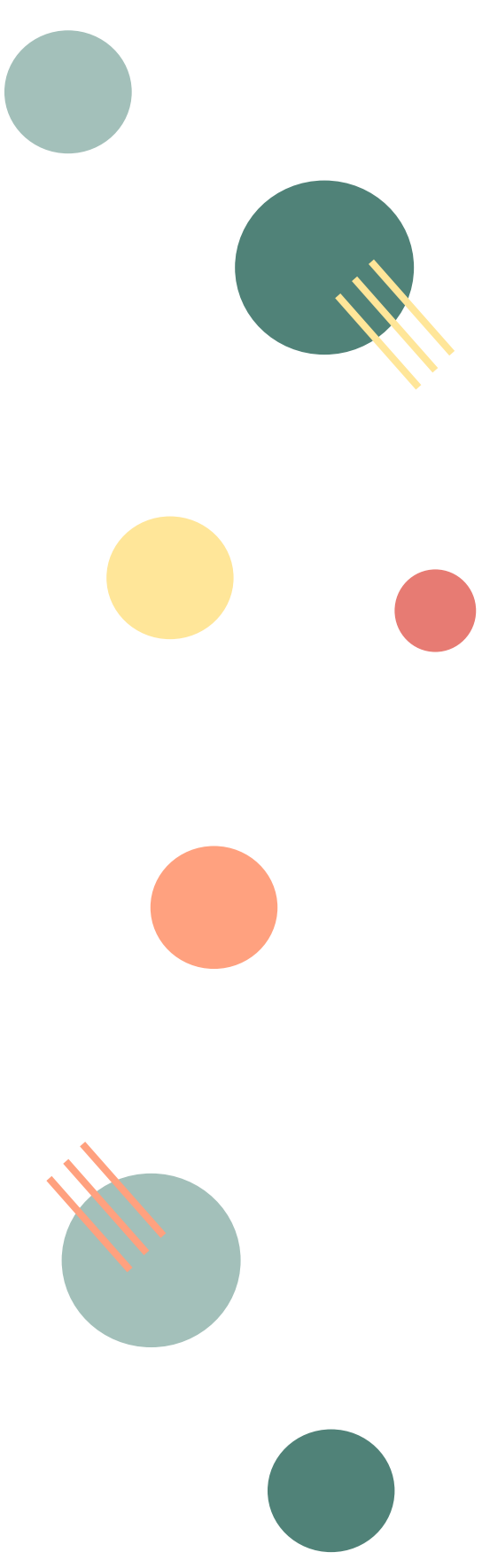
Em seguida, visitamos uma fonte d'água, um raro vestígio de uma época em que o Rio Tamanduateí fazia parte da vida cotidiana e econômica da cidade. Mesmo que o conceito histórico pudesse ser abstrato para alguns, a simples presença da água em meio ao concreto da cidade despertou curiosidade e admiração.

O passeio terminou com um retorno de metrô, partindo da Praça da Sé. Durante o caminho de volta, as crianças conversavam animadamente sobre tudo o que tinham visto, e ao chegarem à escola, não faltaram histórias para compartilhar com os familiares.

Foi um dia que uniu história, cidade e as impressões únicas que só os olhos atentos das crianças podem captar.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.18 – PRAÇA ROOSEVELT

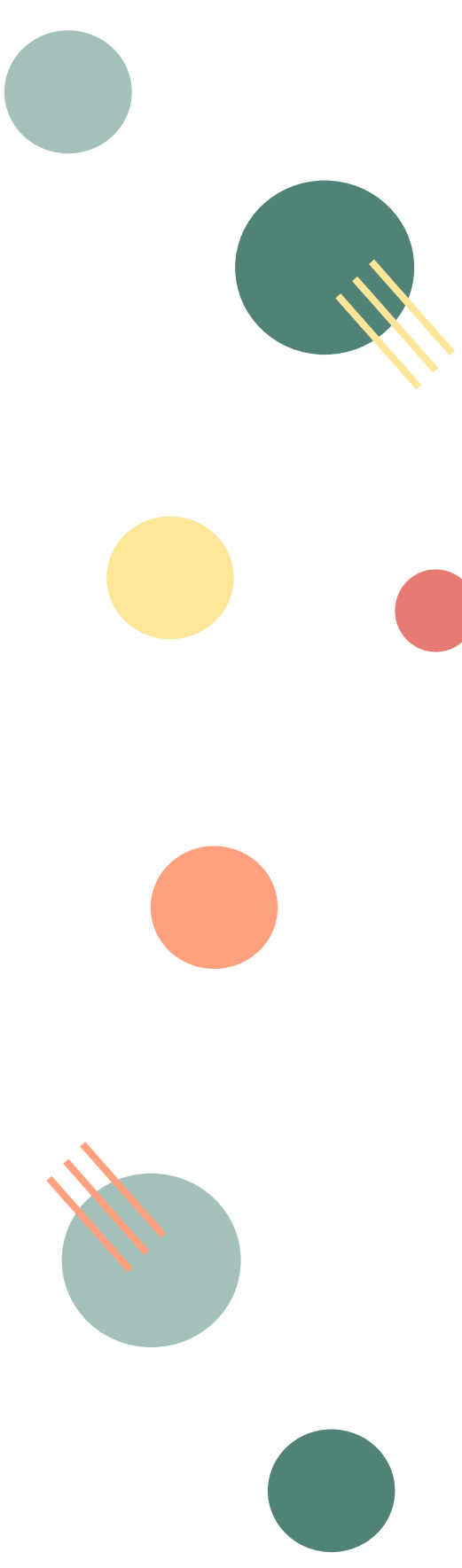
A Praça Roosevelt é um espaço público emblemático, que passou por inúmeras transformações estruturais, consolidando-se hoje como um polo importante para a integração de perfis, com diversos públicos, mantendo a praça viva em todos os horários. A praça tem um papel importante para as crianças da rede, já que é tida como espaço de integração entre crianças e escolas da rede. Essa conexão facilitou imensamente o convívio e o diálogo. Existem inúmeras motivações pedagógicas para frequentar o local, o que o torna, na prática, quase como uma extensão natural dos espaços da própria escola.

Em pleno espaço aberto no efervescente centro da metrópole, proporcionou-se a imersão nas diversas atividades culturais e lúdicas que ocorrem no local. Lá, as crianças se divertiram ativamente com apresentações de artistas, rodas de cantigas e atividades de pintura realizadas com parceiros. São experiências enriquecedoras que estimulam a criatividade, a interação e a expressão livre, aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil. Durante a vivência, as crianças também exercitaram o brincar livre pela cidade. Esse movimento fortaleceu o sentimento de pertencimento ao reconhecerem aquele ambiente amplo, cercado por manifestações de arte urbana, como um espaço seguro, acolhedor e familiar para o lazer.

As educadoras desempenharam um papel essencial na condução e mediação do percurso, promovendo interações ricas e instigando o olhar atento para o entorno. Essa vivência reafirma a importância de ocupar o espaço público como um ambiente de aprendizado e pertencimento, onde a exploração e a descoberta ampliam as referências culturais e sociais das crianças.



Mapa da saída para a Praça Roosevelt
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



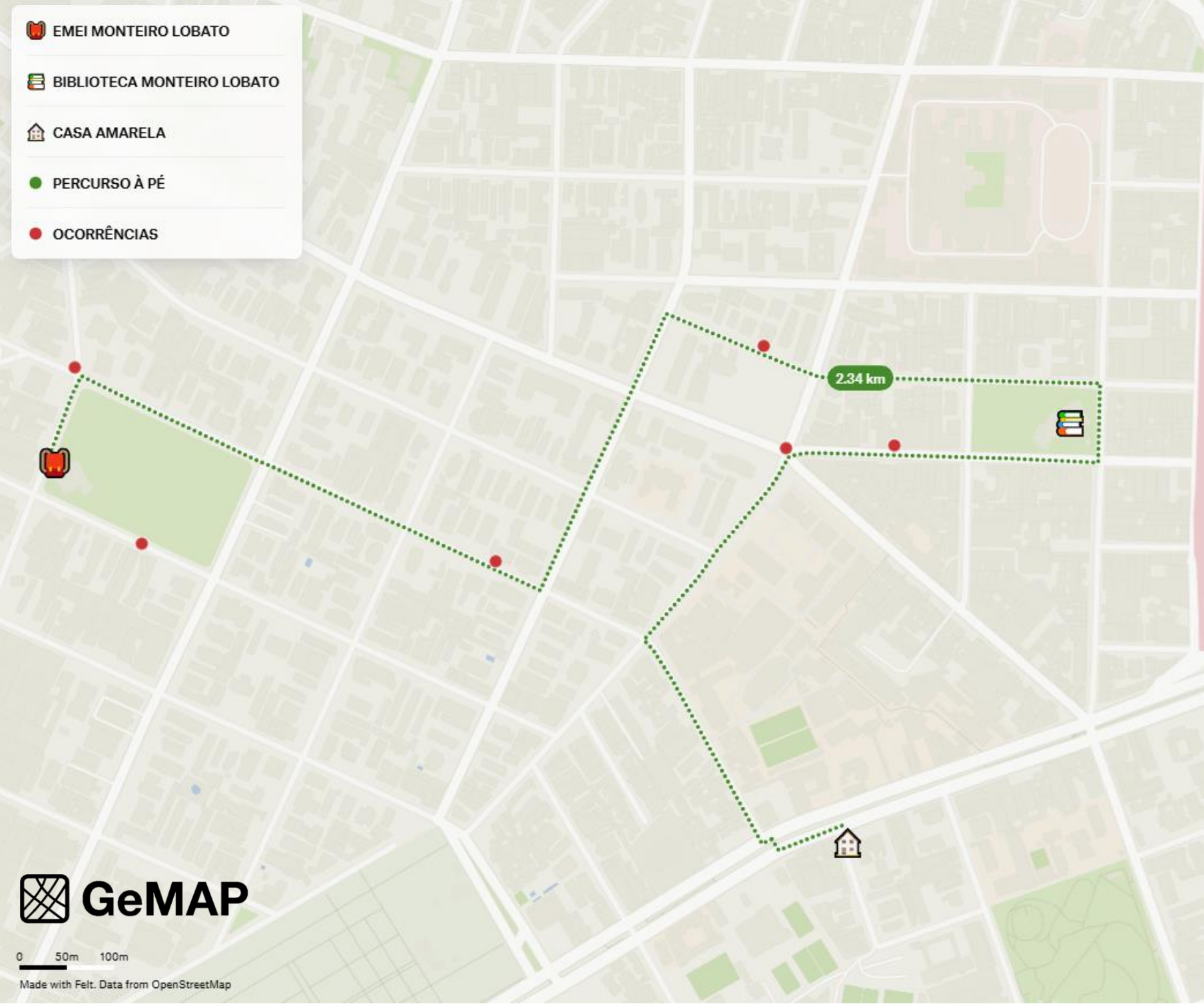
5.2.19 – VIRADA EDUCAÇÃO

DIREITO DAS CRIANÇAS À CIDADE: OCUPAÇÕES E DESOCUPAÇÕES DOS ESPAÇOS CULTURAIS

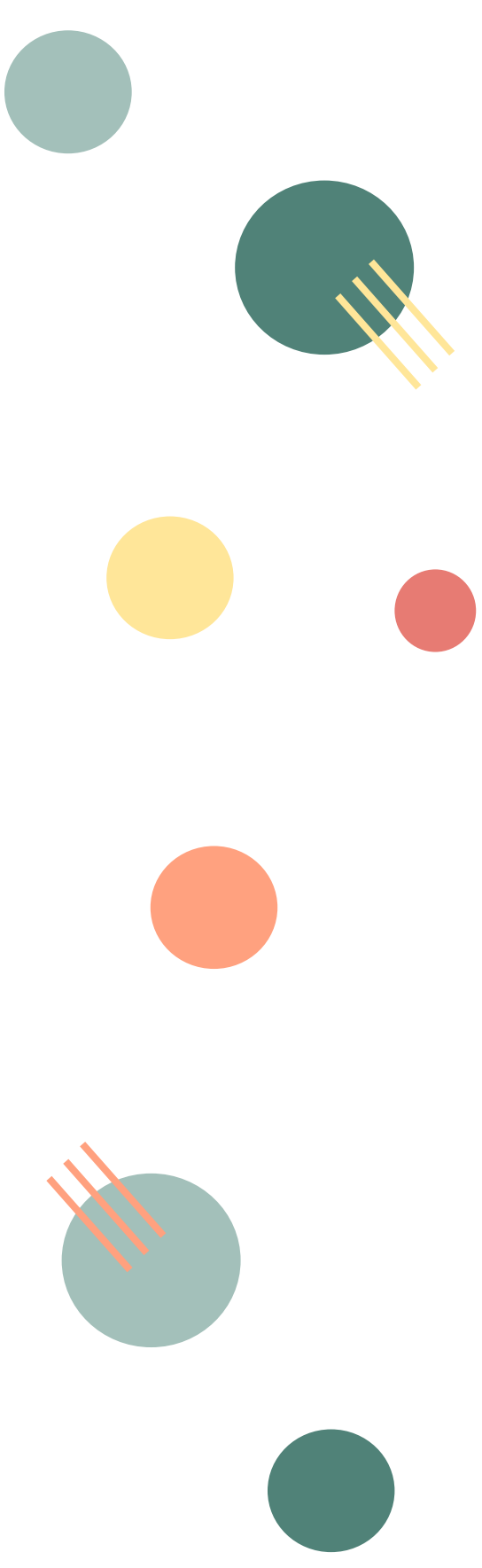
A Virada da Educação é uma semana dedicada a atividades que integram atividades, vivências artísticas e ocupação do território, envolvendo as EMEIs: Monteiro Lobato, Patrícia Galvão, Armando Arruda Pereira, Alceu Maynard de Araújo e Gabriel Prestes. Na edição em foco, o encontro ocorreu na EMEI Monteiro Lobato, com professores, pais, crianças e parceiros preparados para uma travessia-manifestação em direito das crianças à cidade, marcada por fanfarra, animais do folclore e estandartes.

Na saída da travessia, as crianças, supervisionadas por professoras e adultos, conquistaram a calçada e o asfalto do bairro de Higienópolis, com triciclos, jogos e cartazes, caminhando em grupo, sendo acompanhados por policiamento e a apoio ao trânsito. O percurso seguiu pelas ruas do bairro, com pausa maior na Biblioteca Monteiro Lobato, em reivindicação aos desmontes e abandonos aos equipamentos. Um cenário lúdico era construído com os cânticos da Fanfarra Clandestina, animais do folclore, que seguiu até a Rua da Consolação e finalizando o percurso na Casa Amarela, em frente à EMEI Gabriel Prestes.

Essa travessia foi mais longa e cansativa, comparada a do ano passado, já que o percurso foi alterado frente as necessidades do fluxo do bairro, em conjunto ao clima quente e seco do dia, além dos trechos de subida.



Mapa do Cortejo Virada Educação 2024 – Direito das crianças à cidade: Ocupações e desocupações dos espaços culturais
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



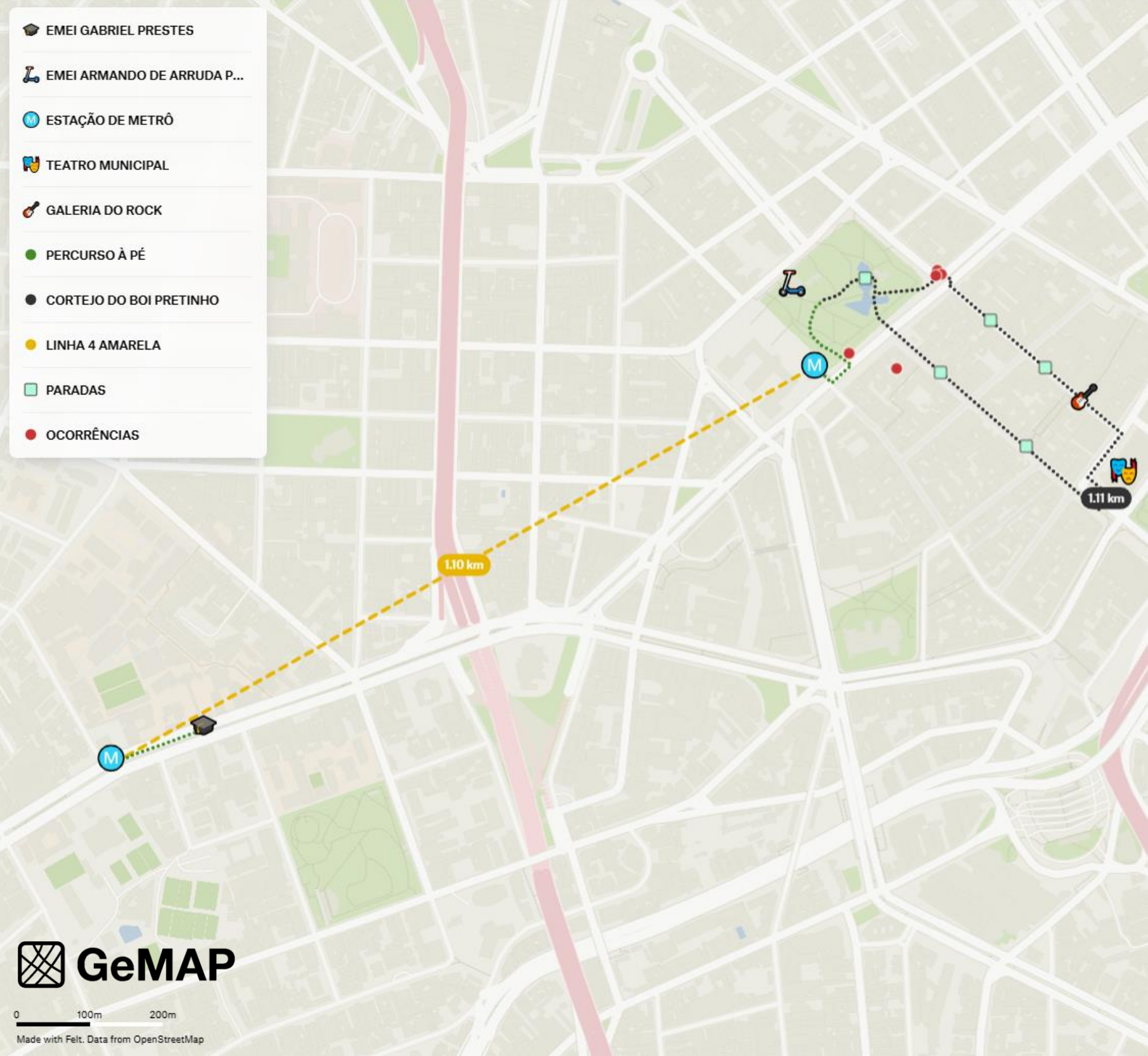
5.2.20 – CORTEJO DO BOI

O cortejo do Boi Pretinho é a celebração de um projeto, mas também as ações culturais e relações com o território desenvolvidos pela EMEI Armando de Arruda Pereira, convidando a comunidade a celebrar as tradições populares e o folclore brasileiro. Nessa perspectiva, o percurso festivo, com presença do maracatu, passa a fazer parte do calendário do entorno.

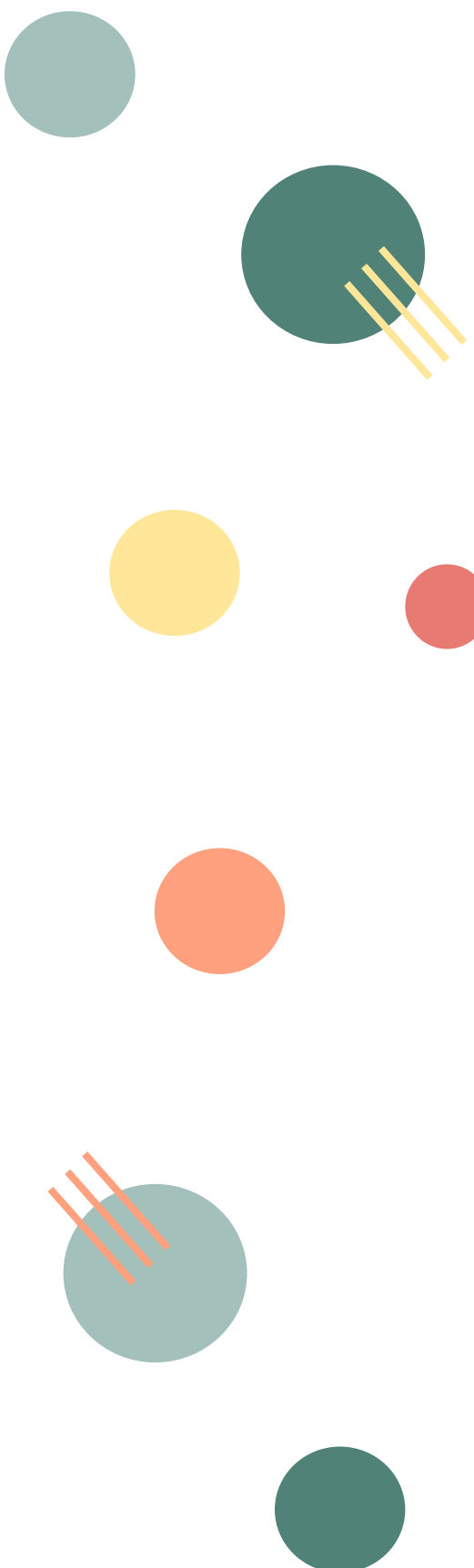
Na saída para o cortejo, realizado pela manhã, as crianças, acompanhadas das professoras, iniciaram o trajeto na Praça da República, seguindo pela Rua Barão de Itapetininga até o Teatro Municipal, onde há uma parada prolongada para cantorias, toques e danças, aproveitando a sombra. Em seguida, o grupo continua pela Rua 24 de Maio em direção ao SESC 24 de Maio, local em que novas interações, apresentações e brincadeiras reforçaram o caráter coletivo e festivo da atividade.

Mais do que uma comemoração, a travessia transformou temporariamente ruas marcadas pela forte presença comercial em espaço de escuta e visibilidade para as crianças. A presença do Boi Pretinho, do maracatu e dos elementos sonoros e visuais do cortejo ressignificou o cotidiano urbano, levando a admiração dos trabalhadores, passantes e comerciantes.

Essa experiência, amplia o entendimento das crianças sobre o entorno como lugar de memória, cultura e direito à festa, ao mesmo tempo em que fortalece vínculos entre escolas, território e comunidade. Ao participar ativamente do cortejo, elas vivenciaram formas de expressão coletiva que valorizam o corpo, a música e a tradição, exercitando outras maneiras de ocupar a cidade para além do consumo e da circulação acelerada.



Mapa da saída para o Cortejo do Boi Pretinho
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.

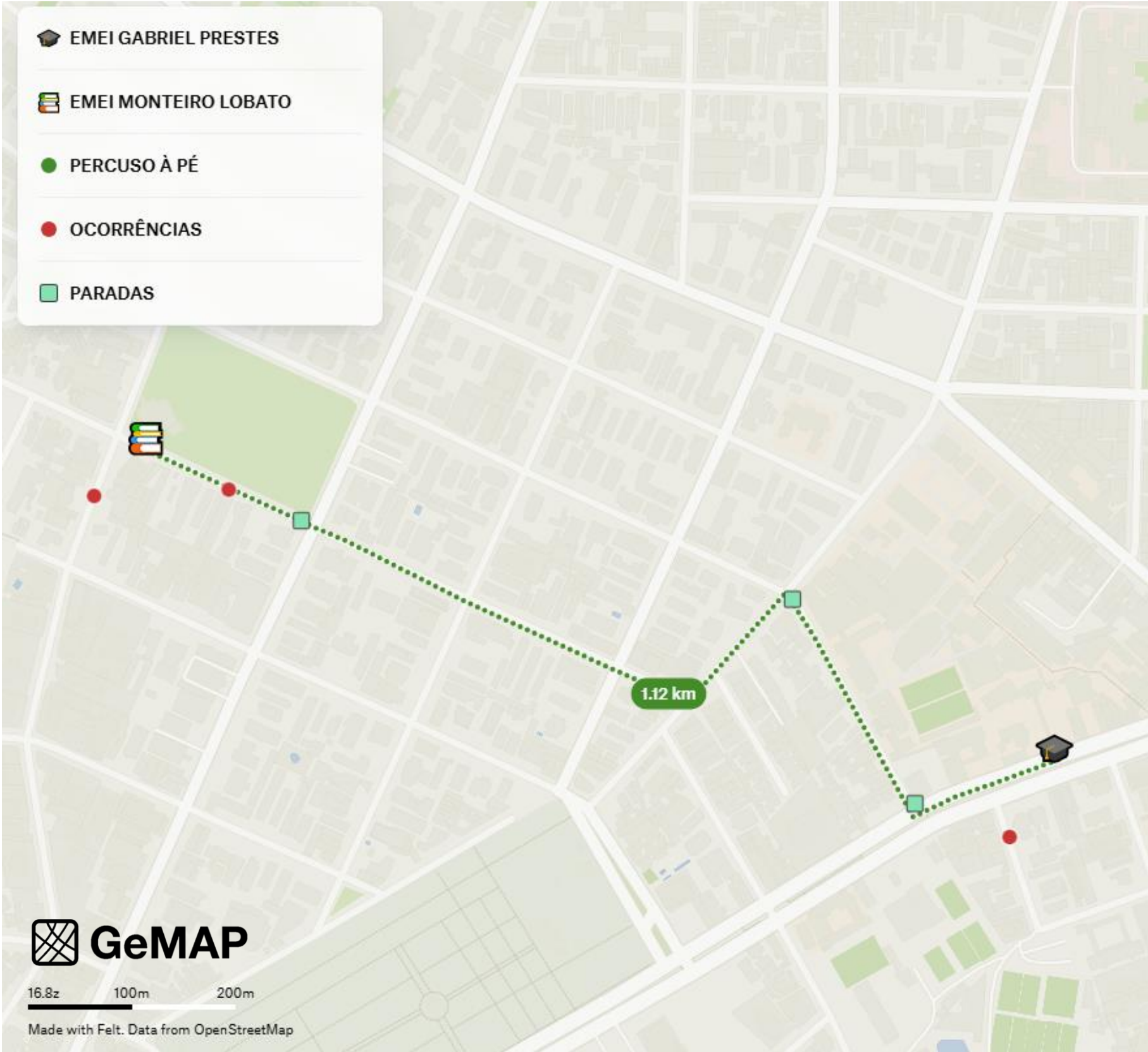


5.2.21– EMEI MONTEIRO LOBATO

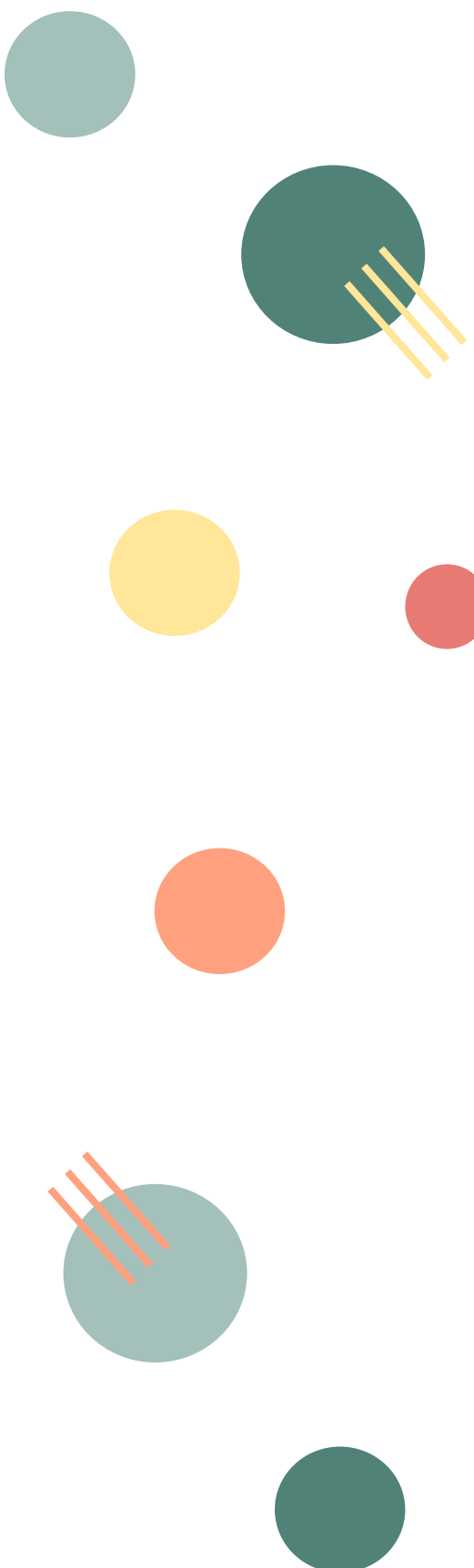
Saídas para escolas parceiras fortalecem a rede educacional e os laços de convivência entre as crianças do entorno. A principal motivação para o trajeto foi a oportunidade de vivenciar novos espaços, promovendo a integração direta por meio do convívio. Lá, as crianças se divertem no parque arborizado, utilizam a tirolesa e partilham o almoço em conjunto, experiências que estimulam a autonomia, a socialização e a autoconfiança, aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil.

O próprio percurso a pé revela-se uma etapa fundamental da vivência. O trajeto ganha significado com paradas estratégicas para estampar a marca “Criança na Área”, sinalizando a presença infantil na cidade. Pelo caminho, o grupo observa elementos importantes do território, como a movimentação da saída da estação de metrô, referências comerciais do bairro e variadas espécies de plantas, até chegarem à entrada do parque. Nesse contexto, as educadoras desempenham um papel essencial na condução e mediação segura da caminhada, orientando o cuidado necessário nas travessias de esquinas movimentadas e instigando o olhar atento para o entorno urbano.

Além da exploração externa, os encontros também são situados na prática da capoeira, uma atividade cultural muito presente na rotina diária de ambas as unidades. A roda de capoeira movimentou os corpos por meio da musicalidade e da oralidade. Durante a vivência, as crianças exercitaram o ritmo, o respeito mútuo e a expressão corporal. A dinâmica da ginga e do jogo em roda atrai a atenção; essa atividade se alinha com o ensino sobre a cultura afro-brasileira, a ancestralidade e suas potentes expressões culturais dentro do território. O encontro gera interações riquíssimas entre as turmas, por meio do acolhimento, o que reafirma a ideia de que a comunidade escolar é ampla, extrapola os muros e deve ser vivenciada pelas crianças em conjunto.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



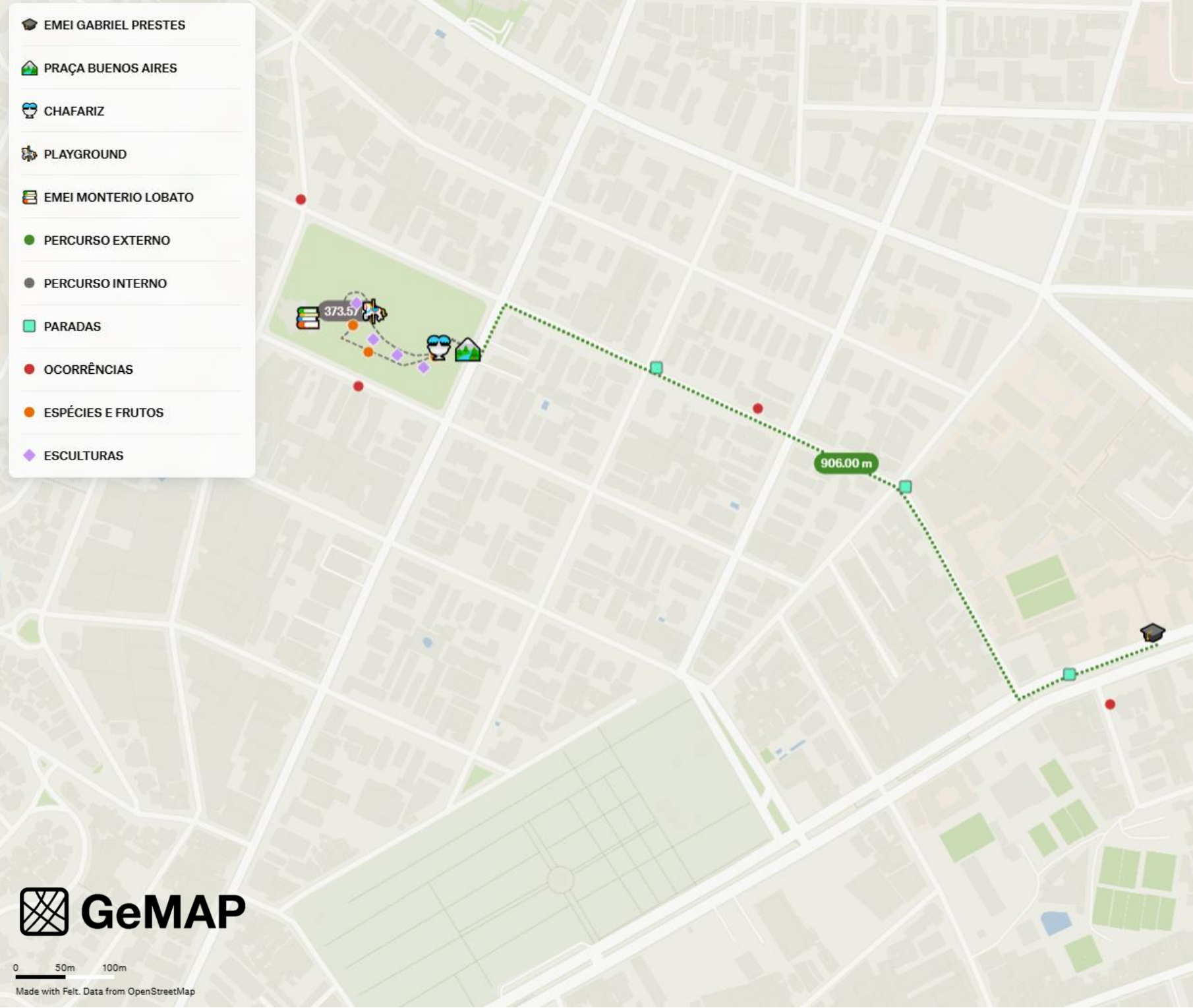
5.2.22 – PRAÇA BUENOS AIRES

A visita ao Parque Buenos Aires foi uma oportunidade de reconexão com a natureza e de vivências criativas para as crianças.

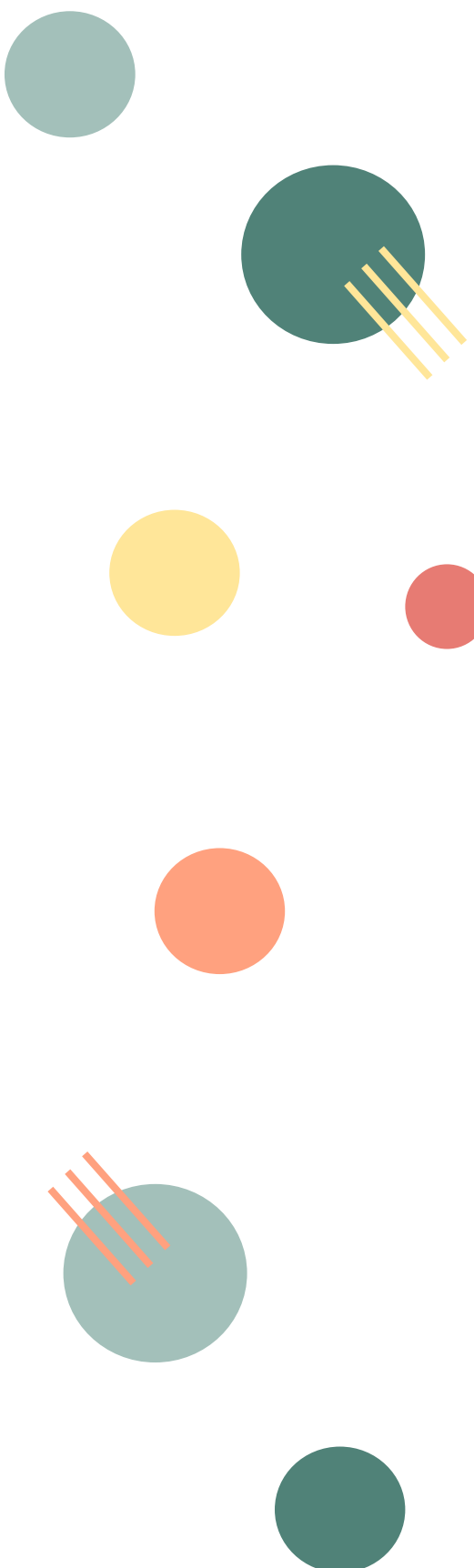
Durante a saída de campo, as crianças exploraram o ambiente do parque, colhendo gravetos, que despertaram curiosidade e entusiasmo, e dedicaram atenção especial à majestosa figueira presente no local. A árvore, com suas raízes expostas e copa ampla, foi motivo de admiração e se tornou um ponto de encontro e contemplação durante a atividade.

Outro momento marcante foi a atividade musical conduzida por uma das professoras, que tocou um tambor ao ar livre. A música, integrada ao som ambiente do parque, criou um clima de envolvimento e harmonia, proporcionando às crianças uma vivência sensorial única. Elas participaram com entusiasmo, cantando, batendo palmas e movendo-se em sintonia com o ritmo, reforçando o senso de coletividade e expressão criativa.

Essa saída de campo ao Parque Buenos Aires não apenas ofereceu momentos de interação direta com a natureza, mas também destacou a importância dos espaços verdes como locais de aprendizado e convivência. As crianças saíram da experiência não só com novas percepções sobre o ambiente urbano, mas também com memórias significativas que integram arte, natureza e colaboração.



Mapa da saída para a Praça Buenos Aires – Coleta de galhos e folhas para o Festival de Inverno
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.23 – FAU-USP (CUASO)

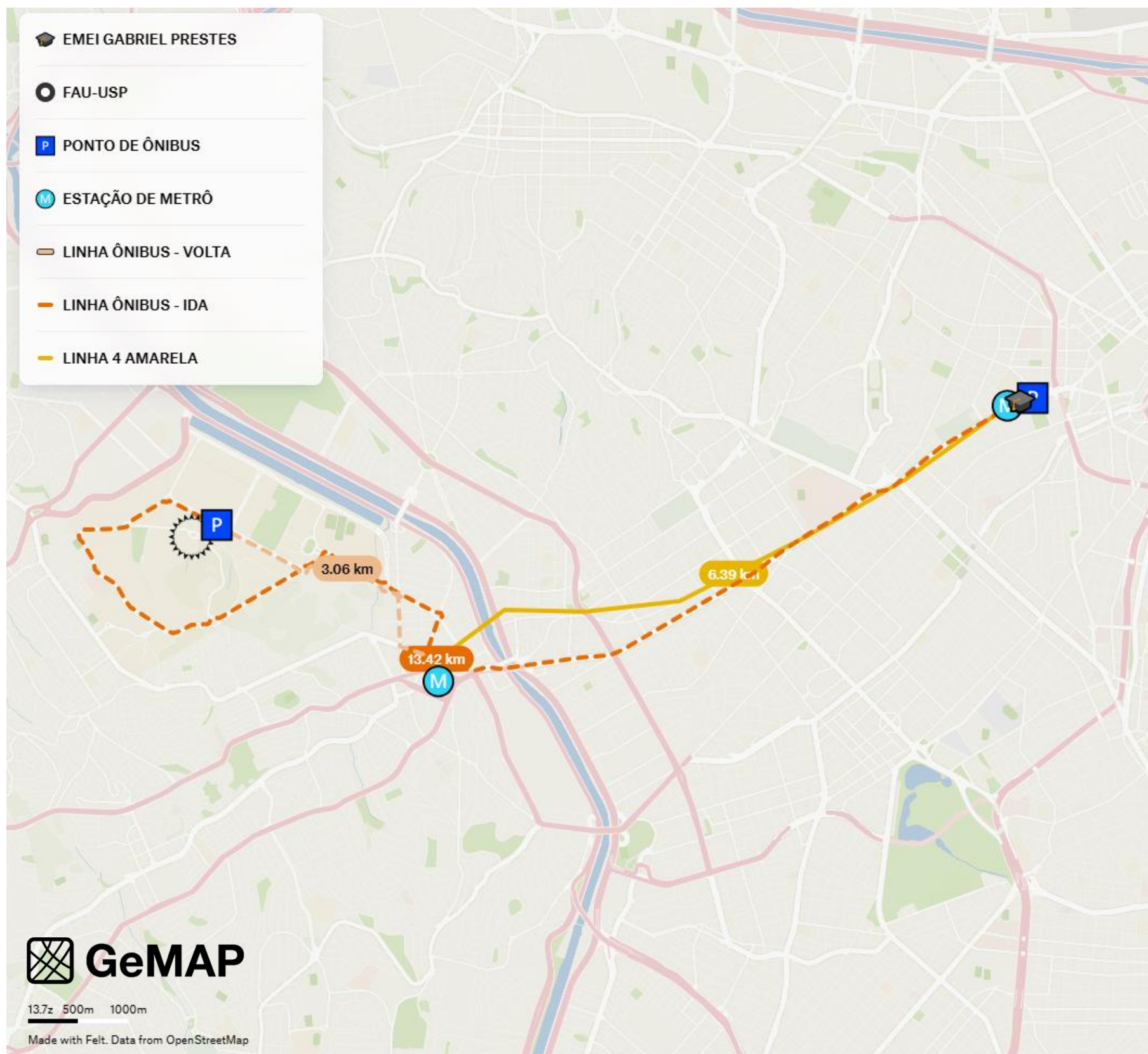
A saída para a FAU-USP na Cidade Universitária integrou projetos do ano letivo de 2024, relacionando a parceria dos projetos com a escola e com o projeto de extensão universitária da universidade, a fim de apresentar os trabalhos das travessias, em conjunto com as professoras. O Seminário Praça de Aulas proporcionou um ambiente de troca entre várias experiências de territórios, escolas e projetos.

Na ida de ônibus coletivo, educadoras e alunos enfrentaram tensão, onde foram questionados sobre a lotação como um ato “irresponsável” e prejuízo à empresa, deslegitimando o transporte gratuito para menores de 6 anos – episódio marcante que ecoou na participação e nos discursos infantis sobre os momentos das saídas.

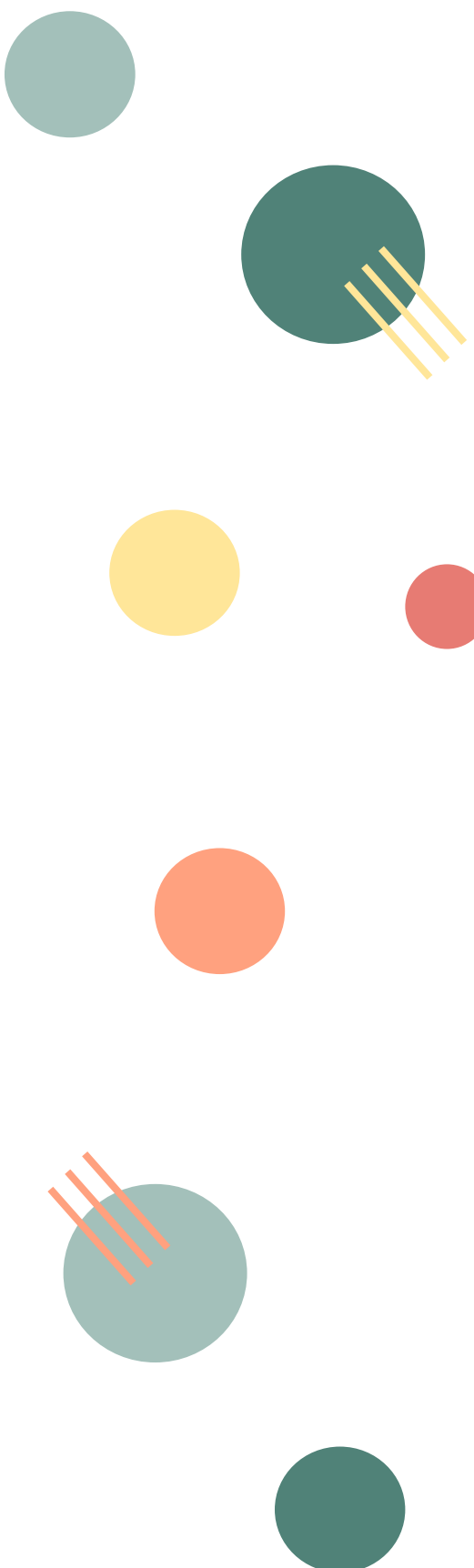
Na FAU, acolhemos as turmas e a programação incluiu brincadeiras, rodas de conversa, cantigas e desenhos compartilhados, com apresentação ativa dos trabalhos do ano, onde as crianças e professoras relataram vivências urbanas e travessias.

O retorno, por uma questão de tempo e cronograma da escola, combinou ônibus e metrô, reforçando a experimentação de modais públicos.

Essa experiência não só celebrou produções do ano letivo, mas afirmou a parceria entre unidades e instituições de ensino. Apesar da situação ocorrida, ficamos com reflexões sobre direito à cidade e visibilidade infantil no entorno.



Mapa da saída para a FAU-USP (CUADO) – Seminário Praça de Aulas
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.24– MUSEU DA DIVERSIDADE

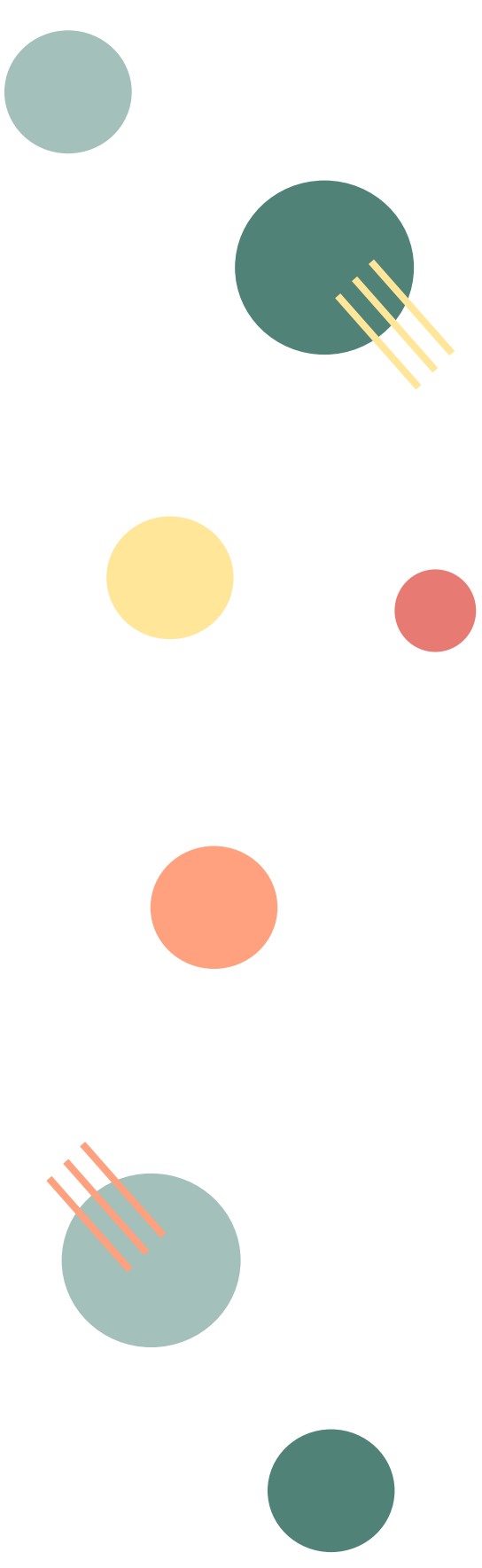
Essa saída para o Museu da Diversidade Sexual, um espaço cultural importante no centro da cidade foi motivada para a participação em uma roda de contação de histórias, promovendo a imersão das crianças em narrativas lúdicas. O grupo se divertiu ouvindo a instigante história de um monstro e, em seguida, engajou-se em uma oficina criativa onde precisaram criar, com massinha de modelar, seus próprios monstrinhos com superpoderes. São experiências ricas que estimulam a imaginação, a criatividade e a expressão artística, aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Além da atividade manual, o grande foco do encontro foi a reflexão trazida pela equipe. A abordagem pedagógica com o grupo focou em demonstrar de forma sensível como o "diferente" também é normal. Durante a vivência, as crianças puderam compreender o quanto essa pluralidade torna as relações humanas muito mais ricas.

Embora ainda seja tratado como tabu, o corpo de educadores do museu foi fundamental para fazer uma abordagem apropriada para o grupo. Em nenhum momento foram abordados ou explicitados temas que não fossem adequados à faixa etária. Isso demonstra que uma série de espaços na cidade que são rotulados como espaços inadequados às crianças, na verdade só precisam de uma equipe que faça a mediação adequada.



Mapa da saída para a Museu da Diversidade
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.25 – MAB-FAAP

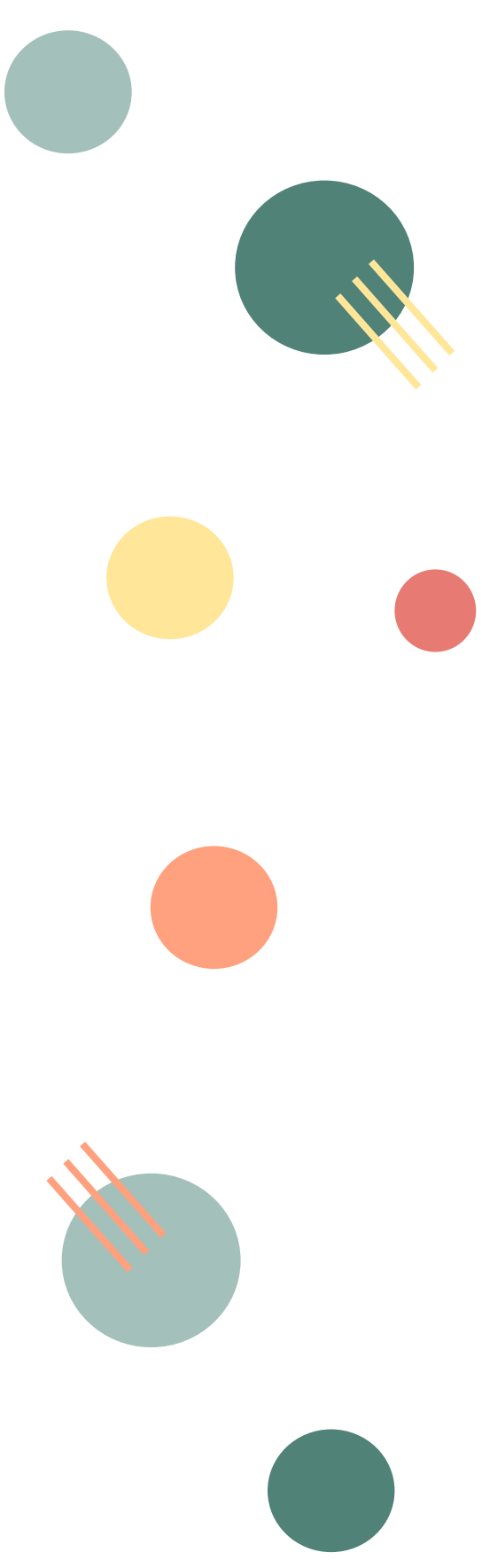
Durante as atividades de experimentação com luz e cor, as crianças produziram telas translúcidas utilizando celofane e papelão. Em seguida, exploraram novas possibilidades criando luminárias com garrafas PET pintadas e lanternas para iluminar o interior. A partir dessas experiências, a professora apresentou imagens de espaços da cidade que possuem vitrais, ampliando a investigação sobre transparência, cores e luz.

Nesse momento, uma das crianças contou que havia visitado um museu com a família e que lá também existiam vitrais semelhantes aos que estavam sendo estudados. A professora então convidou a criança a conversar com a família para ajudar a contextualizar a visita, envolvendo-a no planejamento da atividade.

Após contato com o setor educativo do museu, foi organizada uma visita com o grupo para conhecer os vitrais do espaço. A experiência despertou grande curiosidade nas crianças, que observaram atentamente as cores, os desenhos e o modo como a luz atravessava o vidro.

O interesse foi tanto que o grupo retornou ao local em outra ocasião, dessa vez para explorar os jardins de esculturas do museu e ampliar a experiência no espaço.

De volta à escola, muitas crianças contaram que retornaram ao museu com suas famílias e passaram a identificar outros vitrais pela cidade, como os da Igreja da Consolação. Além da investigação artística, a experiência também representou a ocupação de mais um espaço cultural frequentemente associado aos adultos — ou, como as próprias crianças diziam, uma “*escola de gente grande*”.



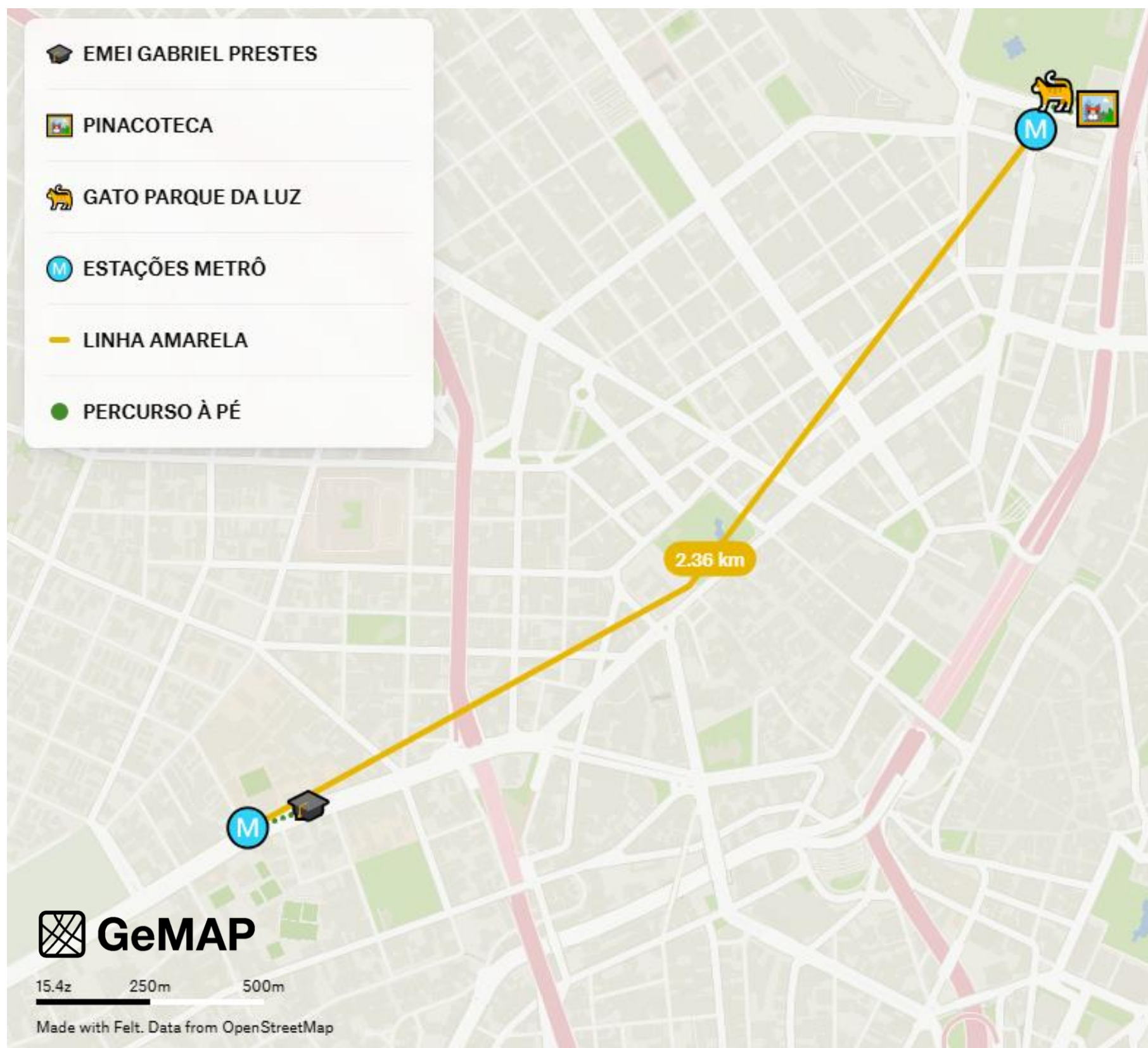
5.2.26 – PINACOTECA

As saídas para a Pinacoteca do Estado foram especialmente significativas por proporcionarem uma imersão no museu.

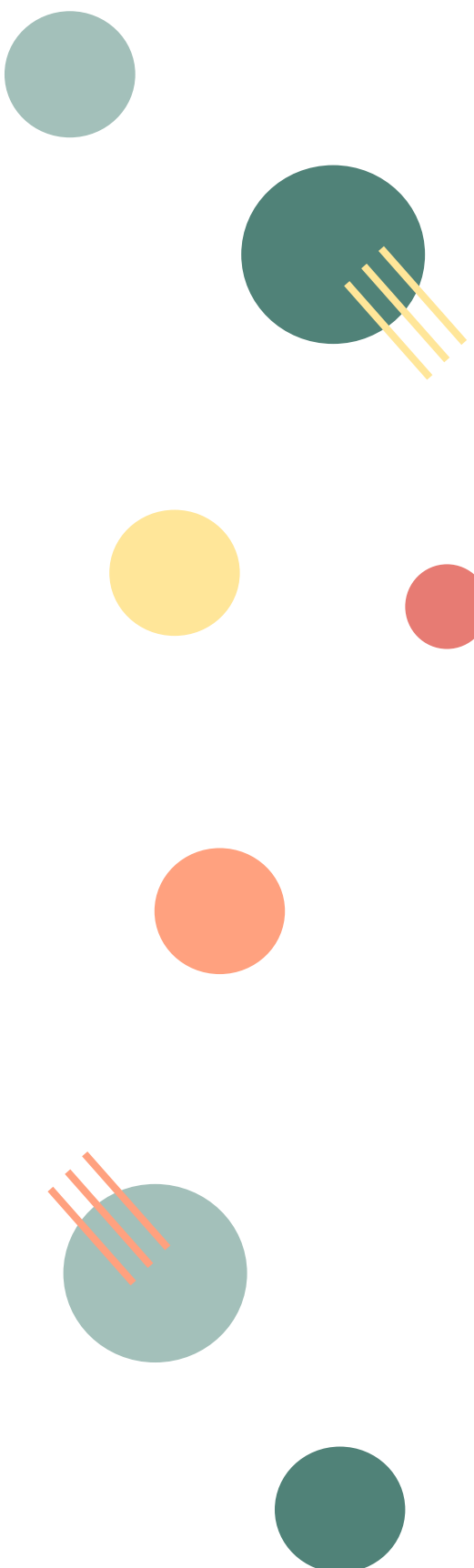
A motivação inicial foi a participação em um programa pedagógico, no qual a escola recebeu materiais prévios sobre pinturas, espaços e obras abstratas do acervo para trabalhar em sala. Na visita, as turmas vivenciaram roteiros personalizados – de acordo com seu material prévio – culminando no encantamento ao descobrirem a real dimensão das peças, comparando a proporção do papel com a grandeza física.

Além de outras visitas com a exploração do acervo tradicional, o grupo retornou ao museu focando no tema "cidade". O roteiro incluiu rodas de conversa e a apreciação de diversas obras que retratam diferentes formas de representar o espaço urbano. Durante a vivência, as crianças exercitaram o olhar crítico e ampliam o entendimento sobre a cidade. A visita culminou na atividade de um desenho coletivo sobre o que é a cidade e o que ela deveria ter. Nessas produções, as crianças retrataram equipamentos e trajetos percorridos ao longo do ano, revelando o centro de São Paulo de forma potente, visto pelos seus olhos.

Apesar do trajeto ser feito em maior parte por metrô, o retorno é sempre algo mais tenso, já que entramos no horário de pico de saída dos trabalhadores em uma das mais importantes estações de trilhos da cidade. Mesmo sendo um desafio disputar espaço com corpos em tempos distintos, é uma grande atividade para exercício da atenção ao meio.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.

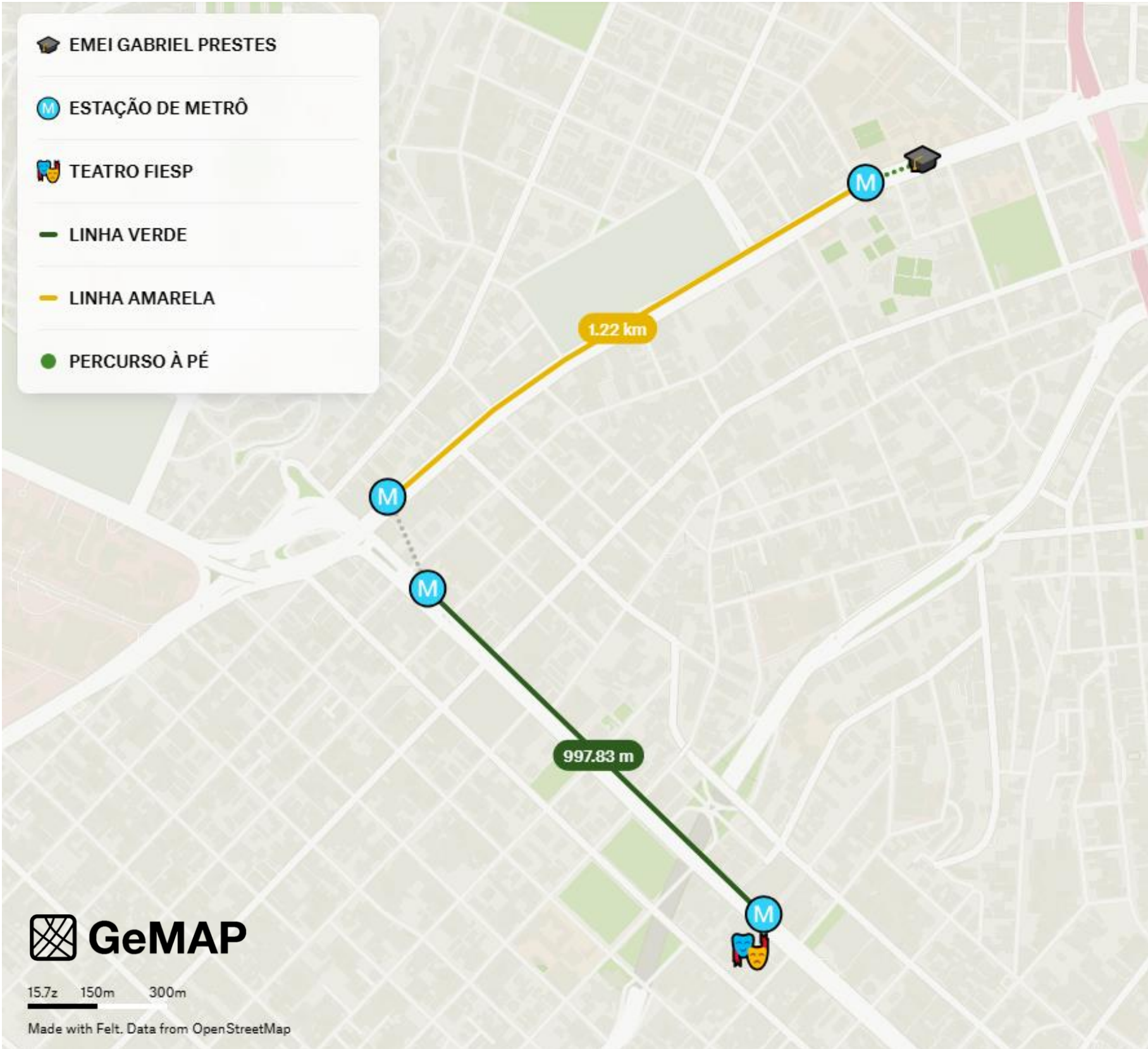


5.2.27 – TEATRO FIESP

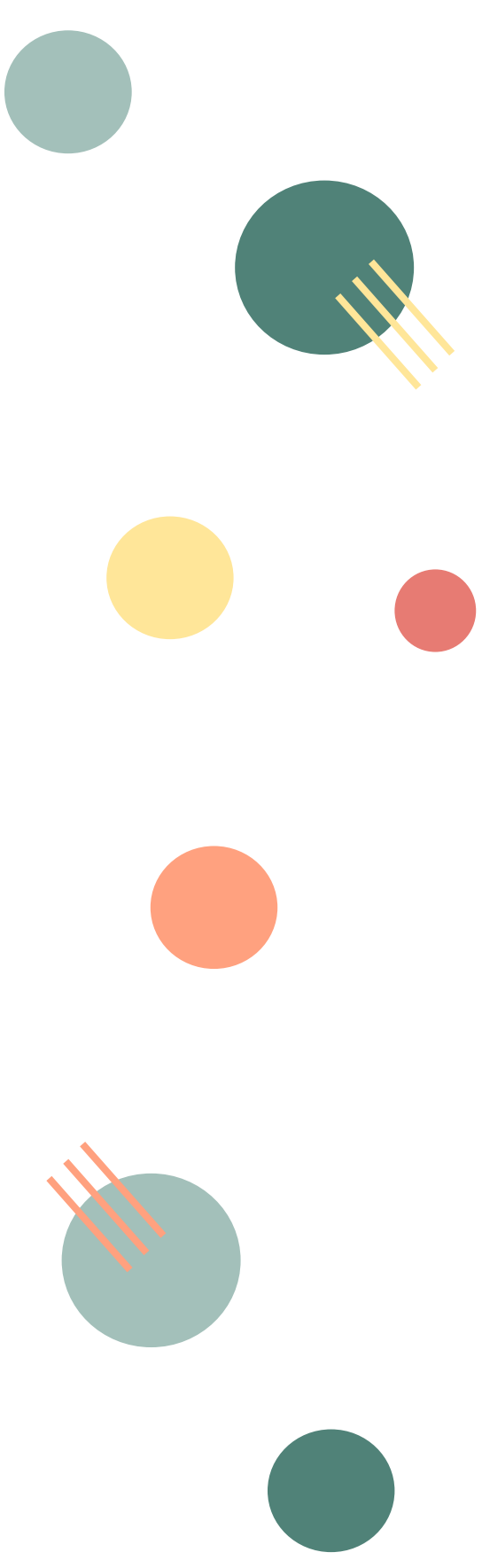
O icônico prédio da FIESP é um importante centro cultural e institucional na Avenida Paulista. A abertura dessas portas para as infâncias é fundamental, pois democratiza o acesso à arte e consolida o direito das crianças de circularem por grandes equipamentos da metrópole. A motivação do passeio uniu a vivência no teatro à rica experiência do deslocamento, feito majoritariamente de metrô, contando com a presença muito especial de familiares acompanhando o grupo. Além da imersão no teatro, o grupo explorou as ricas instalações do edifício.

O ponto alto do passeio foi a interação com a impressionante foto aérea da cidade exposta no local. A imagem em grande escala ofereceu a oportunidade de observar a metrópole sob um novo e fascinante ponto de vista. Durante a vivência, crianças e adultos se debruçaram sobre a fotografia para mapear e localizar referências do dia a dia, descobrindo a complexidade do espaço urbano de outras formas. Essa visualização de novas dimensões fortaleceu o sentimento de pertencimento ao reconhecerem o vasto território, unindo gerações em uma mesma exploração espacial.

O percurso gerou interações valiosas, reforçando a ideia de que a cidade e suas instituições mais emblemáticas pertencem a todos e devem ser vivenciadas pelas crianças.



Mapa da saída para o Teatro FIESP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



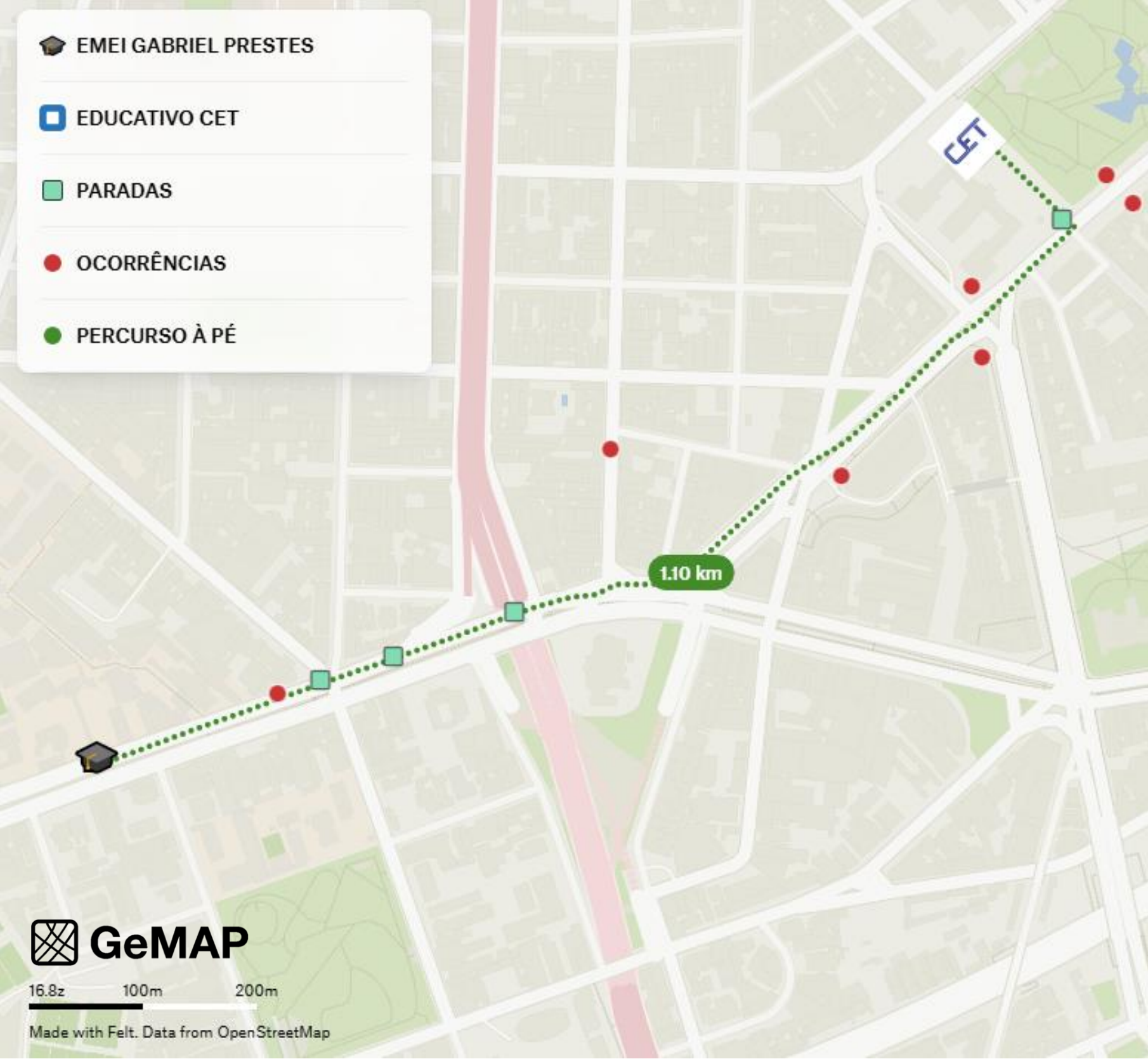
5.2.28 – PRAÇA DA REPÚBLICA

A Praça da República é um local que já faz parte das travessias do grupo, consolidando-se como um ponto de passagem essencial em diversos trajetos. A praça tem sido explorada de inúmeras formas, inclusive em conjunto com outras escolas da rede.

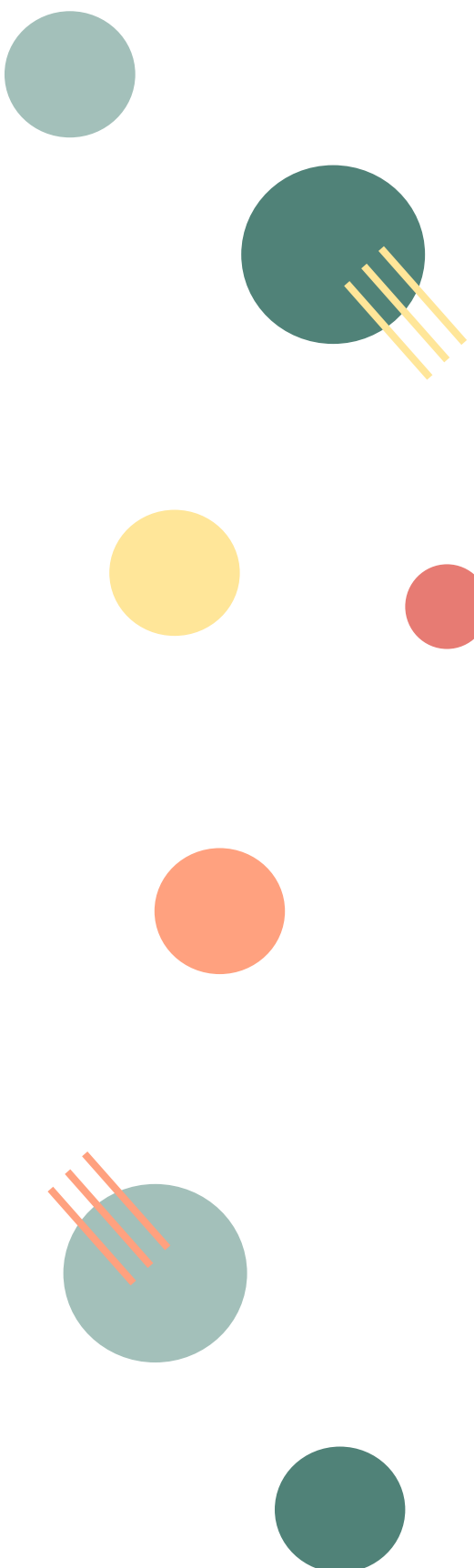
Desta vez, a motivação principal foi uma atividade informativa de educação no trânsito, promovida em parceria com a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET). Nesta proposta, implantada temporariamente na praça, crianças aprenderam, de forma lúdica, sobre semáforos, placas e faixas de pedestres, experiências que estimulam a atenção, a responsabilidade e o respeito mútuo na rua.

Além da exploração desse espaço já familiar, o destaque do encontro foi a vivência em um circuito montado especialmente para o grupo. Durante a atividade, as crianças exercitaram teoria e prática, assumindo ativamente os papéis de motoristas, utilizando motocicletas, e de pedestres. Esse movimento fortaleceu o sentimento de pertencimento ao reconhecerem a dinâmica das ruas e a importância da sinalização para a segurança coletiva.

Esse tipo de atividade imersiva complementa profundamente as discussões de saída e os combinados previamente estabelecidos em sala de aula, provocando reflexões sobre o cuidado na cidade e com o próximo.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



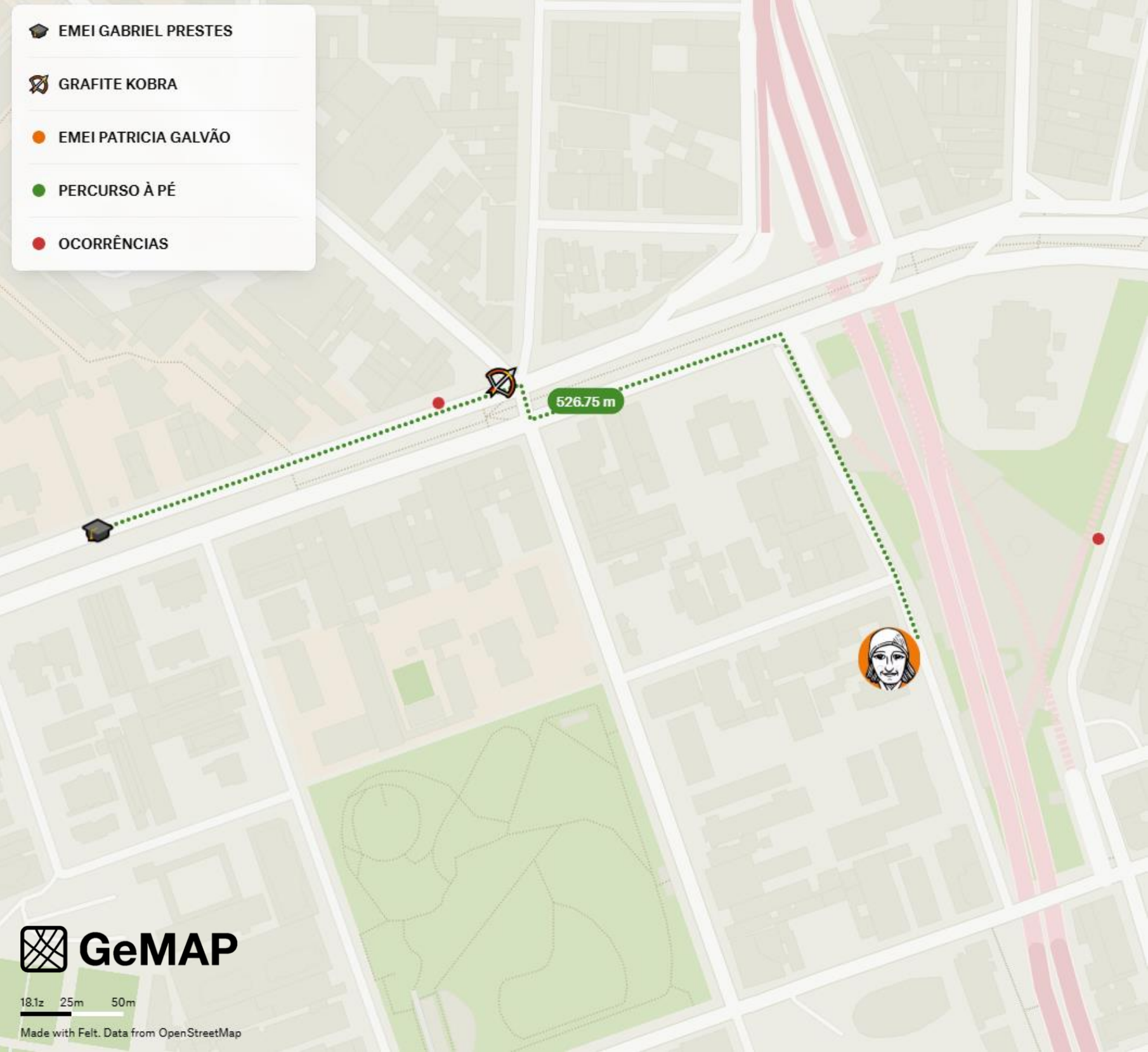
5.2.29 – EMEI PATRÍCIA GALVÃO

A EMEI Patrícia Galvão, uma escola parceira do território, com uma trajetória de imensa resiliência. A unidade escolar, que já passou por diversas mudanças de endereço, hoje resiste ocupando um local que outrora foi depósito da histórica Escola Estadual Caetano de Campos.

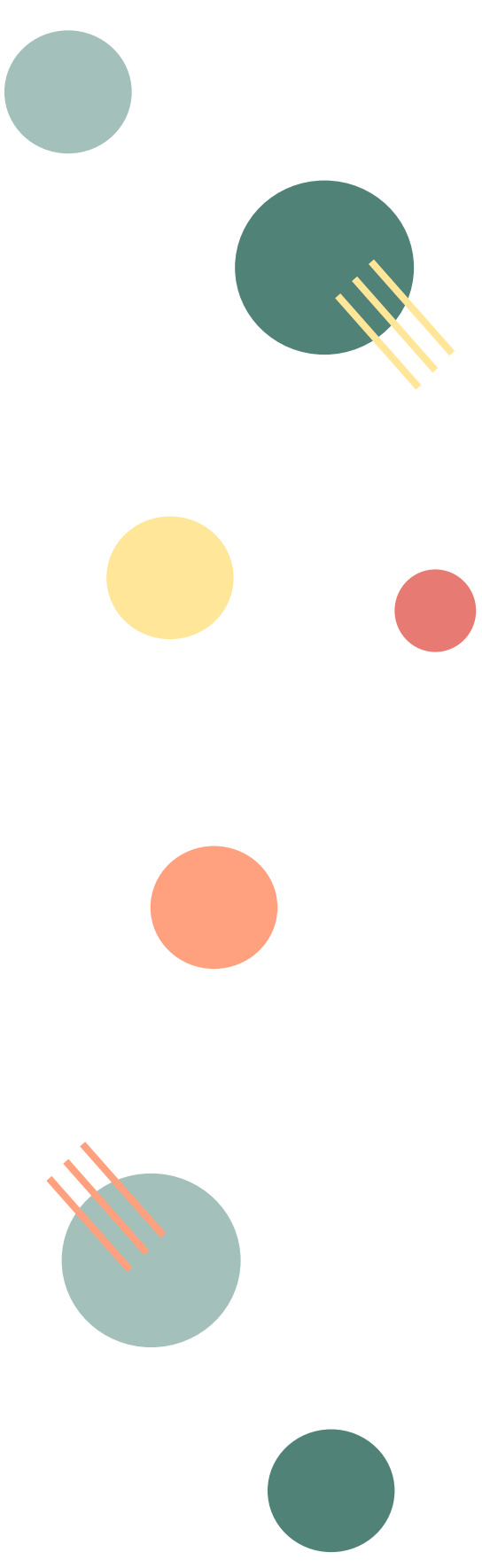
As motivações para as visitas estão no intercâmbio de vivências, brincadeiras e prazerosas trocas de livros, promovendo a integração direta por meio do convívio. Lá, as crianças mergulharam em momentos de leitura compartilhada, experiências que estimulam a imaginação e a socialização, aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil.

Além das atividades literárias, os encontros têm uma dimensão social muito profunda. Como a escola possui pouco espaço próprio para o brincar, o grupo expandiu a exploração utilizando ativamente a Praça Roosevelt e o Parque Augusta como uma extensão natural da escola. Durante a vivência, as crianças exercitaram o brincar livre e fortaleceram o sentimento de pertencimento ao conviverem com a rica diversidade local.

A unidade tem um papel crucial no território, destacando-se pelo atendimento acolhedor a um grande número de crianças estrangeiras e famílias em situação de ocupação. Essa vivência multicultural provocou reflexões valiosas sobre a pluralidade da cidade e suas diferentes realidades.



Mapa da saída para a EMEI Patrícia Galvão.
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.30 – EMEI ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA

A saída para a EMEI Armando de Arruda Pereira, localizada dentro da Praça da República, reforça os laços entre as escolas que fazem parte do Território Educativo das Travessias. Considerada uma “escola irmã”, a parceria se constrói na convivência e nas experiências compartilhadas entre as infâncias que habitam o mesmo território.

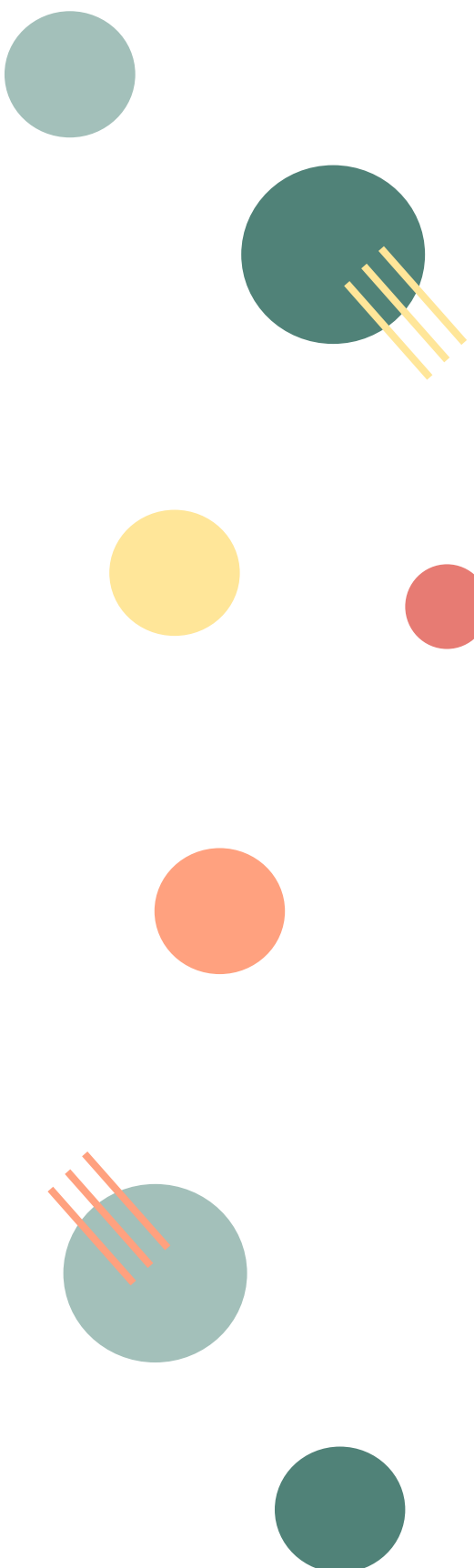
O percurso até lá foi realizado a pé, seguindo um caminho cuidadosamente planejado para que as crianças observassem diferentes marcos urbanos do entorno. Passamos pela Biblioteca Monteiro Lobato, pela esquina da Santa Casa, pela loja de aquarismo que tanto desperta curiosidade e pela agência dos Correios da Marquês de Itu. O trajeto continuou pela parte posterior da Praça da República, permitindo novas vivências e descobertas.

Ao chegarmos à escola dos colegas, fomos acolhidos com entusiasmo. Houve tempo para socialização e reencontros, logo cada criança escolheu sua motoca e patinete para uma travessia sobre rodas pela praça. O passeio pelo espaço público coloca o brincar no local de ocupação, ao mesmo tempo em que torna visível a potência da infância na cidade. Ao final do percurso da praça, permanecemos brincando cerca de 20 minutos em frente à Secretaria de Educação do Estado, simbolizando a presença ativa das crianças.

Depois dessa vivência, retornamos à escola para um almoço coletivo, fortalecendo vínculos e criando novas amizades. A volta para a EMEI foi feita de ônibus, em poucos pontos, encerrando um dia cheio de descobertas. Essa travessia consolidou o sentimento de pertencimento ao território e destacou a importância das parcerias entre escolas como motor de uma educação que se faz também na cidade e com a cidade.



Mapa da saída para a EMEI Armando de Arruda Pereira – Passeio de motoca na Praça da República
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



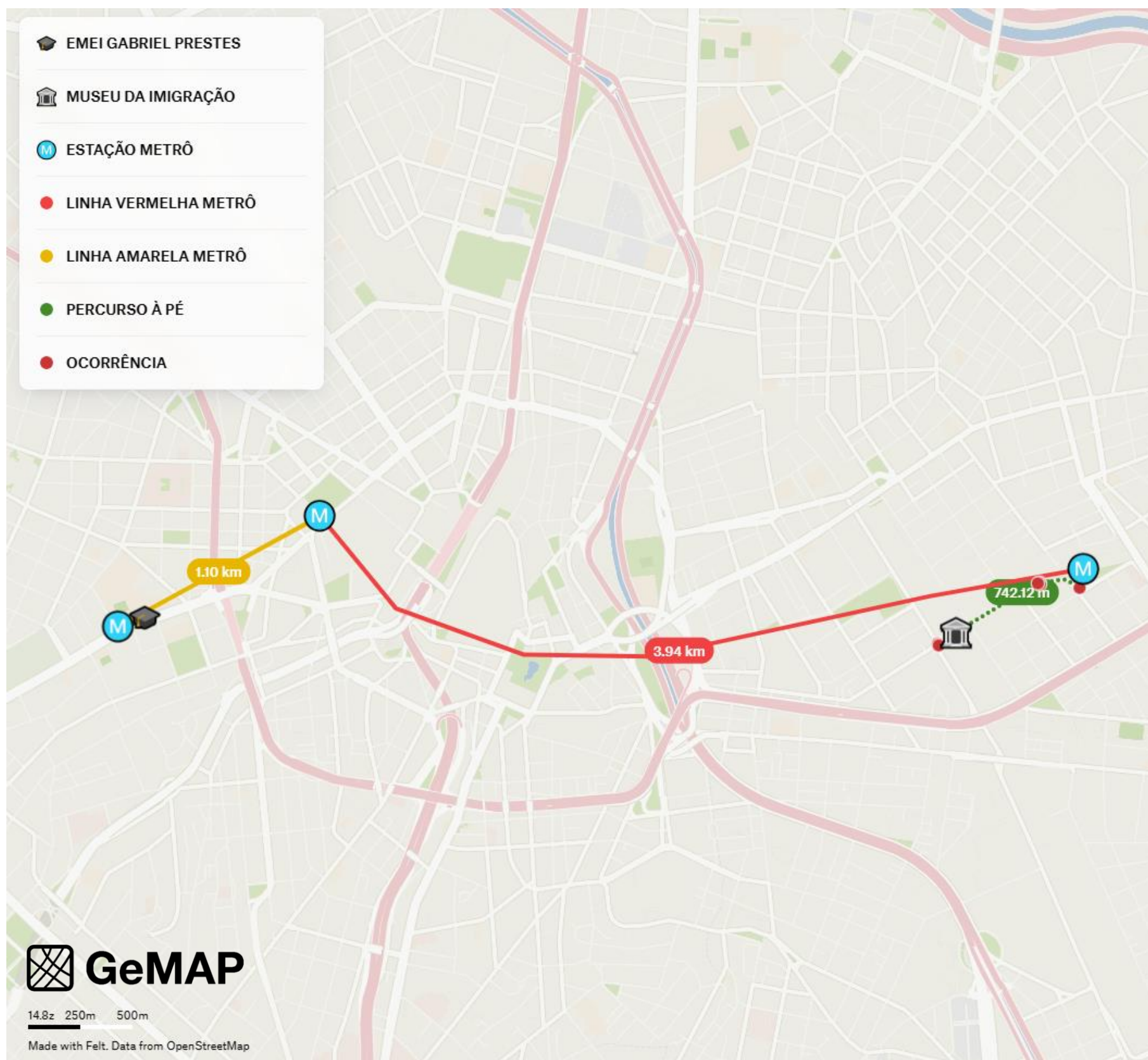
5.2.31– MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Ao trabalhar o tema da identidade com as crianças, diferentes camadas de pertencimento tornam-se importantes de explorar. Compreender que cada pessoa faz parte de um território maior — “nasci no Brás, que fica em São Paulo, que fica no Brasil, que faz parte do mundo” — ajuda a construir noções iniciais de localização, cultura e pertencimento. Essa abordagem permite que as crianças percebam que suas histórias individuais estão conectadas a contextos mais amplos, que envolvem a cidade, o país e o mundo.

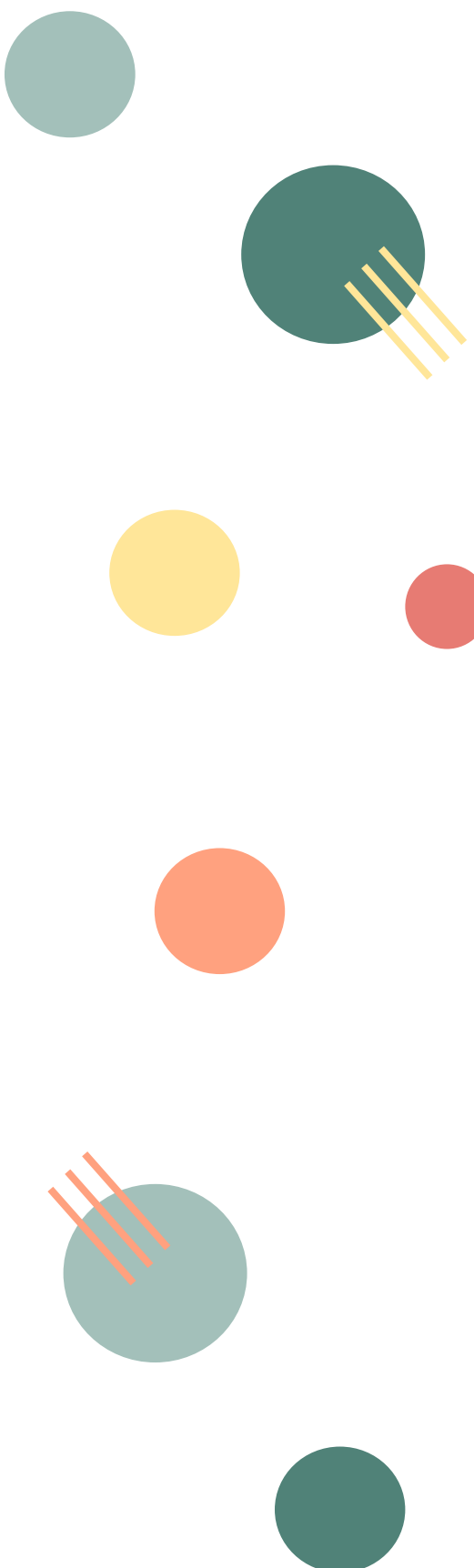
Dentro dessa proposta, o tema da identidade não aparece de forma isolada, mas se articula com outros conteúdos e experiências vivenciadas pelo grupo. As saídas pela cidade, as observações do território e as descobertas feitas ao longo do percurso ampliam o repertório das crianças e ajudam a relacionar diferentes dimensões da vida urbana, cultural e social.

Nesse contexto, surgem oportunidades de enriquecer o fazer pedagógico por meio da vivência direta. A professora buscou, então, aproximar o conteúdo trabalhado na sala de referência de experiências concretas na cidade. Foi assim que surgiu a ideia de organizar uma visita a um museu, cuja exposição em cartaz dialogava diretamente com o tema que vinha sendo investigado pelas crianças.

A visita permitiu ampliar as reflexões iniciadas em sala, possibilitando que as crianças observassem novas representações culturais e estabelecessem relações entre suas próprias histórias, o território em que vivem e as múltiplas identidades que compõem a cidade.



Mapa da saída para a Museu da Imigração
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.32 – ARQUIVO MUNICIPAL DA LUZ

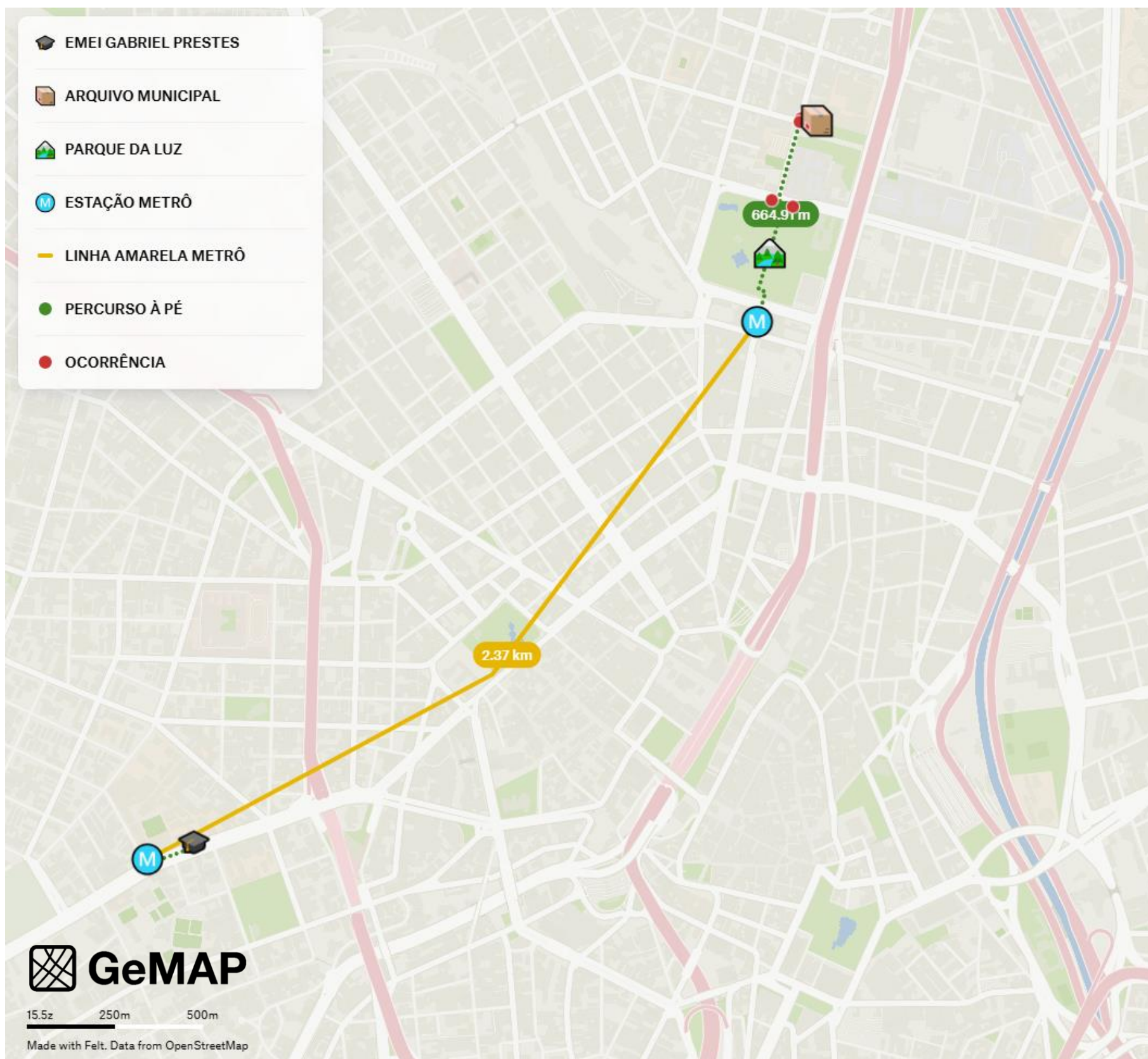
Durante uma roda de conversa com as crianças, surgiu a pergunta: quem foi Gabriel Prestes, patrono da escola? A partir da fotografia presente na secretaria, a professora iniciou uma narrativa sobre sua história. Ao descobrirem que ele já havia falecido, as crianças imediatamente perguntaram: “Morreu? Foi enterrado onde?”.

A pergunta revelou também uma dúvida antiga da própria escola. Embora registros indiquem que Gabriel Prestes esteja sepultado no Cemitério da Consolação, o jazigo indicado nunca foi localizado. Anos atrás, houve inclusive uma consulta ao Arquivo Histórico do Estado, mas a investigação não teve continuidade.

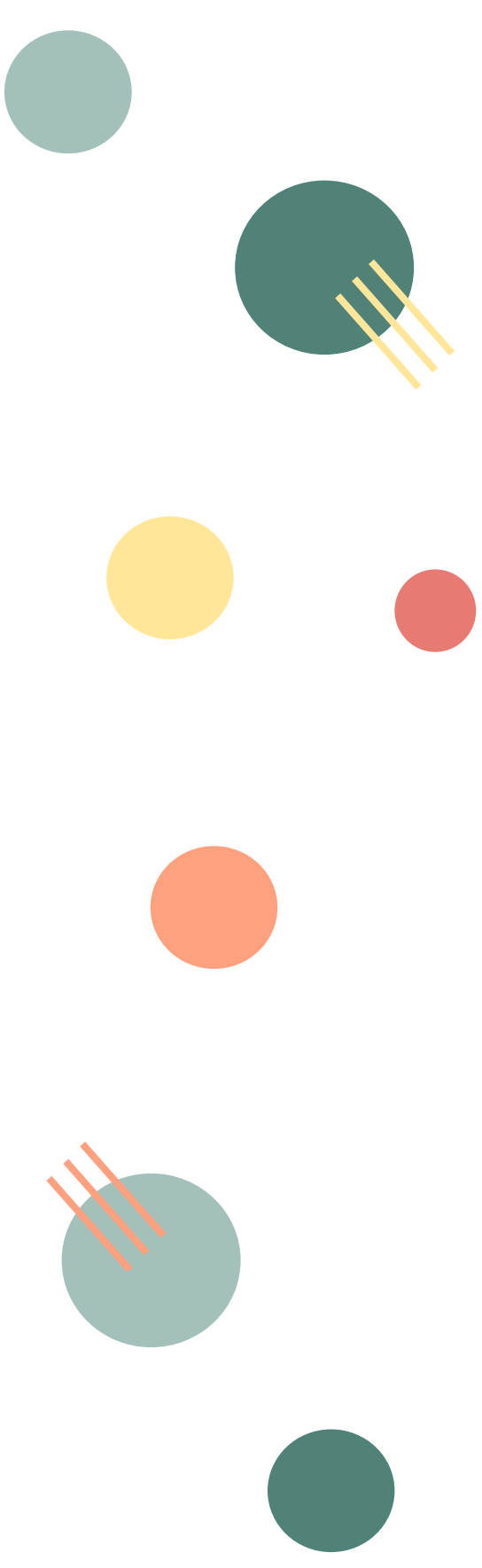
Diante da complexidade do tema, a professora direcionou a conversa para outra questão: onde ficam guardadas as histórias das escolas, de seus patronos, das crianças e professoras que passam por elas? As próprias crianças sugeriram visitar um lugar “onde se guardam histórias”. Ao pesquisar sobre o local, a professora descobriu que estava acontecendo o festival *Arquivo Aberto*, que incluía visitas, oficinas e atividades educativas.

Após contato com a instituição, foi possível agendar a visita com o grupo. Além disso, a organização convidou a professora e as crianças para compartilharem com o público o projeto desenvolvido pela escola e o percurso que levou até aquele encontro.

Durante a visita, as crianças participaram de uma oficina sobre prédios históricos da cidade e puderam compreender que ali estão preservados documentos que guardam diferentes histórias — inclusive aquelas relacionadas ao patrono da escola.



Mapa da saída para o Arquivo Municipal.
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.33 – PAÇO DAS ARTES

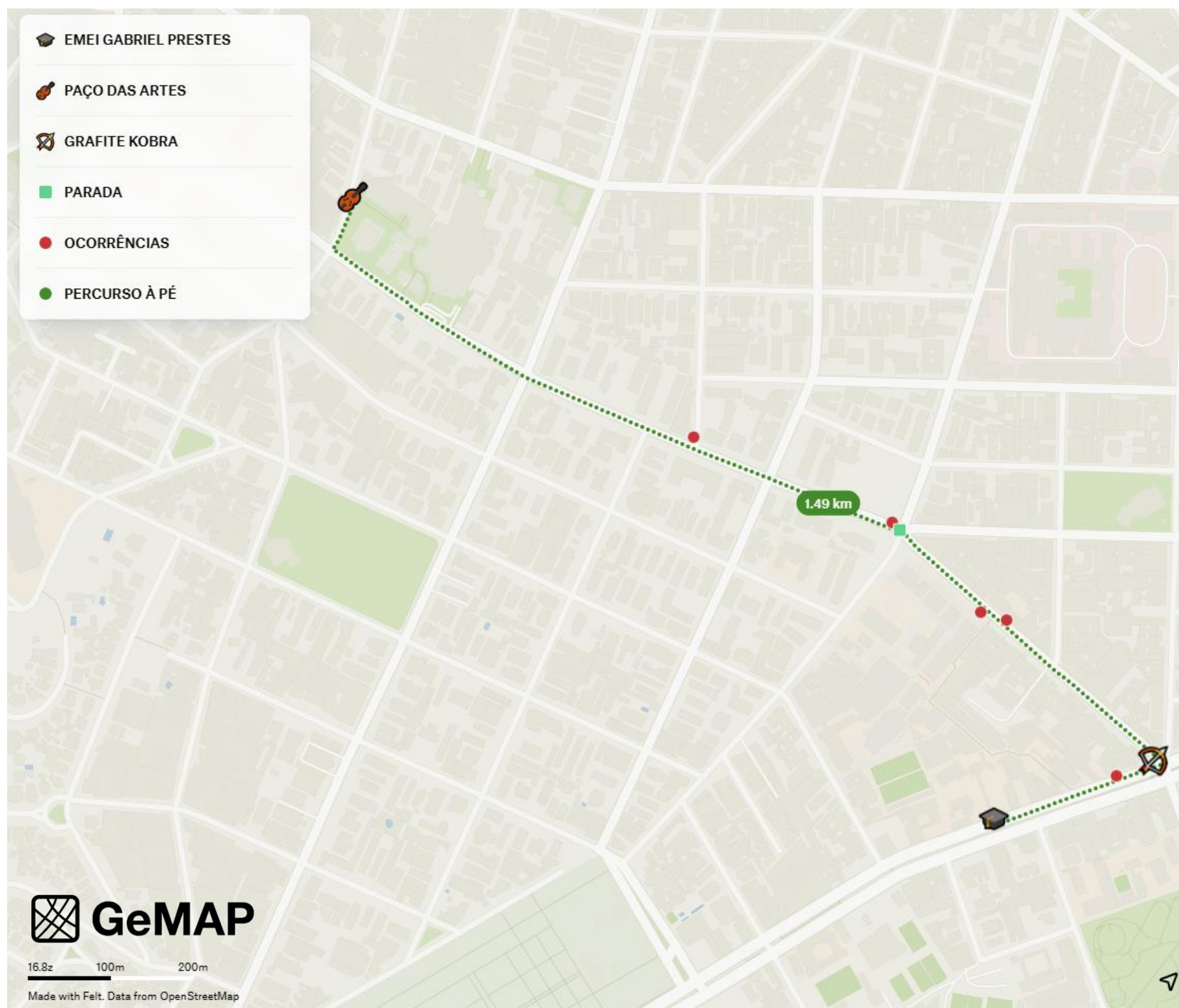
A música faz parte do planejamento da professora e aparece de diferentes formas no cotidiano da turma: cantando, dançando, escrevendo letras e desenhando a partir das canções. Nesse ano, o projeto desenvolvido foi *“Viagem pelo mundo através da música”*. Ao longo das atividades, as crianças conheceram diferentes estilos musicais, como sertanejo raiz e hip hop. Elas mesmas sugeriram o rock, enquanto a professora também apresentou a música clássica e a valsa.

Durante o desenvolvimento do projeto, uma mãe comentou que trabalhava como educadora no Teatro Municipal. A partir dessa conversa, surgiu a possibilidade de organizar uma visita para que as crianças conhecessem ao menos a arquitetura do espaço. A mãe se dispôs a entrar em contato com o setor educativo do equipamento cultural para verificar a possibilidade de visita.

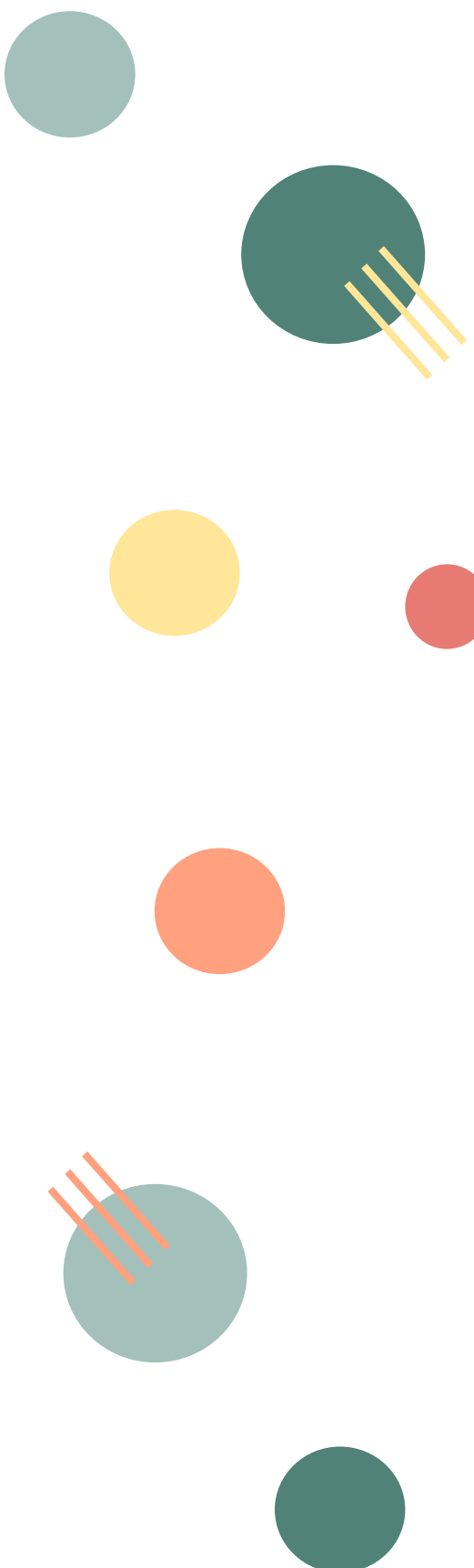
Nesse processo, descobriram que estava em cartaz um Concerto Didático realizado no Paço das Artes, equipamento também gerido pelo Teatro Municipal. A proposta dialogava diretamente com o projeto que vinha sendo desenvolvido na sala de referência. Durante a atividade, a maestra apresentou os diferentes instrumentos de uma orquestra, explicando suas características e sons. Ao final, a orquestra executou a obra *“Concerto dos Bichos”*.

As crianças foram acolhidas com uma história relacionada ao tema, conheceram alguns espaços do teatro e, por fim, assistiram à apresentação. A atenção do grupo foi intensa, marcada por curiosidade e encantamento.

Após a visita, o interesse pela música continuou na sala de referência. As crianças passaram semanas pesquisando instrumentos e ouvindo novas composições, ampliando suas referências musicais e despertando também o interesse das famílias, que compartilharam com entusiasmo as descobertas das crianças.



Mapa da saída para a Paço das Artes.
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



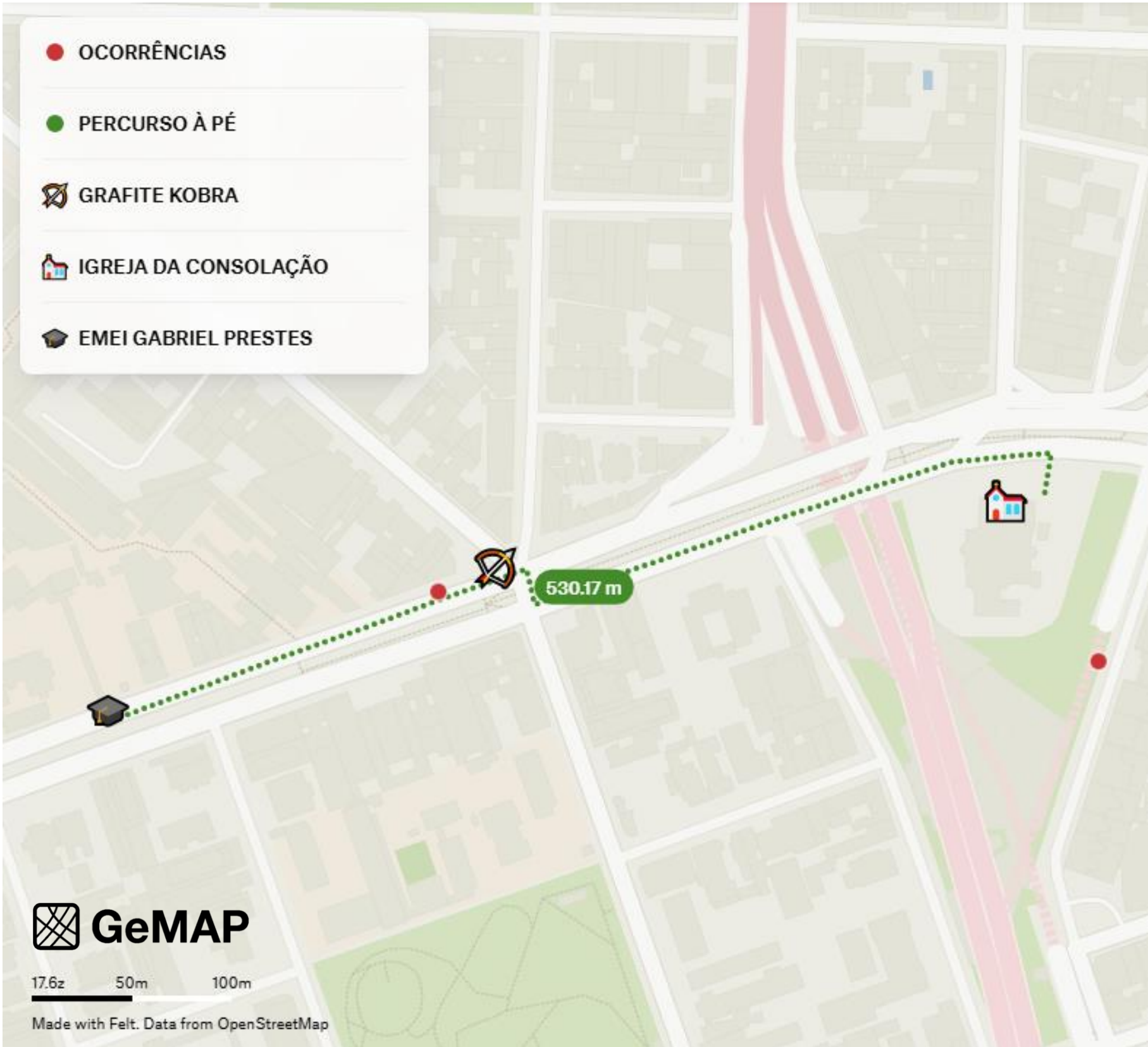
5.2.34– IGREJA DA CONSOLAÇÃO

A visita havia sido planejada inicialmente para que as crianças conhecessem os vitrais da Igreja da Consolação, em diálogo com as investigações sobre luz, cor e transparência desenvolvidas em sala. No entanto, durante a organização da saída, surgiu um desafio inesperado que abriu espaço para reflexões importantes sobre respeito, diversidade e convivência.

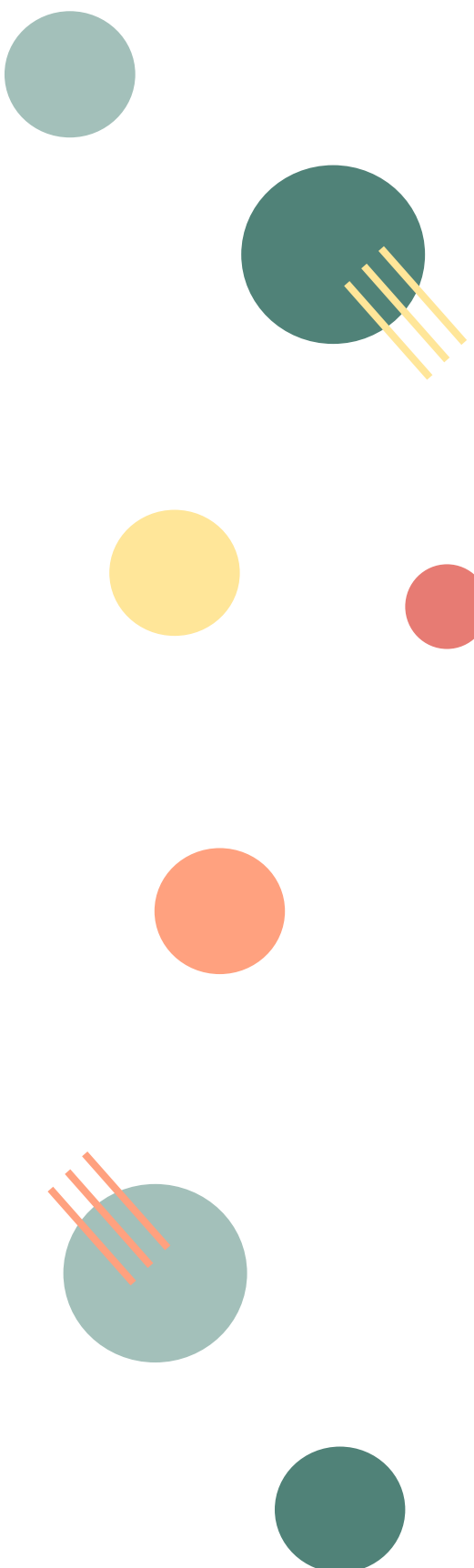
Uma das famílias demonstrou preocupação em autorizar a participação da filha, por se tratar de uma igreja católica, enquanto a família se identificava como evangélica. Esse momento se transformou em uma oportunidade de diálogo. A professora explicou que a proposta da visita não tinha caráter religioso, mas sim histórico, cultural e arquitetônico, destacando a importância de conhecer diferentes espaços da cidade e compreender suas diversas expressões culturais.

A conversa também trouxe reflexões sobre o futuro das crianças e suas possibilidades de formação. Conhecer a arquitetura da cidade, independentemente da função religiosa ou cultural dos edifícios, amplia repertórios e contribui para a formação cidadã. Aos poucos, o diálogo permitiu que a família compreendesse a proposta pedagógica da atividade.

Após esse processo de escuta e esclarecimento, a família decidiu autorizar a participação da criança. A visita foi realizada com grande parte do grupo e ocorreu de forma tranquila e significativa. As poucas ausências registradas estiveram relacionadas apenas a faltas ocasionais, sem outras restrições por parte das famílias.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



5.2.35 – RUA AVANHANDAVA

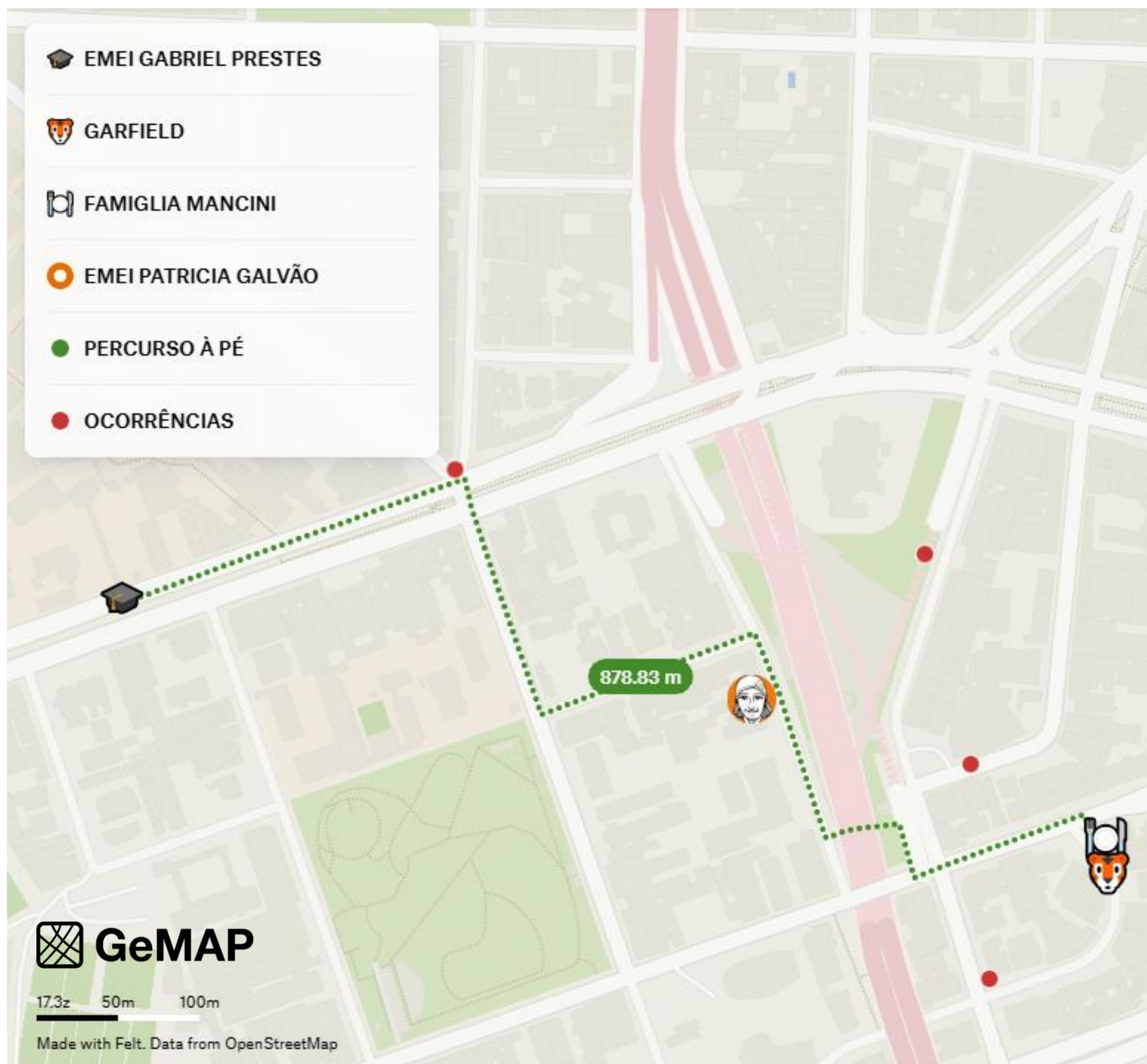
A Sony Pictures lançou uma exposição ao ar livre em homenagem ao filme *Garfield – Fora de Casa*, instalando estátuas do personagem em oito pontos icônicos da cidade. Cada uma delas contava com um *QRCode* que oferecia curiosidades culturais e gastronômicas sobre o local, e um desses pontos era a tradicional Rua Avandava.

Antes de levar o grupo, a professora realizou uma visita prévia para compreender melhor o contexto do espaço e planejar a experiência com as crianças. A Rua Avandava é conhecida por seu conjunto arquitetônico e paisagístico, pela presença de arte urbana e por seu perfil gastronômico, concentrando restaurantes tradicionais da cidade. Ao observar esse cenário, surgiu uma reflexão: sendo um espaço frequentemente associado a um público mais seletivo, por que não o ocupar também com as crianças, ampliando suas experiências na cidade?

Durante essa visita inicial, a professora apresentou aos responsáveis pelos restaurantes o projeto desenvolvido pela EMEI e a proposta de explorar o local com o grupo. A iniciativa foi bem recebida e resultou em uma parceria, com a oferta de suco e salgados para as crianças no dia da visita.

A preparação para o passeio também envolveu as crianças em momentos de investigação. Em roda de conversa, a professora utilizou o Google Maps para explorar os caminhos entre a escola e o destino, observar imagens do local e localizar as esculturas no mapa da cidade.

As famílias também foram envolvidas nesse processo, ampliando a reflexão sobre pertencimento e direito à cidade, reforçando que os espaços urbanos são públicos e podem ser vivenciados por todos.



Mapa da saída para a FUNARTE-SP
Elaborado no Felt.com, por Adriana Lima, 2024.



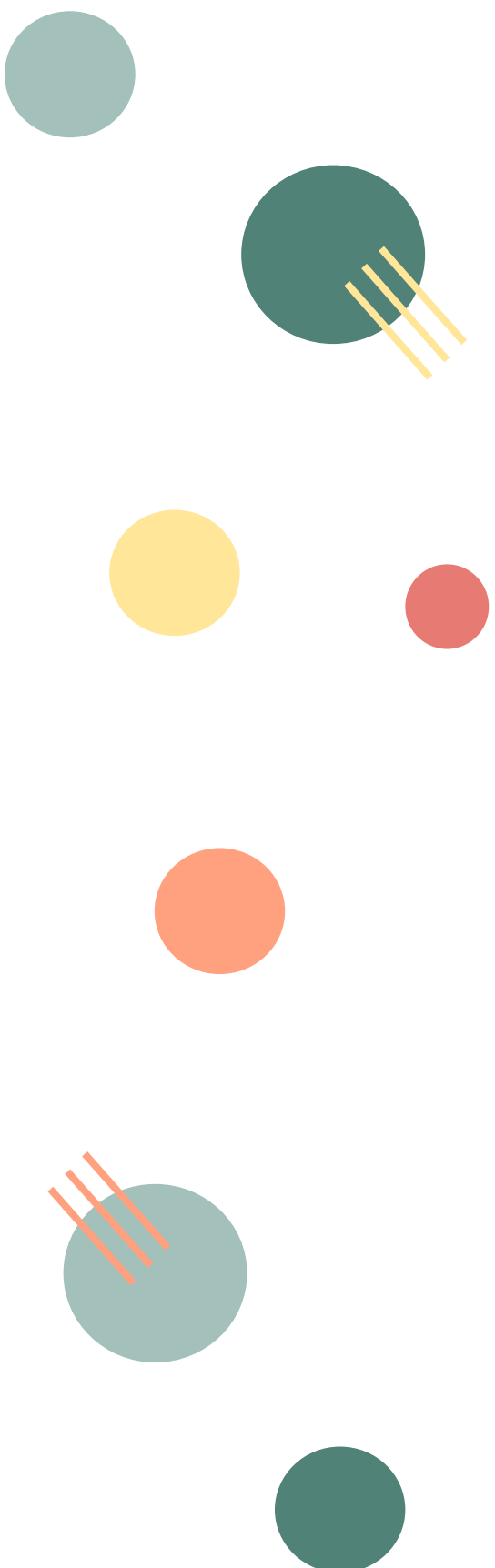
Sáda para o Pinacoteca
Foto de Adriana Lima, 2024.



Saída para FUNARTE
Foto de Adriana Lima, 2024.

06

CONSIDERAÇÕES



6.1 – ATRAVESSAMENTOS E DESAFIOS

As narrativas e registros mapográficos deste material evidenciam que a ocupação urbana pelas infâncias transcende a mera atividade externa, consolidando-se como ato político, estético e pedagógico de profundo impacto. Ao estruturar-se no projeto Território Educativo das Travessias, a EMEI Gabriel Prestes reafirma-se como um dos polos de cidadania. Essa prática materializa os princípios da cidade educadora, onde as vivências assumem centralidade formativa, rompendo a barreira estrutural entre escola e sociedade. Possibilitar esse acesso à metrópole não apenas potencializa oportunidades, mas corrobora para a formação de indivíduos autônomos e críticos.

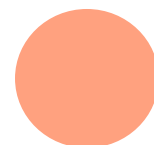
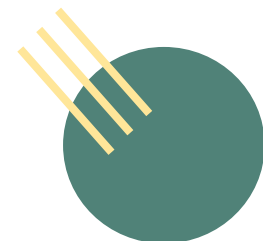
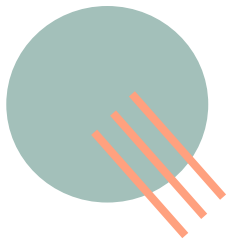
Ao cruzar os muros escolares para explorar ambientes públicos e privados, o grupo exerce o caminhar como autêntica apropriação espacial. Esse movimento subverte a lógica utilitária e mercantilista da cidade, impondo uma nova temporalidade e transformando as ruas em currículo vivo. Nesse processo, a cartografia ganha um papel libertador. Os mapas deixam de ser restritos ao controle técnico para se tornarem parte dos processos e ferramentas pedagógicas. Pelo mapeamento, educadoras e crianças redesenham o Centro de São Paulo, promovendo laços emocionais, fortalecendo a memória coletiva e o protagonismo infantil.

A visibilidade política das crianças é a conquista mais urgente destas propostas. Historicamente, o planejamento hegemônico invisibiliza e promove achatamento dos dados de uma série de perfis, incluindo a primeira infância, relegando-a ao ambiente doméstico e/ou a áreas controlada e segregadas, o que perpetua ciclos de exclusão. Regiões centrais, frequentemente estigmatizadas como degradadas, revelam imenso potencial educativo quando integradas à educação integral. O desafio é fazer as crianças enxergarem a cidade e serem reconhecidas por ela. Ao ocuparem ativamente os espaços, reivindicam seu direito à urbe, deixando de ser meros "cidadãos do futuro" para

atuar como sujeitos políticos do presente, utilizando suas múltiplas linguagens para interagir com o território.

Contudo, o sonho de transformar a metrópole em um ecossistema equitativo e acolhedor exige esforços articulados, em especial para evitar retrocessos. A resistência surge da necessidade de combater a marginalização e garantir o amplo direito à cidade. É fundamental que gestões e atores sociais construam ações intersetoriais integrando cultura, amparo social e educação. Atualmente, a infraestrutura urbana apresenta limitações de qualidade, segurança e acessibilidade, comprometendo a fluidez das experimentações. Reconhecer a criança como cidadã plena é crucial para interromper essa negligência histórica e fomentar comunidades fortalecidas.

Por fim, amparadas na resistência do coletivo contra processos de desapropriação e apagamento, as travessias provam que a educação democrática, pública e de qualidade exige a disputa territorial. Torna-se fundamental ampliar o debate sobre o lugar da infância no meio urbano, pautado sempre pela empatia e escuta. A presença nas ruas figura como um grito de resistência e esperança. Que cada percurso e mapa construído sirvam para reconquistar o direito inalienável de viver plenamente na maior cidade da América Latina, atestando que a construção de um cenário justo depende irrevogavelmente do respeito ao espaço e às políticas para as infâncias.





Saída para o Cortejo do Boi Pretinho
Foto de Amanda Pancieiro, 2024.



Saída para o Cortejo do Boi Pretinho
Foto de Amanda Pancieiro, 2024.

07

REFERÊNCIAS

ASSOCIACIÓN INTERNACIONAL DE CIUDADES EDUCADORAS. **Carta de Ciudades Educadoras [1990]**. Disponível em: <<https://www.edcities.org/carta-de-ciudades-educadoras/>>. Acessado em: 11.11.2024.

BASSANI, Jorge. **Mapas para quê?** GeMap - Grupo de Mapografias Urbanas. São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://gemapfau.wixsite.com/mapografias> >. Acessado em: 11.06.2024.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. 1ª edição, Editora Gustavo Gili, São Paulo, 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1957.

_____. **Teoria da Deriva**. Revista 2 Internacional Situacionista. 1958.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1**. 2ª Edição, São Paulo: Editora 34, 2011.

EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO (S.D.). **Na Virada da Educação 2019, o cortejo celebra a parceria entre escolas do centro de São Paulo**. Disponível em: < <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/na-virada-educacao-2019-cortejo-celebra-parceria-entre-escolas-centro-de-sao-paulo/#:~:text=%E2%80%99CO%20Territ%C3%B3rio%20Educativo%20das%20Travessias,do%20centro%20de%20S%C3%A3o%20Paulo> >. Acessado em> 15.11.2024.

GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. HARLEY, Brian. Textos y contextos en la interpretación de los primeros mapas. In: **La Nueva Natureza de los Mapas: Ensayos sobre la historia de la cartografía**. México: Fondo de Cultura Económica, 2005. Pág. 59-78.

ICONOCLASISTAS. **Manual de Mapeo Colectivo: Recursos Cartográficos Críticos para Procesos Territoriales de Creación Colaborativa**. Tinta Limón Ediciones, 2013.

LÉVY, Jacques. La cartographie, enjeu contemporain. In: Jacques Levy, Patrick Poncet et Emmanuelle Tricoire (org). **La carte, enjeu contemporain**. La Documentation Photographique, 2004, p. 1-16. Tradução de Eliane Kuvasney

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL GABRIEL PRESTES. **Projeto Político Pedagógico: 70 anos de escola**. Elaborado por Marilene Sales de Melo, na época, Coordenadora Pedagógica da instituição, 2023. Disponível em: < www.4.fe.usp.br >. Acessado em: 15.11.2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.). **As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59-104.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Série Mais Educação: Educação Integral – Texto referencia para o debate nacional**. Secretária da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2009.

NORONHA, Isabel. **A corografia medieval e a cartografia renascentista: testemunhos iconográficos de duas visões de mundo**. Manguinhos – História, Ciência e Saúde. Sielo Brasil, 2006. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LxJMWHVWzSznq9ZVXDG67WK/>>. Acessado em 24.06.2024.

OLIVA, Jaime. Conversações com a cartografia escolar: pra quem e pra que. In: **Desnaturalizar o espaço e a natureza: caminho para alternativas cartográficas**. São João Del- Rei: UFSJ, 2018, pág. 17-40.

PEDRO, Joanne Cristina e STECANELA, Nilda. **O Território Educativo na Política Educacional Brasileira: Silêncio, Ruídos e Reverberações**. Práxis Educativa. Volume 14, nº 02, pág. 589-600, 2019.

PINTO, Maria Faria e GALVANESE, Horácio Calligaris. **Requalificação do Centro de São Paulo - Projeto do Corredor Cultural**. In: VARGAS, Heliana Comins e CASTILHO, Ana Luiza Howard. **Intervenções em Centros Urbanos: Objetivos, Estratégias e Resultados**. 3ª edição. Editora Manole, São Paulo, 2015.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infantil**. São Paulo: SME, 2019. Disponível em: < www.sme.prefeitura.sp.gov.br >. Acessado em: 15.11.2024.

ROCHA, Eduardo e SANTOS, Thais Beltrame dos. **Como é a caminhografia urbana? Registrar, Jogar e Criar na Cidade**. Vitruvius, Arquitextos. Disponível em: < <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923> >. Acessado em: 20.06.2024.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. 2ª Edição, Editora Sulina, Porto Alegre, 2016.

SINGER, Helena (org.) **Territórios Educativos: Experiências em Diálogo com Bairro-Escola**. Volume 2, São Paulo, 2015.

VELASCO, Clara; PINHONI, Marina e FARIAS, Victor. **Mapa exclusivo: 7 a cada 10 roubos e furtos de veículos estão na Região Metropolitana de São Paulo; pesquise a sua rua**. G1, 13.08.2023. Disponível em: < <https://g1.globo.com/monitos-da-violencia/noticia/2023/08/13/mapa-exclusivo-7-a-cada-10-roubos-e-furtos-de-veiculos-no-estado-de-sp-estao-na-regiao-metropolitana-pesquise-sua-rua.ghtml> >. Acessado em: 10.11.2024.



Saída para a FAU-USP (CUASO)
Seminário Praça de Aulas
Foto de Carolina Clasen, 2024.



Saída para a FAU-USP (CUASO)
Seminário Praça de Aulas
Foto de Carolina Clasen, 2024.

